

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

O CONTO MARAVILHOSO E O DESENVOLVIMENTO DE UM  
RACIOCÍNIO ÉTICO

**VOL. II - ANEXOS**

OLGA MARIA COSTA DA FONSECA

FARO

2010

# ÍNDICE

	<b>p.</b>	<b>DVD</b>
<b>Anexo I – Questionário aplicado a docentes do Ensino Básico</b>	<b>3</b>	
Formulário do questionário (3 páginas) .....	4	
Tratamento de dados:		
a) Mapa de respostas para «Em que momento(s) surge o conto maravilhoso nas suas aulas?». .....	7	
b) Títulos de contos referidos e número de ocorrências. ....	8	
c) Lista de valores e defeitos referidos e número de ocorrências .....	10	
 Anexo II – Ficha de análise de motifemas .....	 12	
Anexo III – Questionário a alunas e alunos da E. B. 1 do Carmo	14	
a) Questionário de suporte às entrevistas – formulários .....	15	
b) Mapas de tratamento dos dados das respostas – Legenda .....	23	
<i>Sala da Prof. Madalena</i>		
Mapas de todas as respostas/turma/conto/personagens:		
«A Gata Borralheira» .....	24	
«A Branca de Neve» .....	26	
«O Gato das Botas» .....	28	
«O Capuchinho Vermelho» .....	30	
Mapas com totalidade de características atribuídas às personagens com indicação de respostas de meninos/meninas		
«A Gata Borralheira» .....	32	
«A Branca de Neve» .....	34	
«O Capuchinho Vermelho» .....	36	
«O Gato das Botas» .....	38	
 <i>Sala da Prof. Ina</i>		
Mapas de todas as respostas/turma/conto/personagens:		
«A Gata Borralheira» .....	40	
«A Branca de Neve» .....	42	
«O Gato das Botas» .....	44	
«O Capuchinho Vermelho» .....	46	
Mapas com totalidade de características atribuídas às personagens com indicação de respostas de meninos/meninas		
«A Gata Borralheira» .....	48	
«A Branca de Neve» .....	50	
«O Gato das Botas» .....	52	
«O Capuchinho Vermelho» .....	54	
 Anexo IV – Entrevista a António Fontinha .....	 56	√
Anexo V – Entrevista a Cristina Taquelim .....	77	√
Anexo VI – Questionário apresentado a alunas e alunos da formação inicial de professores da ESEC- UAlg .....	115	
Anexo VII – Valores Europeus .....	118	
Anexo VIII – «Teste do farmacêutico» - <i>O dilema de Heinz</i> (Kohlberg) ....	125	
Anexo IX – Níveis de desenvolvimento moral (Kohlberg) .....	127	
Anexo X – Código da Praxe Académica da UAlg .....	129	√
Anexo XI – Contos Tradicionais. Histórias com moral – (grafismo) .....	130	
Anexo XII – Publicidade Subliminar .....	132	

	<b>DVD</b>
Anexo XIII – Questões de ilustração (Gato das Botas) .....	134
Anexo XIV – Identificação incorrecta de autoria .....	136
Anexo XV – Contos e actividades para, alegadamente, ensinar a ler e a escrever .....	138
Anexo XVI – Contos, actividades e passatempos que, alegadamente, ajudam a crescer .....	142
Anexo XVII – <i>Uma gramática em histórias</i> – alguns maus exemplos .....	145
Anexo XVIII – Livro- jogo de tabuleiro .....	148
Anexo XIX – « Il était une fois... » - jogo de cartas para contar histórias ....	150
Anexo XX – A Arca dos contos - jogo de cartas para contar histórias .....	152
Anexo XXI – O conto maravilhoso em contextos exoliterários .....	154   √
Anexo XXII – O conto maravilhoso na literatura para adultos .....	158
Anexo XXIII – o conto maravilhoso noutros contextos exoliterários .....	161   √
Anexo XXIV – <i>O Capuchinho Cinzento</i> – Para crianças? .....	162   √
Anexo XXV – O conto maravilhoso num jogo de computador .....	165   √
Anexo XXVI – <i>As moedas de Ouro do Pinto Pimpão</i> o e-livro .....	166   √
Anexo XXVII – <i>O Capuchinho Cinzento</i> digitalizado .....	168
Anexo XXVIII – Novos contos maravilhosos para crianças? .....	169
Anexo XXIX – Questionário aplicado a alunas e alunos da Escola C+S do Monte da Caparica .....	176
Anexo XXX – <i>Boi Blimundo</i> – ilustrações elaboradas pelas crianças .....	178   √
Anexo XXXI – Textos de alunas e alunos da Escola EB1 Do Carmo .....	180
ANEXO XXXII – «O Pequeno Polegar» – Debate .....	196
a) Perguntas .....	197
b) Respostas .....	198
ANEXO XXXIII – Capas e ilustrações de Pécoud e de Vieira da Silva para <i>Les Malheurs de Sophie</i> .....	199
LBSE (síntese).....	√
Programa de Português do 1º Ciclo EB (Março de 2009) .....	√
Livro das competências essenciais .....	√

# ANEXO I

Neste anexo, incluímos o questionário apresentado a docentes do 1º ciclo do ensino básico e os mapas com o tratamento dos temas considerados mais pertinentes para este estudo:

- a) Em que contexto da aula e com que frequência é abordado o conto maravilhoso;
- b) Quais os títulos mais frequentemente abordados;
- c) Quais os valores considerados positivos? Quais os valores considerados negativos? Qual a frequência com que são referidos?

O questionário que se segue surge no âmbito de uma investigação sobre o papel do conto maravilhoso na construção de um sistema de valores. Solicito que tente dar respostas sucintas e agradeço, desde já, a sua colaboração.

Quantos anos tem de serviço? \_\_\_\_\_ Quantos alunos e alunas há na sua escola? \_\_\_\_\_

Em que momento(s) surge o conto maravilhoso nas suas aulas? \_\_\_\_\_

- Usa textos da tradição oral? Sim  Não ; se respondeu sim, diga se os conta  ou lê
- Usa textos de autor? Sim  Não ; se respondeu sim, diga se os conta de cor  ou lê
- Usa cassetes de vídeo? Sim  Não
- Quais os critérios de selecção do texto?

- a) tipo de personagens
- b) temática
- c) solicitação dos alunos e/ou das alunas
- d) preferências pessoais
- e) disponibilidade/ acessibilidade do texto
- f) valores veiculados
- g) linguagem
- h) ilustração
- i) outros

- Considera que os contos maravilhosos podem ser usados com fins moralizadores?  
Sim  Não  Porquê?

\_\_\_\_\_

- Indique alguns dos valores que considera importante transmitir às crianças

\_\_\_\_\_

- Indique alguns dos defeitos/vícios/pecados que considera importante combater

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- Indique entre 5 e sete títulos de contos que costume usar e, se for o caso, a moralidade que lhe está subjacente

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Conto: \_\_\_\_\_

Personagens	Defeitos	Virtudes

Moralidade:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

a) Os questionários foram entregues em três turmas (duas em Faro e uma no pólo de Portimão); obtivemos dezassete respostas, em cada uma das turmas de Faro e dez na de Portimão. As cores mostram a distribuição das respostas/turma/momento dedicado ao conto. Redigimos todos os tipos de resposta, distribuídas por momentos calendarizados ou não especificados. Quando à resposta que conjugam ambos os aspectos, indicamos a letra, para dizer se é especificado ou não e o número que remete para a resposta tipo.

17 + 17 + 10

1 Em que momento(s) surge o conto maravilhoso nas suas aulas?

A- Não especificado	B Regularmente/Calendarizado	C Outros
<p>1. Sempre que os alunos solicitam e quando há disponibilidade</p> <p>2. Em situações propícias</p> <p>3. Sempre que se justifique</p> <p>4. Como motivação/introdução para actividade de qualquer área, (A15 e B4)</p> <p>5. Quando há oportunidade</p> <p>6. para acalmar</p> <p>7. Quando solicitado pela maioria da turma</p> <p>8. Quando pretende transmitir valores morais e éticos</p> <p>9. Quando há disponibilidade de tempo</p> <p>10. qd calha</p> <p>11. Momentos previa/ estipulados e quando tiveram o acordo dos alunos</p> <p>12. Quando é oportuno e relacionado com tema.</p> <p>13. Quando relacionado com o tema da aula e conflitos surgidos na turma</p> <p>14. Relacionado c/língua portuguesa</p> <p>15. Aulas d educação cívica</p> <p>16 Sempre que possível</p> <p>17 Para iniciar dia de aulas ou para acalmar, depois almoço</p>	<p>1. Quinzenalmente</p> <p>2. Hora do conto (1 vez/semana)</p> <p>3. Uma vez por semana e/ou A3; mais A12 e A1</p> <p>4. Hora do conto e A4</p> <p>5. Hora do conto ou A2 e A6 ou A1</p> <p>6. À sexta-feira Após intervalo)</p> <p>7. No início das aulas</p> <p>8. Na hora da biblioteca</p> <p>9. À quinta-feira</p>	<p>Não responde</p> <p>Não há momento específicos</p> <p>Em qualquer altura e B4, A14</p>

b) TÍTULOS DE CONTOS REFERIDOS e número de ocorrências

( Dados obtidos com o questionário apresentado a docentes do EB 1º Ciclo)

Nota: Nas respostas estão misturados textos da tradição oral e textos de autor; contos maravilhosos e fábulas.

O Capuchinho Vermelho	26
A Gata Borracheira	25
A Branca de Neve	20
Carochinha e João Ratão	19
Os Três Porquinhos	10
A Raposa e a Cegonha	10
Os Sete Cabritinhos	8
A Lebre e a Tartaruga	8
A Cigarra e a Formiga	7
A Bela e o Monstro	6
A Galinha Ruiva	6
O Gato das Botas	6
O Patinho Feio	6
O Pinóquio	5
O Velho, o Rapaz e o Burro	5
A Menina do Mar	5
A Bela Adormecida	5
A Raposa e as Uvas	3
A Pomba e a Formiga	3
Alice no País das Maravilhas	3
O Macaco do Rabo Cortado	2
Os Dez Anões da Tia Verde Água	2
A casinha de Chocolate	2
O Leão e o Rato	2

O Alfaiate Valente	2
A Rã e o Boi	2
João e o Pé de Feijão	1
O Pequeno Polegar	1
A Fada Oriana	1
Papuça e Dentuça	1
O Gigante Egoísta	1
Gil Moniz e a Ponta do Nariz	1
O Cão e o Gato	1
As Três Irmãs	1
A Raposa e a Águia	1
A Galinha dos Ovos de Ouro	1
A Raposa Terrível e a Pata Capitolina	1
O Cavalinho de Fogo e o Cavalinho de Gelo	1

c) Valores a veicular; defeitos a combater – Número de ocorrências

( Dados obtidos com o questionário apresentado a docentes do EB 1º Ciclo)

VALORES a veicular		DEFEITOS a combater	
Amizade	24	Mentira	14
Respeito/ mútuo/pelos outros	24	Egoísmo	13
Solidariedade	14	Vaidade	11
Verdade	9	Inveja	10
Honestidade	9	Preguiça	10
Humildade	8	Incompreensão/Intolerância	6
Partilha	8	Falta de respeito	5
Tolerância	7	Desonestidade	4
Bondade	6	Maldade	4
Sinceridade	6	Orgulho	4
Amor	5	Agressividade	3
Compreensão	4	Discriminação	3
Educação	4	Falsidade	3
Justiça	4	Hipocrisia	3
Lealdade	4	Vingança	3
Persistência	4	Arrogância	2
Cumprimento de regras	3	Crueldade	2
Generosidade	3	Injustiça	2
Obediência ao adulto	3	Irresponsabilidade	2
Responsabilidade	3	Ócio	2
Transmissão de costumes	3	Ódio	2
Autonomia	2	Racismo	2
Fraternidade	2	Rebeldia	2
Espírito de entreaajuda	2	Barulho	1
Igualdade	2	Calúnia	1
Confiança	2	Competitividade	1

Auto-estima	1
Beleza interior	1
Confiança	1
Coragem	1
Cordialidade	1
Cuidar do material	1
Empenhamento no trabalho	1
Õ mal não compensa	1
Perdão	1
Persistência	1
Sacrifício p/ conseguir melhor	1
Sentido Crítico	1
Trabalho	1
Valores estéticos	1
Valores sentimentais	1

Consumismo	1
Heroísmo	1
Indiferença	1
Individualismo	1
Ingratidão	1
Má educação	1
Poder	1
Prepotência	1
Rancor	1

## ANEXO II

Este anexo consiste na ficha que elaborámos para a análise dos motifemas **interdito (ou injunção) / transgressão / consequências** dos contos maravilhosos, reunidos no arquivo do Centro de Estudos Ataíde Oliveira. Pretendíamos tentar identificar que aspectos morais eram valorizados e quais os que eram penalizados pelo conto maravilhoso.

Não é apresentado tratamento de dados pois, ainda na fase de recolha destes, verificámos não haver relação directa entre os motifemas acima referidos e um eventual sistema de valores.



## ANEXO III

Este anexo integra a ficha que serviu de apoio à entrevista levada a cabo junto de alunas e alunos de duas turmas do 4º ano da Escola EB1 do Carmo, em Faro, bem como os mapas do tratamento de alguns dos dados recolhidos.

As fichas de questionário /entrevista referem-se a quatro contos: «A Branca de Neve», «O Capuchinho Vermelho», «A Gata Borralheira», «O Gato das Botas».

No tratamento das respostas, apresentamos

- os quadros em que se pode observar, para cada conto e em cada turma, quantas alunas e quantos alunos conhecem uma versão do conto e que características relacionam com as personagens;
- os quadros em que podemos observar quais as características atribuídas a cada personagem pelas meninas, quais as atribuídas pelos meninos e qual o número total de ocorrências.

*A Branca de Neve*

Escola \_\_\_\_\_ data \_\_/\_\_/\_\_ Prof. \_\_\_\_\_

Aluno/a: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

**1** Branca de Neve ; **2** Mãe de Branca de Neve; **3** Pai de Branca de Neve; **4** Madrasta de Branca de Neve; **5** Criado; **6** Anões; **7** Bruxa; **8** Príncipe; **9** \_\_\_\_\_

1.Versão conhecida (Síntese) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1. Que personagem gostarias de ter como amigo ou amiga? \_\_\_\_\_

1.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. De quem não gostarias de ser vizinho ou vizinha? \_\_\_\_\_

2.1 Porquê? \_\_\_\_\_

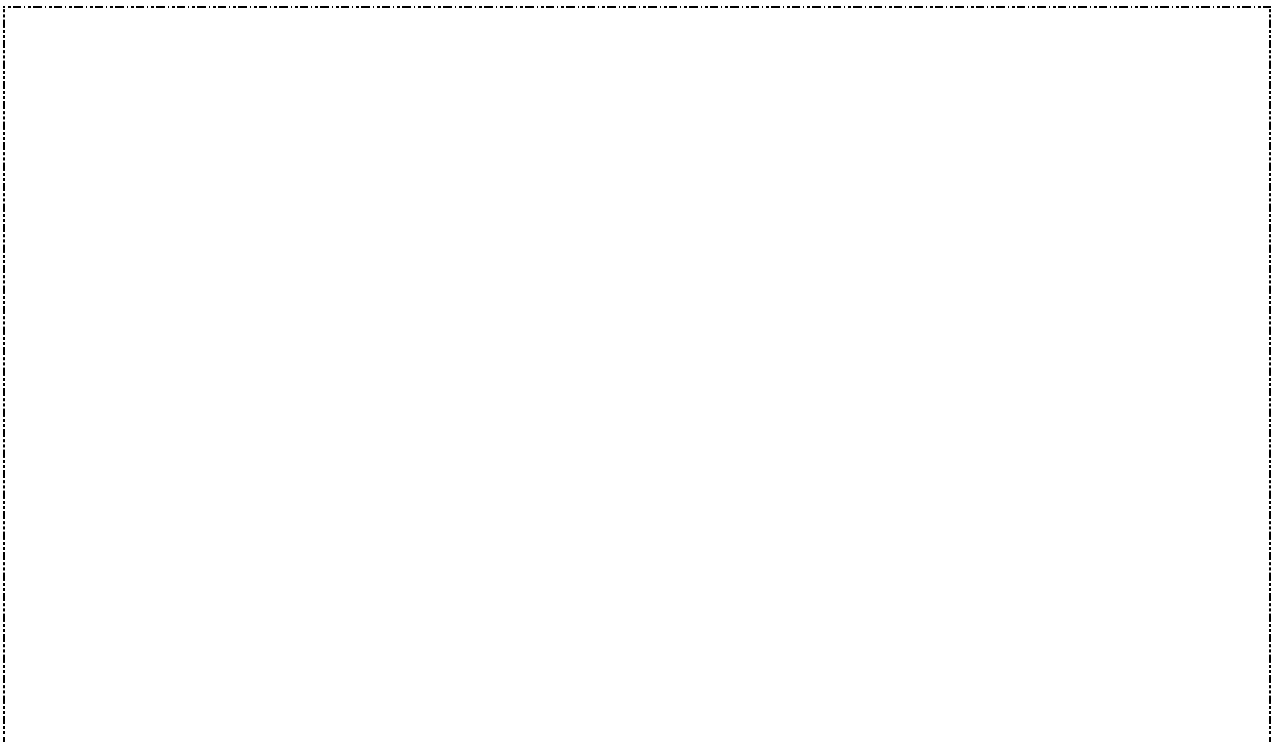
\_\_\_\_\_

3. Que personagem gostarias de representar em teatro? \_\_\_\_\_

3.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4.Desenha uma das personagens:



5. Liga cada personagem aos adjetivos que a caracterizam.

<b>Branca de Neve</b>	Obediente	<b>Anões</b>	Obedientes
	Boa		Bons
	Desobediente		Desobediente
	Trabalhadora		s
	Perigosa		Trabalhadore
	Bonita		s
	Traíçoeira		Perigosos
	Invejosa		Bonitos
	Amiga		Traíçoeiros
	Apaixonada		Invejosos
	Corajosa		Amigos
	Mentirosa		Apaixonados
	Triste		Corajosos
	Alegre		Mentirosos
	Tristes		
	Alegres		

<b>Madrasta</b>	Obediente	<b>Príncipe</b>	Obediente
	Boa		Bom
	Desobediente		Desobediente
	Trabalhadora		Trabalhador
	Perigosa		Perigoso
	Bonita		Bonito
	Traíçoeira		Traíçoeiro
	Invejosa		Invejoso
	Amiga		Amigo
	Apaixonada		Apaixonado
	Corajosa		Corajoso
	Mentirosa		Mentiroso
	Triste		Triste
	Alegre		Alegre

6. Gostaste do final da história? \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## *O Capuchinho Vermelho*

Escola: \_\_\_\_\_ data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Prof \_\_\_\_\_

Aluno/a: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

**1 Mãe do Capuchinho Vermelho; 2 C. Vermelho; 3 Lobo; 4 Avó; 5 Caçador; 6. Lenhador**

1. Versão conhecida (Síntese) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Que personagem gostarias de ter como amigo ou amiga? \_\_\_\_\_

2.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. De quem não gostarias de ser vizinho ou vizinha? \_\_\_\_\_

2.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Que personagem gostarias de representar em teatro? \_\_\_\_\_

3.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Desenha uma das personagens:

5. Liga cada personagem aos adjectivos que a caracterizam.

<b>Mãe</b>	Curiosa	<b>Capuchinho Vermelho</b>	Curiosa
	Obediente		Obediente
	Boa		Boa
	Distraída		Distraída
	Protectora		Protectora
	Desobediente		Desobediente
	Simpática		Simpática
	Perigosa		Perigosa
	Bonita		Bonita
	Traiçoeira		Traiçoeira
	Gulosa		Gulosa
	Amiga		Amiga
	Corajosa		Corajosa
Triste	Triste		

<b>Lobo</b>	Curioso	<b>Caçador/lenhador</b>	Curioso
	Obediente		Obediente
	Bom		Bom
	Distraído		Distraído
	Protector		Protector
	Desobediente		Desobediente
	Simpático		Simpático
	Perigoso		Perigoso
	Bonito		Bonito
	Traiçoeiro		Traiçoeiro
	Guloso		Guloso
	Amigo		Amigo
	Corajoso		Corajoso
Triste	Triste		

6. Gostaste do final da história? \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*A Gata Borralheira*

Escola: \_\_\_\_\_ data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Prof \_\_\_\_\_

Aluno/a: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

**1** Gata Borralheira/Cinderela; **2** Irmãs; **3** Madrasta; **4** Príncipe **5** \_\_\_\_\_

1. Versão conhecida (Síntese) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Que personagem gostarias de ter como amigo ou amiga? \_\_\_\_\_

3.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. De quem não gostarias de ser vizinho ou vizinha? \_\_\_\_\_

2.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Que personagem gostarias de representar em teatro? \_\_\_\_\_

3.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Desenha uma personagem à tua escolha:



5. Liga cada personagem aos adjectivos que a caracterizam.

<b>Gata Borralheira</b> <b>Cinderela</b>	Preguiçosa	<b>Irmãs</b>	Preguiçosas
	Trabalhadora		Trabalhadoras
	Má		Más
	Triste		Tristes
	Boa		Boas
	Fingida		Fingidas
	Apaixonada		Apaixonadas
	Invejosa		Invejosas
	Feia		Feias
	Amiga		Amigas
	Mentirosa		Mentirosas
	Bonita		Bonitas
	Perigosa		Perigosas
Alegre	Alegres		

<b>Madrasta</b>	Preguiçosa	<b>Príncipe</b>	Preguiçoso
	Trabalhadora		Trabalhador
	Má		Mau
	Triste		Triste
	Boa		Bom
	Fingida		Fingido
	Apaixonada		Apaixonado
	Invejosa		Invejoso
	Feia		Feio
	Amiga		Amigo
	Mentirosa		Mentiroso
	Bonita		Bonito
	Perigosa		Perigoso
Alegre	Alegre		

6. Gostaste do final da história? \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

***O Gato das Botas***

Escola: \_\_\_\_\_ data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Prof. \_\_\_\_\_

Aluno/a: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

**1 Rapaz (filho mais novo) ; 2 Gato das Botas; 3 Rei; 4 Gigante 5 Princesa; 6 \_\_\_\_\_**

1. Versão conhecida (Síntese) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Que personagem gostarias de ter como amigo ou amiga? \_\_\_\_\_

4.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. De quem não gostarias de ser vizinho ou vizinha? \_\_\_\_\_

2.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Que personagem gostarias de representar em teatro? \_\_\_\_\_

3.1 Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Desenha uma personagem à tua escolha:



5. Liga cada personagem aos adjectivos que a caracterizam.

<b>Rapaz (filho mais novo)</b>	Obediente	<b>Gato das Botas</b>	Obediente
	Bom		Bom
	Corajoso		Corajoso
	Perigoso		Perigoso
	Inteligente		Inteligente
	Bonito		Bonito
	Traíçoeiro		Traíçoeiro
	Invejoso		Invejoso
	Amigo		Amigo
	Ladrão		Ladrão
	Mentiroso		Mentiroso
	Justo		Justo
Mau	Mau		
Preguiçoso	Preguiçoso		

<b>Gigante/Ogre</b>	Obediente	<b>Rei</b>	Obediente
	Bom		Bom
	Corajoso		Corajoso
	Perigoso		Perigoso
	Inteligente		Inteligente
	Bonito		Bonito
	Traíçoeiro		Traíçoeiro
	Invejoso		Invejoso
	Amigo		Amigo
	Ladrão		Ladrão
	Mentiroso		Mentiroso
	Justo		Justo
Mau	Mau		
Preguiçoso	Preguiçoso		

6. Gostaste do final da história? \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tratamento de dados obtidos no questionário apresentado durante a entrevista a crianças de duas turmas de 4º ano da EB1 do Carmo – Caracterização de personagens.

## Mapas das respostas

LEGENDA para os mapas com todas as respostas de cada sala

	Rapaz que não conhece a história
♂	Seleccionado por um menino
X	Não caracterizou (menino)
	Rapariga que não conhece a história
♀	Seleccionado por menina
X	Não caracterizou (menina)

a) No primeiro conjunto de mapas, estão reunidos todos os dados, por forma a ter uma ideia da sala e o número de crianças que conhecem/desconhecem o conto.

b) Nos mapas seguintes, encontram-se apenas os dados relativos às crianças mostraram conhecer uma versão do conto.

♂ - Resposta dada por menino

♀ - Resposta dada por menina

A GATA BORRALHEIRA  
Professora Madalena  
A GATA BORRALHEIRA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Preguiçosa																								
Trabalhadora			♀			♂	♀		♀	♂	♀	♀						♀				♂		
Má																								
Triste			♀			♂				♂	♀	♀										♂		
Boa				♀			♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀						
Fingida																								
Apaixonada			♀	♀		♂			♀	♂	♀		♂			♂								
Invejosa																		♀						
Feia																								
Amiga			♀	♀		♂	♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀				♂		
Mentirosa																								
Bonita			♀	♀		♂	♀		♀	♂	♀					♂		♀						
Perigosa																								
Alegre				♀		♂	♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀						

IRMÃS																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Preguiçosas			♀			♂	♀			♂	♀					♂		♀							
Trabalhadoras																									
Más			♀			♂	♀		♀	♂	♀	♀	♂			♂		♀				♂			
Tristes																									
Boas																									
Fingidas			♀	♀		♂	♀			♂	♀		♂			♂									
Apaixonadas						♂				♂	♀		♂			♂									
Invejosas			♀	♀		♂	♀			♂	♀	♀	♂			♂						♂			
Feias			♀			♂	♀		♀				♂			♂		♀							
Amigas																									
Mentirosas						♂	♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀							
Bonitas										♂															
Perigosas						♂			♀	♂	♀		♂			♂						♂			
Alegres										♂			♂												

MADRATA																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Preguiçosa			♀			♂	♀		♀	♂	♀							♀							
Trabalhadora																									
Má			♀	♀		♂	♀		♀	♂	♀	♀	♂			♂		♀				♂			
Triste																♂									
Boa																									
Fingida						♂	♀		♀	♂	♀	♀	♂			♂									
Apaixonada																									
Invejosa				♀		♂	♀		♀		♀		♂			♂						♂			
Feia			♀			♂	♀		♀	♂			♂			♂		♀							
Amiga																									
Mentirosa						♂	♀		♀	♂	♀					♂		♀							
Bonita																									
Perigosa						♂			♀	♂			♂			♂						♂			
Alegre																									

PRÍNCIPE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Preguiçoso																									
Trabalhador									♀		♀		♂			♂									
Mau																									
Triste																									
Bom			♀	♀			♀		♀	♂	♀	♀	♂			♂		♀				♂			
Fingido																									
Apaixonado			♀	♀		♂			♀	♂	♀		♂			♂		♀							
Invejoso																									
Feio																									
Amigo				♀			♀		♀	♂	♀	♀	♂			♂		♀							
Mentiroso																									
Bonito			♀	♀		♂	♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀				♂			
Perigoso																									
Alegre							♀		♀	♂	♀		♂			♂		♀				♂			

A BRANCA DE NEVE

Professora Madalena

BRANCA DE NEVE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente	♂	♂						♂		X								♀							
Boa	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X		♀		♂	♀	♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Desobediente			♀		♂					X															
Trabalhadora	♂	♂	♀	♀	♂		♀	♂		X		♀		♂				♀				♂		♂	
Perigosa										X					♀										
Bonita	♂	♂	♀		♂	♂	♀	♂		X		♀		♂		♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Traiçoeira										X															
Invejosa										X				♂											
Amiga	♂	♂	♀	♀		♂	♀	♂		X		♀				♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Apaixonada	♂		♀	♀	♂	♂		♂		X						♂			♀					♂	
Corajosa	♂					♂	♀			X						♂		♀						♂	
Mentirosa										X															
Triste			♀							X										♀					
Alegre	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X						♂	♂	♀	♀			♂		♂	

ANÕES																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obedientes										X															
Bons		♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X		♀		♂	♀	♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Desobedientes										X															
Trabalhadores	♂	♂	♀	♀		♂	♀	♂		X		♀		♂	♀	♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Perigosos										X															
Bonitos			♀	♀	♂		♀			X				♂								♂		♂	
Traiçoeiros	♂									X															
Invejosos										X															
Amigos		♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X				♂		♂	♂	♀	♀			♂		♂	
Apaixonados										X															
Corajosos	♂					♂				X				♂		♂		♀						♂	
Mentirosos										X															
Tristes	♂		♀							X						♂			♀						
Alegres	♂	♂	♀	♀		♂	♀	♂		X		♀		♂		♂	♂	♀	♀			♂		♂	

MADRATA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
Obediente										X														♂		
Boa										X																
Desobediente	♂	♂								X									♀						♂	
Trabalhadora										X																
Perigosa	♂	♂	♀	♀		♂	♀	♂		X		♀		♂	♀	♂	♂	♀	♀			♂			♂	
Bonita					♂					X																
Traiçoeira	♂	♂				♂	♀	♂		X				♂	♀				♀	♀			♂		♂	
Invejosa		♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X		♀		♂		♂				♀			♂		♂	
Amiga										X																
Apaixonada						♂				X																
Corajosa	♂									X						♂			♀							
Mentirosa	♂	♂		♀		♂	♀	♂		X				♂		♂							♂		♂	
Triste	♂		♀	♀						X						♂				♀					♂	
Alegre			♀							X																

PRÍNCIPE

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
Obediente	♂				♂					X									♀							
Bom	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X		♀		♂	♀	♂	♂	♀	♀			♂			♂	
Desobediente										X																
Trabalhador	♂	♂								X						♂										♂
Perigoso										X																
Bonito	♂		♀	♀	♂	♂	♀	♂		X						♂	♂	♀	♀				♂			♂
Traiçoeiro										X																
Invejoso										X																
Amigo	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X				♂	♀	♂	♂	♀	♀				♂			♂
Apaixonado	♂		♀	♀	♂	♂		♂		X				♂		♂			♀	♀						♂
Corajoso	♂	♂			♂	♂	♀	♂		X				♂		♂							♂			♂
Mentiroso										X																
Triste			♀							X																
Alegre	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂		X						♂	♂	♀	♀				♂			♂

♂♀ O GATO DAS BOTAS  
Professora Madalena

Rapaz – FILHO MAIS NOVO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente																									
Bom							♀											♀							
Corajoso																									
Perigoso																									
Inteligente																									
Bonito							♀											♀							
Traíçoeiro																									
Invejoso																		♀							
Amigo							♀											♀							
Ladrão																									
Mentiroso																									
Justo																									
Mau																									
Preguiçoso																									

GATO DAS BOTAS																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente																									
Bom							♀											♀							
Corajoso							♀											♀							
Perigoso																									
Inteligente							♀											♀							
Bonito							♀											♀							
Traíçoeiro																									
Invejoso																									
Amigo							♀											♀							
Ladrão																									
Mentiroso																		♀							
Justo							♀																		
Mau																									
Preguiçoso																									

GIGANTE/OGRE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente																									
Bom																									
Corajoso																		♀							
Perigoso							♀																		
Inteligente																									
Bonito																									
Traíçoeiro																									
Invejoso																									
Amigo																									
Ladrão																									
Mentiroso																		♀							
Justo																									
Mau							♀											♀							
Preguiçoso																									

REI																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente																									
Bom							♀											♀							
Corajoso																									
Perigoso																									
Inteligente																									
Bonito							♀											♀							
Traíçoeiro																									
Invejoso																									
Amigo							♀											♀							
Ladrão																									
Mentiroso																									
Justo																									
Mau																									
Preguiçoso																									

♂♀ O CAPUCHINHO VERMELHO

Professora Madalena

MÃE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curiosa	X															♂									
Obediente	X				♂								♂												
Boa	X	♂		♀	♂		♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂	♀	♂		♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	
Distraída	X																							♂	
Protectora	X	♂	♀			♂	♀	♂		♂		♀		♂								♂		♂	
Desobediente	X																								
Simpática	X	♂		♀	♂	♂		♂	♀	♂			♂			♂		♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	
Perigosa	X																								
Bonita	X				♂	♂	♀	♂	♀	♂			♂	♂	♀	♂		♀	♀	♀	♂		♀	♂	
Traíçoeira	X																								
Gulosa	X																								
Amiga	X	♂	♀		♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂			♂	♂	♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	
Corajosa	X			♀						♂								♀		♀			♀	♂	
Triste	X																								

CAPUCHINHO VERMELHO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curiosa							♀			♂						♂						♂			
Obediente						♂		♂					♂	♂						♀					
Boa	♂	♂			♂	♂	♀	♂	♀	♂			♂	♂	♀	♂	♂	♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	
Distraída				♀						♂						♂								♂	
Protectora	♂																							♂	
Desobediente	♂	♂	♀	♀	♂		♀			♂		♀				♂									
Simpática					♂	♂		♂	♀	♂		♀	♂	♂	♀	♂		♀		♀		♂	♀	♂	
Perigosa	♂																								
Bonita				♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂		♂		♀	♀	♀	♂		♀	♂	
Traíçoeira																									
Gulosa																									
Amiga		♂		♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	
Corajosa			♀				♀	♂	♀	♂			♂					♀		♀			♀	♂	
Triste																									

LOBO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curioso	♂		♀		♂	♂				♂						♂		♀						♂	
Obediente																									
Bom																				♀					
Distraído	♂																								
Protector	♂																								
Desobediente	♂	♂							♀	♂			♂			♂		♀	♀						
Simpático																							♀		
Perigoso	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂	♀	♂	♂	♀	♀		♂	♂		♂	
Bonito	♂																			♀			♀		
Traíçoeiro	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂		♂	♂	♀				♂		♂	
Guloso		♂	♀	♀	♂	♂		♂	♀	♂					♀	♂		♀	♀		♂	♂	♀	♂	
Amigo																									
Corajoso	♂																	♀		♀			♀	♂	
Triste										♂															

CAÇADOR/LENHADOR																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curioso	X														X			X						♂	
Obediente	X				♂					♂			♂		X			X							
Bom	X		♀	♀	♂		♀	♂	♀			♀	♂	♂	X	♂		X	♀		♂	♂	♀	♂	
Distraído	X														X			X							
Protector	X		♀	♀		♂	♀	♂		♂		♀	♂	♂	X	♂		X				♂		♂	
Desobediente	X														X			X							
Simpático	X	♂	♀	♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂	X	♂	♂	X	♀			♂	♀	♂	
Perigoso	X														X			X							
Bonito	X				♂		♀	♂	♀	♂			♂		X			X	♀				♀	♂	
Traíçoeiro	X														X			X							
Guloso	X									♂					X			X							
Amigo	X	♂	♀		♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂	♂	X	♂		X	♀		♂	♂	♀	♂	
Corajoso	X	♂		♀	♂	♂	♀	♂	♀	♂		♀	♂		X	♂		X		♀	♂		♀	♂	
Triste	X														X			X							

A GATA BORRALHEIRA  
Sala da professora Madalena

GATA B.	6	10	13	16	22	3	4	7	9	11	12	18	TOT	
Preguiçosa													00	Preguiçosa
Trabalhadora	♂	♂			♂	♀		♀	♀	♀	♀	♀	09	Trabalhadora
Má													00	Má
Triste	♂	♂			♂	♀				♀	♀		06	Triste
Boa		♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀		♀	08	Boa
Fingida													00	Fingida
Apaixonada	♂	♂	♂	♂		♀	♀		♀	♀			08	Apaixonada
Invejosa												♀	01	Invejosa
Feia													00	Feia
Amiga	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀	11	Amiga
Mentirosa													00	Mentirosa
Bonita	♂	♂		♂		♀	♀	♀	♀	♀		♀	09	Bonita
Perigosa													00	Perigosa
Alegre	♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀		♀	09	Alegre

IRMÃS	6	10	13	16	22	3	4	7	9	11	12	18		
Preguiçosas	♂	♂		♂		♀		♀		♀		♀	07	Preguiçosas
Trabalhadoras													00	Trabalhadoras
Más	♂	♂	♂	♂	♂	♀		♀	♀	♀	♀	♀	11	Más
Tristes													00	Tristes
Boas													00	Boas
Fingidas	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀		♀			08	Fingidas
Apaixonadas	♂	♂		♂									03	Apaixonadas
Invejosas	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀		♀	♀		10	Invejosas
Feias	♂		♂	♂		♀		♀	♀			♀	07	Feias
Amigas													00	Amigas
Mentirosas	♂	♂	♂	♂				♀	♀	♀		♀	08	Mentirosas
Bonitas		♂											00	Bonitas
Perigosas	♂	♂	♂	♂	♂				♀	♀			07	Perigosas
Alegres		♂	♂										02	Alegres

A GATA BORRALHEIRA  
Sala da professora Madalena

MADRASTA	6	10	13	16	22	3	4	7	9	11	12	18		
Preguiçosa	♂	♂				♀		♀	♀	♀		♀	07	Preguiçosa
Trabalhadora													00	Trabalhadora
Má	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	12	Má
Triste				♂									01	Triste
Boa													00	Boa
Fingida	♂	♂	♂	♂				♀	♀	♀	♀		08	Fingida
Apaixonada													00	Apaixonada
Invejosa	♂		♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀			08	Invejosa
Feia	♂	♂	♂	♂		♀		♀	♀			♀	08	Feia
Amiga													00	Amiga
Mentirosa	♂	♂		♂				♀	♀	♀		♀	07	Mentirosa
Bonita													00	Bonita
Perigosa	♂	♂	♂	♂	♂				♀				06	Perigosa
Alegre													00	Alegre

PRÍNCIPE	6	10	13	16	22	3	4	7	9	11	12	18		
Preguiçoso													00	Preguiçoso
Trabalhador			♂	♂					♀	♀			04	Trabalhador
Mau													00	Mau
Triste													00	Triste
Bom		♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	11	Bom
Fingido													00	Fingido
Apaixonado	♂	♂	♂	♂		♀	♀		♀	♀		♀	09	Apaixonado
Invejoso													00	Invejoso
Feio													00	Feio
Amigo		♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀	♀	♀	09	Amigo
Mentiroso													00	Mentiroso
Bonito	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀	11	Bonito
Perigoso													00	Perigoso
Alegre		♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀		♀	08	Alegre

A BRANCA DE NEVE  
Sala da professora Madalena

BRANCA de NEVE	1	2	5	6	8	10	14	16	17	22	24	3	4	7	12	15	18	19		BRANCA de NEVE
Obediente	♂	♂			♂	X											♀		04	Obediente
Boa	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	17	Boa
Desobediente			♂			X						♀							02	Desobediente
Trabalhadora	♂	♂	♂		♂	X	♂			♂	♂	♀	♀	♀	♀		♀		12	Trabalhadora
Perigosa						X										♀			01	Perigosa
Bonita	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀		♀	♀		♀	♀	15	Bonita
Traíçoira						X													00	Traíçoira
Invejosa						X	♂												01	Invejosa
Amiga	♂	♂		♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀		♀	♀	14	Amiga
Apaixonada	♂		♂	♂	♂	X		♂			♂	♀	♀					♀	09	Apaixonada
Corajosa	♂			♂		X		♂			♂			♀				♀	06	Corajosa
Mentirosa						X													00	Mentirosa
Triste						X						♀						♀	02	Triste
Alegre	♂	♂	♂	♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀			♀	♀	14	Alegre

ANÕES	1	2	5	6	8	10	14	16	17	22	24	3	4	7	12	15	18	19		ANÕES
Obedientes						X													00	Obedientes
Bons		♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	16	Bons
Desobedientes						X													00	Desobedientes
Trabalhadores	♂	♂		♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	16	Trabalhadores
Perigosos						X													00	Perigosos
Bonitos			♂			X	♂			♂	♂	♀	♀	♀					07	Bonitos
Traíçoeiros	♂					X													01	Traíçoeiros
Invejosos						X													00	Invejosos
Amigos		♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀			♀	♀	14	Amigos
Apaixonados						X													00	Apaixonados
Corajosos	♂			♂		X	♂	♂			♂						♀		06	Corajosos
Mentirosos						X													00	Mentirosos
Tristes	♂					X		♂				♀						♀	04	Tristes
Alegres	♂	♂		♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀		♀	♀	15	Alegres

A BRANCA DE NEVE  
Sala da professora Madalena

MADRASTA	1	2	5	6	8	10	14	16	17	22	24	3	4	7	12	15	18	19		MADRASTA
Obediente						X					♂								01	Obediente
Boa						X													00	Boa
Desobediente	♂	♂				X					♂						♀		04	Desobediente
Trabalhadora						X													00	Trabalhadora
Perigosa	♂	♂		♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	16	Perigosa
Bonita			♂			X													01	Bonita
Traíçoeira	♂	♂		♂	♂	X	♂			♂	♂			♀		♀	♀	♀	11	Traíçoeira
Invejosa		♂	♂	♂	♂	X	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀	♀			♀	13	Invejosa
Amiga						X													00	Amiga
Apaixonada				♂		X													01	Apaixonada
Corajosa	♂					X		♂									♀		03	Corajosa
Mentirosa	♂	♂		♂	♂	X	♂	♂		♂	♂		♀	♀					10	Mentirosa
Triste	♂					X		♂			♂	♀	♀					♀	06	Triste
Alegre						X						♀							01	Alegre

PRÍNCIPE	1	2	5	6	8	10	14	16	17	22	24	3	4	7	12	15	18	19		PRÍNCIPE
Obediente	♂		♂			X												♀	03	Obediente
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	17	Bom
Desobediente						X													00	Desobediente
Trabalhador	♂	♂				X		♂			♂								04	Trabalhador
Perigoso						X													00	Perigoso
Bonito	♂		♂	♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀			♀	♀	13	Bonito
Traíçoeiro						X													00	Traíçoeiro
Invejoso						X													00	Invejoso
Amigo	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀		♀	♀	♀	16	Amigo
Apaixonado	♂		♂	♂	♂	X	♂	♂			♂	♀	♀					♀	10	Apaixonado
Corajoso	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂	♂		♂	♂			♀					10	Corajoso
Mentiroso						X													00	Mentiroso
Triste						X						♀							01	Triste
Alegre	♂	♂	♂	♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀			♀	♀	14	Alegre

## O CAPUCHINHO VERMELHO

Sala da professora Madalena

MÃE	1	2	5	6	8	10	13	14	16	17	21	22	24	3	4	7	9	12	15	18	19	20	23		MÃE
Curiosa	X								♂															01	Curiosa
Obediente	X		♂				♂																	02	Obediente
Boa	X	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	20	Boa
Distraída	X												♂											01	Distraída
Protectora	X	♂		♂	♂	♂		♂				♂	♂	♀		♀		♀						10	Protectora
Desobediente	X																							00	Desobediente
Simpática	X	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂		♂	♂	♂		♀		♀			♀	♀	♀	♀	17	Simpática
Perigosa	X																							00	Perigosa
Bonita	X		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂		♂			♀	♀		♀	♀	♀	♀	♀	17	Bonita
Traíçoeira	X																							00	Traíçoeira
Gulosa	X																							00	Gulosa
Amiga	X	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀		♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀	20	Amiga
Corajosa	X					♂							♂		♀					♀		♀	♀	07	Corajosa
Triste	X																							00	Triste

CAP. VER.	1	2	5	6	8	10	13	14	16	17	21	22	24	3	4	7	9	12	15	18	19	20	23		CAP. VER.
Curiosa						♂			♂			♂				♀								04	Curiosa
Obediente				♂	♂		♂	♂														♀		05	Obediente
Boa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♀	♀		♀	♀	♀	♀	♀	20	Boa
Distraída						♂			♂				♂		♀									04	Distraída
Protectora	♂											♂												02	Protectora
Desobediente	♂	♂	♂			♂			♂					♀	♀	♀		♀						09	Desobediente
Simpática			♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂				♀	♀	♀	♀		♀	♀	15	Simpática
Perigosa	♂																							00	Perigosa
Bonita			♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂		♂		♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀	17	Bonita
Traíçoeira																								00	Traíçoeira
Gulosa																								00	Gulosa
Amiga		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀	20	Amiga
Corajosa					♂	♂	♂						♂	♀		♀	♀			♀		♀	♀	10	Corajosa
Triste																								00	Triste

O CAPUCHINHO VERMELHO  
Sala da professora Madalena

LOBO	1	2	5	6	8	10	13	14	16	17	21	22	24	3	4	7	9	12	15	18	19	20	23		LOBO	
Curioso	♂		♂	♂		♂			♂				♂	♀						♀					08	Curioso
Obediente																									00	Obediente
Bom																						♀			01	Bom
Distraído	♂																								01	Distraído
Protector	♂																								01	Protector
Desobediente	♂	♂				♂	♂		♂								♀			♀	♀				08	Desobediente
Simpático																							♀		01	Simpático
Perigoso	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀			21	Perigoso
Bonito	♂																						♀	♀	03	Bonito
Traçoeiro	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀					18	Traçoeiro
Guloso		♂	♂	♂	♂	♂			♂		♂	♂	♂	♀	♀		♀		♀	♀	♀		♀		16	Guloso
Amigo																									00	Amigo
Corajoso	♂												♂							♀		♀	♀		05	Corajoso
Triste						♂																			01	Triste

CAÇADOR	1	2	5	6	8	10	13	14	16	17	21	22	24	3	4	7	9	12	15	18	19	20	23		CAÇADOR	
Curioso	X												♂						X	X					01	Curioso
Obediente	X		♂			♂	♂												X	X					03	Obediente
Bom	X		♂		♂		♂	♂	♂		♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	X	X	♀		♀		15	Bom
Distraído	X																		X	X					00	Distraído
Protector	X			♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♀	♀	♀		♀	X	X					12	Protector
Desobediente	X																		X	X					00	Desobediente
Simpático	X	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	X	X	♀		♀		18	Simpático
Perigoso	X																		X	X					00	Perigoso
Bonito	X		♂		♂	♂	♂						♂				♀	♀	X	X	♀		♀		09	Bonito
Traçoeiro	X																		X	X					00	Traçoeiro
Guloso	X					♂													X	X					01	Guloso
Amigo	X	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♀		♀	♀	♀	X	X	♀		♀		17	Amigo
Corajoso	X	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂		♂		♂		♀	♀	♀	♀	X	X		♀	♀		15	Corajoso
Triste	X																		X	X					00	Triste

O GATO DAS BOTAS  
Sala da professora Madalena

RAPAZ	7	18	
Obediente			00
Bom	♀	♀	02
Corajoso			00
Perigoso			00
Inteligente			00
Bonito	♀	♀	02
Traíçoeiro			00
Invejoso		♀	01
Amigo	♀	♀	02
Ladrão			00
Mentiroso			00
Justo			00
Mau			00
Preguiçoso			00

GATO D BOTAS	7	18	
Obediente			00
Bom	♀	♀	02
Corajoso	♀	♀	02
Perigoso			00
Inteligente	♀	♀	02
Bonito	♀	♀	02
Traíçoeiro			00
Invejoso			00
Amigo	♀	♀	02
Ladrão			00
Mentiroso		♀	01
Justo	♀		01
Mau			00
Preguiçoso			00

O GATO DAS BOTAS  
Sala da professora Madalena

GIGANTE/OGRE	7	18	
Obediente			00
Bom			00
Corajoso		♀	01
Perigoso	♀		01
Inteligente			00
Bonito			00
Traíçoeiro			00
Invejoso			00
Amigo			00
Ladrão			00
Mentiroso		♀	01
Justo			00
Mau	♀	♀	02
Preguiçoso			00

REI	7	18	
Obediente			00
Bom	♀	♀	02
Corajoso			00
Perigoso			00
Inteligente			00
Bonito	♀	♀	02
Traíçoeiro			00
Invejoso			00
Amigo	♀	♀	02
Ladrão			00
Mentiroso			00
Justo			00
Mau			00
Preguiçoso			00

## A GATA BORRALHEIRA

Sala da professora Ina

A GATA BORRALHEIRA																								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Preguiçosa																								
Trabalhadora	♀	♀	♀		♂	♀			♂					♂			♂	♂	♂				♀	♂
Má																								
Triste			♀		♂				♂					♂			♂				♀			♂
Boa	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂					♂			♂	♂	♂		♀			♂
Fingida																								
Apaixonada	♀	♀	♀			♀		♂	♂					♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂
Invejosa																								
Feia																	♂							♂
Amiga	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂					♂				♂	♂		♀		♀	♂
Mentirosa																								
Bonita	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂					♂			♂	♂	♂		♀		♀	
Perigosa																								
Alegre	♀	♀	♀		♂	♀		♂									♂	♂	♂		♀		♀	

IRMÃS																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Preguiçosas		♀	♀		♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Trabalhadoras																									
Más	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂					♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂
Tristes	♀																		♂						
Boas																									
Fingidas	♀	♀	♀		♂			♂						♂	♂			♂	♂				♀		
Apaixonadas						♀								♂	♂										
Invejosas	♀	♀	♀			♀								♂	♂			♂	♂		♀		♀	♂	
Feias	♀				♂	♀		♂	♂					♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂
Amigas																									
Mentirosas	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂					♂	♂			♂	♂	♂				♀	
Bonitas																									
Perigosas					♂	♀		♂						♂						♂					
Alegres														♂											

A GATA BORRALHEIRA  
Sala da professora Ina

MADRASTA																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Preguiçosa		♀			♂	♀			♂				♂	♂			♂				♀		♀	♂	
Trabalhadora																									
Má	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Triste	♀																		♂						
Boa																									
Fingida	♀		♀										♂	♂			♂	♂					♀		
Apaixonada																									
Invejosa	♀		♀		♂			♂					♂	♂				♂	♂		♀		♀	♂	
Feia	♀	♀	♀		♂	♀			♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Amiga																									
Mentirosa	♀	♀			♂			♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀		
Bonita																									
Perigosa	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂						
Alegre																									

PRÍNCIPE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Preguiçoso																									
Trabalhador	♀	♀											♂	♂			♂	♂						♂	
Mau																									
Triste	♀																								
Bom	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Fingido																									
Apaixonado	♀	♀			♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Invejoso																									
Feio																									
Amigo	♀	♀	♀			♀		♂	♂					♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Mentiroso																									
Bonito	♀	♀	♀		♂	♀		♂	♂				♂	♂			♂	♂	♂		♀		♀	♂	
Perigoso													♂												
Alegre	♀	♀	♀		♂	♀		♂					♂	♂			♂	♂			♀		♀		

A BRANCA DE NEVE  
Sala da professora Ina

BRANCA DE NEVE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente	♀		♀			♀						♂	♂			♂	♂	♂	♀						
Boa	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀		♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Desobediente																									
Trabalhadora	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀					♂	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Perigosa																									
Bonita	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀		♂			♂		♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Traíçoira																									
Invejosa																									
Amiga	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀		♂			♂		♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Apaixonada	♀	♀	♀			♀			♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂		♂	♀			♀	♂	
Corajosa	♀	♀	♀			♀						♂	♂			♀			♂	♀			♀		
Mentirosa																									
Triste				♀																					
Alegre	♀	♀	♀		♂	♀			♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀		

ANÕES																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obedientes	♀		♀				X					♂	X	♂	♀		♂		♂	♀			♀		
Bons	♀	♀	♀	♀	♂	♀	X		♂			♂	X	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Desobedientes							X						X												
Trabalhadores	♀	♀	♀	♀		♀	X		♂			♂	X	♂		♀	♂	♂	♂	♀				♂	
Perigosos							X						X												
Bonitos	♀	♀				♀	X					X	♂		♀								♀	♂	
Traíçoires							X					X			♀										
Invejosos							X					X							♂1						
Amigos	♀	♀	♀	♀	♂	♀	X		♂			♂	X	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Apaixonados							X					X			♀								♀		
Corajosos	♀	♀	♀			♀	X		♂			♂	X	♂		♀	♂		♂	♀				♂	
Mentirosos							X					X			♀										
Tristes							X					X													
Alegres	♀	♀	♀	♀	♂	♀	X		♂			♂	X	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀		

A BRANCA DE NEVE  
Sala da professora Ina

MADRASTA																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente																♀									
Boa																									
Desobediente	♀		♀						♂					♂		♀	♂	♂		♀			♀		
Trabalhadora																									
Perigosa	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀		♂			♂	♂	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Bonita													♂												
Traíçoira	♀	♀	♀	♀	♂	♀			♂			♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀			♀		
Invejosa	♀	♀		♀		♀	♀		♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀		
Amiga																									
Apaixonada																									
Corajosa									♂				♂		♀										
Mentirosa	♀	♀	♀		♂	♀	♀		♂			♂	♂	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Triste	♀	♀			♂								♂		♀				♂	♀					
Alegre													♂		♀										

PRÍNCIPE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente	♀												♂	♂			♂	♂	♂						
Bom	♀	♀	♀	♀	♂	♀	♀		♂			♂	♂	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Desobediente																									
Trabalhador									♂			♂		♂	♀	♀	♂	♂							
Perigoso													♂												
Bonito	♀	♀	♀	♀	♂	♀			♂			♂		♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Traíçoira													♂												
Invejoso																									
Amigo	♀	♀	♀	♀		♀			♂			♂		♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Apaixonado	♀	♀	♀	♀		♀	♀		♂			♂	♂	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Corajoso	♀	♀				♀			♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♂	♂	♀			♀	♂	
Mentiroso																									
Triste															♀										
Alegre	♀	♀	♀	♀	♂	♀			♂			♂	♂	♂		♀	♂	♂	♂	♀			♀		

O GATO DAS BOTAS  
Sala da professora Ina

Rapaz – FILHO MAIS NOVO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente	♀		X									♂	♀							♀			♀		
Bom	♀	♀	X		♂						♂	♂	♂	♂					♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Corajoso			X		♂						♂			♂					♂	♀		♂		♂	
Perigoso			X																						
Inteligente	♀		X		♂									♂					♂					♀	
Bonito	♀		X		♂						♂	♂		♂					♂	♀	♀		♀		
Traíçoeiro			X																			♂			
Invejoso			X	♀																					
Amigo	♀	♀	X		♂	♀					♂	♂		♂					♂	♀	♀		♀	♂	
Ladrão			X																						
Mentiroso		♀	X																			♂			
Justo	♀	♀	X		♂							♂	♂	♂					♂	♀					
Mau			X																						
Preguiçoso			X	♀																					

GATO DAS BOTAS																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente			X										♂	♂											
Bom	♀	♀	X		♂						♂		♂	♂					♂	♀	♀				♂
Corajoso	♀	♀	X	♀	♂	♀					♂	♂		♂							♀	♀			♂
Perigoso			X																♂	♀					
Inteligente	♀	♀	X	♀	♂	♀						♂	♂	♂					♂	♀			♀	♂	
Bonito	♀	♀	X																♂		♀	♂		♂	
Traíçoeiro			X	♀									♂									♂	♀		
Invejoso			X																						
Amigo	♀	♀	X	♀	♂	♀					♂	♂		♂					♂	♀	♀		♀	♂	
Ladrão			X											♂						♀					
Mentiroso	♀		X	♀							♂		♂						♂	♀		♂	♀	♂	
Justo		♀	X		♂								♂	♂											
Mau			X																						
Preguiçoso			X																	♀			♀		

O GATO DAS BOTAS  
Sala da professora Ina

GIGANTE/OGRE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente			X			X																X			
Bom	♀	♀	X			X														♀	♀	X	♀		
Corajoso	♀	♀	X			X					♂			♂						♀		X		♂	
Perigoso			X	♀	♂	X					♂	♂	♂	♂					♂			X		♂	
Inteligente			X			X																X	♀		
Bonito	♀		X			X																X			
Traíçoeiro			X	♀		X						♂	♂	♂					♂			X			
Invejoso			X			X						♂		♂					♂			X			
Amigo	♀	♀	X			X														♀	♀	X	♀		
Ladrão			X			X							♂									X			
Mentiroso			X			X						♂	♂	♂								X			
Justo	♀	♀	X			X														♀		X	♀		
Mau			X	♀	♂	X					♂	♂	♂	♂								X		♂	
Preguiçoso			X	♀		X							♂	♂					♂			X			

REI																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Obediente			X	♀									♂	♂						♀					
Bom	♀	♀	X	♀	♂	♀					♂	♂	♂	♂					♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Corajoso	♀	♀	X		♂						♂		♂	♂						♀				♂	
Perigoso			X																						
Inteligente	♀	♀	X	♀	♂							♂	♂	♂					♂				♀		
Bonito	♀	♀	X																♂	♀	♀			♂	
Traíçoeiro			X																						
Invejoso			X																						
Amigo	♀	♀	X	♀	♂	♀					♂	♂		♂					♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Ladrão			X																						
Mentiroso			X																						
Justo	♀	♀	X	♀		♀						♂		♂					♂	♀			♀		
Mau			X																						
Preguiçoso			X																						

O CAPUCHINHO VERMELHO  
Sala da professora Ina

MÃE																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curiosa												X													
Obediente	♀											X					♂			♀	♀				
Boa	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂		X		♂			♂	♂	♂	♀		♂	♀	♂	
Distraída												X	♂								♀				
Protectora		♀	♀	♀					♂			X		♂			♂		♂	♀			♀		
Desobediente												X	♂												
Simpática	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂		♂	♂	X		♂	♀		♂	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Perigosa												X													
Bonita	♀	♀	♀	♀				♂	♂	♂	♂	X		♂			♂		♂	♀			♀	♂	
Traíçoeira												X	♂												
Gulosa												X													
Amiga	♀	♀	♀	♀		♀	♀		♂	♂	♂	X		♂	♀		♂	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Corajosa				♀						♂		X								♀					
Triste												X			♀										

CAPUCHINHO VERMELHO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curiosa	♀	♀	♀	♀		♀			♂		♂	♂	♂	♂	♀		♂			♀		♂	♀		
Obediente	♀						♀						♂						♂		♀		♀	♂	
Boa	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Distraída	♀	♀	♀						♂				♂	♂						♀		♂			
Protectora																			♂						
Desobediente	♀	♀		♀													♂	♂		♀					
Simpática	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀		♂	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Perigosa																									
Bonita	♀	♀	♀	♀		♀		♂	♂	♂	♂	♂		♂			♂	♂	♂	♀	♀		♀	♂	
Traíçoeira																									
Gulosa	♀		♀	♀		♀						♂	♂		♀					♀			♀		
Amiga	♀	♀	♀	♀		♀		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀	♀		♀	♂	
Corajosa		♀		♀				♂	♂	♂	♂			♂	♀					♀	♀				
Triste																									

## O CAPUCHINHO VERMELHO

Sala da professora Ina

LOBO																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curioso	♀	♀		♀		♀		♂	♂		♂			♂				♂							
Obediente															♀										
Bom																									
Distraído			♀																		♀				
Protector																									
Desobediente	♀	♀									♂			♂			♂		♂	♀					
Simpático			♀												♀										
Perigoso	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂		♂	
Bonito															♀										
Traçoeiro	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂			♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀	♀		♀		
Guloso		♀	♀			♀		♂		♂							♂		♂	♀	♀				
Amigo															♀										
Corajoso									♂				♂												
Triste	♀													♂	♀				♂	♀					

CAÇADOR/LENHADOR																									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Curioso		♀									♂				♀			♂							
Obediente	♀		♀			♀						♂	♂				♂	♂	♂	♀	♀				
Bom	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀		♂		♂	
Distraído				♀																					
Protector	♀	♀	♀	♀					♂			♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀					
Desobediente																									
Simpático	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂			♂	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂	
Perigoso													♂												♂
Bonito	♀		♀								♂				♀				♂	♀				♂	
Traçoeiro													♂												
Guloso						♀			♂											♀		♂			
Amigo	♀	♀	♀	♀		♀	♀		♂	♂	♂	♂		♂	♀		♂	♂	♂	♀	♀		♀	♂	
Corajoso			♀					♂	♂	♂		♂	♂							♀	♀		♀	♂	
Triste															♀										

GATA BORRALHEIRA

Sala da professora Ina

GATA B.	5	8	9	13	14	17	18	19	24	1	2	3	6	21	23		GATA B.
Preguiçosa				X												00	Preguiçosa
Trabalhadora	♂		♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀		♀	12	Trabalhadora
Má				X												00	Má
Triste	♂		♂	X	♂	♂			♂			♀		♀		07	Triste
Boa	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		13	Boa
Fingida				X												00	Fingida
Apaixonada		♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	13	Apaixonada
Invejosa				X												00	Invejosa
Feia				X		♂			♂							02	Feia
Amiga	♂	♂	♂	X	♂		♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	13	Amiga
Mentirosa				X												00	Mentirosa
Bonita	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀	♀	13	Bonita
Perigosa				X												00	Perigosa
Alegre	♂	♂		X		♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀	♀	11	Alegre

IRMÃS	5	8	9	13	14	17	18	19	24	1	2	3	6	21	23		IRMÃS
Preguiçosas	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀	14	Preguiçosas
Trabalhadoras																00	Trabalhadoras
Más	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	15	Más
Tristes								♂		♀						02	Tristes
Boas																00	Boas
Fingidas	♂	♂		♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀			♀	10	Fingidas
Apaixonadas				♂	♂								♀			02	Apaixonadas
Invejosas				♂	♂		♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	11	Invejosas
Feias	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀			♀	♀	♀	13	Feias
Amigas																00	Amigas
Mentirosas	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀		♀	13	Mentirosas
Bonitas																00	Bonitas
Perigosas	♂	♂		♂				♂					♀			05	Perigosas
Alegres				♂												01	Alegres

GATA BORRALHEIRA  
Sala da professora Ina

MADRASTA	5	8	9	13	14	17	18	19	24	1	2	3	6	21	23		MADRASTA
Preguiçosa	♂		♂	♂	♂	♂			♂		♀		♀	♀	♀	10	Preguiçosa
Trabalhadora																00	Trabalhadora
Má	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	15	Má
Triste								♂		♀						02	Triste
Boa																00	Boa
Fingida				♂	♂	♂	♂			♀		♀			♀	07	Fingida
Apaixonada																00	Apaixonada
Invejosa	♂	♂		♂	♂		♂	♂	♂	♀		♀		♀	♀	11	Invejosa
Feia	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	14	Feia
Amiga																00	Amiga
Mentirosa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀			♀	♀	12	Mentirosa
Bonita																00	Bonita
Perigosa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀			12	Perigosa
Alegre																00	Alegre

PRÍNCIPE	5	8	9	13	14	17	18	19	24	1	2	3	6	21	23		PRÍNCIPE
Preguiçoso																00	Preguiçoso
Trabalhador				♂	♂	♂	♂		♂	♀	♀					07	Trabalhador
Mau																00	Mau
Triste										♀						01	Triste
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	15	Bom
Fingido																00	Fingido
Apaixonado	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀		♀	♀	♀	14	Apaixonado
Invejoso																00	Invejoso
Feio																00	Feio
Amigo		♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	13	Amigo
Mentiroso																00	Mentiroso
Bonito	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	15	Bonito
Perigoso				♂												01	Perigoso
Alegre	♂	♂		♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀	♀	♀	12	Alegre

A BRANCA DE NEVE

Sala da professora Ina

BRANCA de NEVE	de	5	9	12	13	14	17	18	19	24	1	2	3	4	6	7	15	16	20	23		BRANCA de NEVE	
Obediente					♂	♂	♂	♂	♂		♀		♀		♀				♀		09	Obediente	
Boa		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	19	Boa
Desobediente																						00	Desobediente
Trabalhadora		♂		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	18	Trabalhadora
Perigosa																						00	Perigosa
Bonita		♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	18	Bonita
Traíçoira																						00	Traíçoira
Invejosa																						00	Invejosa
Amiga		♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀		17	Amiga
Apaixonada			♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀		15	Apaixonada
Corajosa					♂	♂			♂		♀	♀	♀		♀			♀	♀	♀		10	Corajosa
Mentirosa																	♀					01	Mentirosa
Triste														♀								01	Triste
Alegre		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀		♀		♀	♀	♀	♀		16	Alegre

ANÕES	5	9	12	13	14	17	18	19	24	1	2	3	4	6	7	15	16	20	20		ANÕES		
Obedientes			♂	X	♂	♂		♂		♀		♀			X	♀		♀	♀		09	Obedientes	
Bons	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	X		♀	♀	♀		16	Bons	
Desobedientes				X											X							00	Desobedientes
Trabalhadores		♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	X		♀	♀	♀		15	Trabalhadores	
Perigosos				X											X							00	Perigosos
Bonitos				X	♂				♂	♀	♀			♀	X		♀					06	Bonitos
Traíçoires				X											X	♀						01	Traíçoires
Invejosos				X				♂1							X							01	Invejosos
Amigos	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	X		♀	♀	♀		16	Amigos	
Apaixonados				X											X	♀						01	Apaixonados
Corajosos		♂	♂	X	♂	♂		♂	♂	♀	♀	♀		♀	X		♀	♀	♀		13	Corajosos	
Mentirosos				X											X	♀						01	Mentirosos
Tristes				X											X							00	Tristes
Alegres	♂	♂	♂	X	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀	X	♀	♀	♀	♀		16	Alegres	

1 – refere-se apenas ao «Zangão»

A BRANCA DE NEVE  
Sala da professora Ina

MADRASTA	5	9	12	13	14	17	18	19	24	1	2	3	4	6	7	15	16	20	23		MADRASTA
Obediente																	♀			01	Obediente
Boa																				00	Boa
Desobediente		♂			♂	♂	♂			♀		♀					♀	♀	♀	09	Desobediente
Trabalhadora																				00	Trabalhadora
Perigosa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	18	Perigosa
Bonita				♂																01	Bonita
Traíçoeira	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀				♀	♀	15	Traíçoeira
Invejosa		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀		♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	16	Invejosa
Amiga																				00	Amiga
Apaixonada																				00	Apaixonada
Corajosa		♂		♂												♀				03	Corajosa
Mentirosa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀		♀	♀		♀	♀	♀	17	Mentirosa
Triste	♂			♂				♂		♀	♀					♀		♀		07	Triste
Alegre				♂												♀				02	Alegre

PRÍNCIPE	5	9	12	13	14	17	18	19	24	1	2	3	4	6	7	15	16	20	23		PRÍNCIPE
Obediente				♂	♂	♂	♂	♂		♀										06	Obediente
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	18	Bom
Desobediente																				00	Desobediente
Trabalhador		♂	♂		♂	♂	♂									♀	♀			07	Trabalhador
Perigoso				♂																01	Perigoso
Bonito	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀	17	Bonito
Traíçoeiro				♂																01	Traíçoeiro
Invejoso																				00	Invejoso
Amigo		♂	♂		♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	♀	16	Amigo
Apaixonado		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	17	Apaixonado
Corajoso		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀			♀		♀	♀	♀	♀	15	Corajoso
Mentiroso																				00	Mentiroso
Triste																♀				01	Triste
Alegre	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♀	♀	♀	♀	♀			♀	♀	♀	16	Alegre

O GATO DAS BOTAS  
Sala da professora Ina

RAPAZ	5	11	12	13	14	19	22	24	1	2	3	4	6	20	21	23		RAPAZ
Obediente				♂	♂				♀		X			♀		♀	05	Obediente
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	X			♀	♀	♀	13	Bom
Corajoso	♂	♂			♂	♂	♂	♂			X			♀			07	Corajoso
Perigoso											X						00	Perigoso
Inteligente	♂				♂	♂			♀		X					♀	05	Inteligente
Bonito	♂	♂	♂		♂	♂			♀		X			♀	♀	♀	09	Bonito
Traçoeiro							♂				X						01	Traçoeiro
Invejoso											X	♀					01	Invejoso
Amigo	♂	♂	♂		♂	♂		♂	♀	♀	X		♀	♀	♀	♀	12	Amigo
Ladrão											X						00	Ladrão
Mentiroso							♂			♀	X						02	Mentiroso
Justo	♂		♂	♂	♂	♂			♀	♀	X			♀			08	Justo
Mau											X						00	Mau
Preguiçoso											X	♀					01	Preguiçoso

GATO	5	11	12	13	14	19	22	24	1	2	3	4	6	20	21	23		GATO
Obediente				♂	♂						X						02	Obediente
Bom	♂	♂		♂	♂	♂		♂	♀	♀	X			♀	♀		10	Bom
Corajoso	♂	♂	♂		♂			♂	♀	♀	X	♀	♀		♀		10	Corajoso
Perigoso						♂					X			♀			02	Perigoso
Inteligente	♂		♂	♂	♂	♂		♂	♀	♀	X	♀	♀	♀		♀	12	Inteligente
Bonito						♂	♂	♂	♀	♀	X				♀		06	Bonito
Traçoeiro				♂			♂				X	♀				♀	04	Traçoeiro
Invejoso											X						00	Invejoso
Amigo	♂	♂	♂		♂	♂		♂	♀	♀	X	♀	♀	♀	♀	♀	13	Amigo
Ladrão					♂						X			♀			02	Ladrão
Mentiroso		♂		♂		♂	♂	♂	♀		X	♀		♀		♀	09	Mentiroso
Justo	♂			♂	♂					♀	X						04	Justo
Mau											X						00	Mau
Preguiçoso											X			♀		♀	02	Preguiçoso

## O GATO DAS BOTAS

Sala da professora Ina

GIGANTE/OGRE	5	11	12	13	14	19	22	24	1	2	3	4	6	20	21	23		GIGANTE/OGRE
Obediente							X				X		X				00	Obediente
Bom							X		♀	♀	X		X	♀	♀	♀	05	Bom
Corajoso		♂			♂		X	♂	♀	♀	X		X	♀			06	Corajoso
Perigoso	♂	♂	♂	♂	♂	♂	X	♂			X	♀	X				08	Perigoso
Inteligente							X				X		X			♀	01	Inteligente
Bonito							X		♀		X		X				01	Bonito
Traíçoeiro			♂	♂	♂	♂	X				X	♀	X				05	Traíçoeiro
Invejoso			♂		♂	♂	X				X		X				03	Invejoso
Amigo							X		♀	♀	X		X	♀	♀	♀	05	Amigo
Ladrão				♂			X				X		X				01	Ladrão
Mentiroso			♂	♂	♂		X				X		X				03	Mentiroso
Justo							X		♀	♀	X		X	♀		♀	04	Justo
Mau	♂	♂	♂	♂	♂		X	♂			X	♀	X				07	Mau
Preguiçoso				♂	♂	♂	X				X	♀	X				04	Preguiçoso

REI	5	11	12	13	14	19	22	24	1	2	3	4	6	20	21	23		REI
Obediente				♂	♂						X	♀		♀			03	Obediente
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	X	♀	♀	♀	♀	♀	15	Bom
Corajoso	♂	♂		♂	♂			♂	♀	♀	X			♀			08	Corajoso
Perigoso											X						00	Perigoso
Inteligente	♂		♂	♂	♂	♂			♀	♀	X	♀				♀	09	Inteligente
Bonito						♂		♂	♀	♀	X			♀	♀		06	Bonito
Traíçoeiro											X						00	Traíçoeiro
Invejoso											X						00	Invejoso
Amigo	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂	♀	♀	X	♀	♀	♀	♀	♀	14	Amigo
Ladrão											X						00	Ladrão
Mentiroso											X						00	Mentiroso
Justo			♂		♂	♂			♀	♀	X	♀	♀	♀		♀	09	Justo
Mau											X						00	Mau
Preguiçoso											X						00	Preguiçoso

O CAPUCHINHO VERMELHO  
Sala da professora Ina

MÃE	8	9	10	11	12	13	14	17	18	19	22	24	1	2	3	4	6	7	15	20	21	23		MÃE
Curiosa					X																		00	Curiosa
Obediente					X		♂						♀							♀	♀		04	Obediente
Boa	♂	♂	♂		X		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	17	Boa
Distraída					X	♂															♀		02	Distraída
Protectora		♂			X		♂	♂		♂				♀	♀	♀				♀		♀	09	Protectora
Desobediente					X	♂																	01	Desobediente
Simpática	♂		♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	19	Simpática
Perigosa					X																		00	Perigosa
Bonita	♂	♂	♂	♂	X		♂	♂		♂		♂	♀	♀	♀	♀				♀		♀	14	Bonita
Traíçoira					X	♂																	01	Traíçoira
Gulosa					X														♀				00	Gulosa
Amiga		♂	♂	♂	X		♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	19	Amiga
Corajosa			♂		X											♀				♀	♀		03	Corajosa
Triste					X														♀				01	Triste

CAP VER	8	9	10	11	12	13	14	17	18	19	22	24	1	2	3	4	6	7	15	20	21	23		CAP VER
Curiosa		♂		♂	♂	♂	♂	♂			♂		♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀		♀	15	Curiosa
Obediente						♂				♂		♂	♀					♀			♀	♀	07	Obediente
Boa	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀	21	Boa
Distraída		♂				♂	♂		♂		♂		♀	♀	♀					♀			09	Distraída
Protectora										♂													01	Protectora
Desobediente								♂	♂				♀	♀		♀				♀			05	Desobediente
Simpática	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	22	Simpática
Perigosa																							00	Perigosa
Bonita	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂		♂	♀	♀	♀	♀	♀			♀	♀	♀	18	Bonita
Traíçoira																							00	Traíçoira
Gulosa					♂	♂							♀		♀	♀	♀		♀	♀		♀	09	Gulosa
Amiga	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂		♂	♀	♀	♀	♀	♀			♀	♀	♀	09	Amiga
Corajosa	♂	♂	♂	♂			♂							♀		♀			♀	♀	♀		10	Corajosa
Triste																							00	Triste

O CAPUCHINHO VERMELHO  
Sala da professora Ina

LOBO	8	9	10	11	12	13	14	17	18	19	22	24	1	2	3	4	6	7	15	20	21	23		LOBO	
Curioso	♂	♂		♂			♂		♂				♀	♀		♀	♀						09	Curioso	
Obediente																			♀					01	Obediente
Bom																								00	Bom
Distraído															♀						♀			02	Distraído
Protector																								00	Protector
Desobediente				♂			♂	♂		♂			♀	♀							♀			07	Desobediente
Simpático															♀					♀				02	Simpático
Perigoso	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀			20	Perigoso
Bonito																								01	Bonito
Traçoeiro	♂	♂			♂	♂	♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀		17	Traçoeiro
Guloso	♂		♂				♂	♂		♂				♀	♀		♀				♀	♀		10	Guloso
Amigo																					♀			01	Amigo
Corajoso		♂				♂																		02	Corajoso
Triste							♂			♂			♀							♀	♀			05	Triste

CAÇADOR	8	9	10	11	12	13	14	17	18	19	22	24	1	2	3	4	6	7	15	20	21	23		CAÇADOR	
Curioso				♂					♂					♀					♀					04	Curioso
Obediente					♂	♂		♂		♂			♀		♀		♀			♀	♀			09	Obediente
Bom	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀				19	Bom
Distraído																♀								01	Distraído
Protector		♂			♂	♂	♂	♂	♂	♂			♀	♀	♀	♀					♀			12	Protector
Desobediente																								00	Desobediente
Simpático	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀		♀	♀	♀		21	Simpático
Perigoso						♂						♂												02	Perigoso
Bonito				♂						♂		♂	♀		♀					♀	♀			07	Bonito
Traçoeiro						♂																		01	Traçoeiro
Guloso		♂									♂						♀				♀			02	Guloso
Amigo		♂	♂	♂	♂		♂	♂	♂	♂		♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	19	Amigo
Corajoso	♂	♂	♂		♂	♂						♂			♀						♀	♀	♀	10	Corajoso
Triste																				♀				01	Triste

## ANEXO IV

Este anexo integra a entrevista realizada a António Fontinha, contador profissional, com larga experiência junto de públicos diversificados.

A entrevista foi realizada no dia 20 de Abril de 2005, durante o *III Encontro de Literatura Infanto-Juvenis, «Um carreirinho de letrinhas ao encontro da palavra»*, organizado pela Biblioteca Municipal de Pombal.

### Olga Fonseca - Fontinha, contar contos, porquê? Para quê?

António Fontinha –É complicado.... Porque é que eu conto histórias?... Porque eu me sinto útil a fazer isso mesmo... Porque acho que é útil a minha prestação de contador. Acho que é útil para quem em escuta, é útil para mim, porque me ajuda a encontrar-me. É uma actividade que eu faço e que me dá gosto; e acho que é útil para quem me escuta. Isto é *o porquê*. O *para quê*... para ganhar a vida [risos]. Não, não é para isso. Hoje em dia é muito importante o *para quê*, em termos económicos; quando eu comecei, não. É importante por duas razões: a primeira razão é que hoje eu tenho uma família e tenho de ganhar a vida, realmente. Quando comecei, não sabia muito bem para que é que contava histórias; digamos que eu estava na área artística, de certa forma estava vocacionado para a área do espectáculo e digamos que não me questionava muito para que é que servia ou para que é eu contava histórias. Hoje em dia é um bocadinho para ganhar a vida.

### O.F. – Fazes selecção em função do auditório?

A.F. – Muito, muito, muito! O auditório é determinante, porque há coisas que eu acho que posso dizer àquele grupo de pessoas que ali estão a escutar; no fundo, sinto que as posso provocar com esta história ou com aquela outra, digamos, porque é nisso que reside o jogo. E eu tenho de me realizar com este jogo; quando deixar de sentir que o jogo é útil, creio que vou perder a motivação para contar histórias.

### O. F. – Tens um repertório especial para crianças?

A. F.- Eu eventualmente podia responder-te ao contrário: eu tenho um repertório especial mas é para adultos. Para crianças eu julgo que posso contar tudo. Quer dizer, há algumas histórias para crianças que não fazem muito sentido... mas isto é mais na minha cabeça porque eu posso traduzi-las, eu posso trocá-las por miúdos. Eu posso dizer, por

exemplo, que há um tema que nasceu primeiro para as crianças porque o público com que eu comecei a contactar primeiro eram as crianças; depois fui conquistando os outros públicos. O público que me foi automático foi aquele público que me pediu para contar histórias. O contador nasceu do pedido: alguém pediu e foi pedindo e repetiu o pedido e eu fui-me entranhando na brincadeira de contar porque havia quem me pedisse. E quem me pediu foram as crianças. Depois fui alargando o campo de acção, fui trabalhando para outros públicos. De certa forma, fui buscando contar a outros públicos porque, no fundo, eles solicitam coisas diferentes de mim próprio e então aí era intencional; quando havia adultos que me pediam para contar eu não negava fogo e ia também; quando havia adultos que me pediam para ir contar para idosos, ia também. Comecei a perceber que havia determinados contos que eu contava aos miúdos e que não eram muito adaptáveis, porque implicavam um caminho muito grande que eu não tinha capacidade para fazer mas havia contos que faziam com que esse caminho fosse mais próximo, ao nível da comunicação.

Eu comecei por contar um conto para miúdos, a história do lobo, da ovelha e do borreguinho. Um dia, em recolha de contos, ouvi uma velhota contar-me esse com uma versão que eu achei óptima para contar a adultos e passei a contar a história da missa cantada também. De repente, do mesmo tema da tradição oral portuguesa, eu conto duas versões; conto uma versão normalmente se é um grupo de crianças e se é um grupo de adultos conto outra versão. Descobri que no fundo a estrutura narrativa é exactamente a mesma, é o mesmo tema, é tudo igual só que aquele é uma caminho mais fácil se estiver a comunicar com adultos.

**O. F. – E o que pensas da articulação entre o conto maravilhoso e a moralização?**

A. F. –Em termos de conto maravilhoso, a moralização é muito reduzida porque a tendência é nós libertarmos o conto maravilhoso de chavões moralizantes. Ele começa

por ter  $n$  preconceitos – hoje falámos bastante na questão do casamento – mas até esse preconceito é muito simples de sacudir do conto maravilhoso. Digamos que o caminho do conto maravilhoso, esse, sim, é demorado; leva 20, 30, 40 anos a fazer-se o conto maravilhoso na nossa boca... Leva muito mais tempo do que os outros porque para ele crescer, tem de se ir libertando desses... clichés porque, realmente, a noção de bem e de mal no conto maravilhoso é completamente relativizada, digamos. Agora nós temos é de conseguir encontrar as fórmulas que relativizam, o que é que ali é o preconceito social e o que é que ali é realmente a identidade do indivíduo.

**O. F. – Já sentiste necessidade de alterar contos? Já te sentiste desconfortável em relação a um conto?**

A. F.- Já. Já. Isso, muitas vezes. Numa primeira fase, não: era encher, encher, encher; era crescer, crescer, crescer, acrescentando pormenores. Depois acho que veio a fase do cortar, cortar, cortar. Neste momento já está na fase do substituir, mesmo. Às vezes há versões que se tornam incómodas na minha boca, já não me identifico com estes valores, já não é por ali que o gato vai às filhós; há ali qualquer coisa que está a falhar e às vezes o corte tem de ser radical, ao contrário daquela história que referi há bocadinho, de que eu tenho duas versões do mesmo tema e que vestem perfeitamente porque é um tema que eu conheço interiormente já. Por algumas razões há temas que nos são muito simples de abordar e há outros temas que não e nós chegamos a um beco sem saída: esta versão, nem pensar, o tema continua a tocar-me mas não é por aqui que eu vou lá. E então tenho de ir à procura de outra versão e tenho de ver se essa versão me cabe bem na boca – e tem a haver com os valores, porque há coisas na nossa vida que deixam de fazer sentido, já não «papamos» com aquela ideia... Mudam coisas e nós depois temos de nos rever nos contos porque senão, como é que eu visto aquela roupa? Se eu visto aquelas calças – que é aquele conto – e se não gosto daquelas calças, já não

as vejo em mim. Não é uma questão de moda, propriamente, mas é uma questão de as calças já não me ficarem bem porque eu mudei; e então tenho de as tirar; não deixo de andar de calças mas tenho de procurar outras.

O. F. – *Dialogas com as crianças sobre os contos, é costume elas fazerem-te perguntas?*

A. F. – Não é muito costume. Eu sou bastante austero nessa relação. Mas se algum miúdo precisa de dizer qualquer coisa, eu percebo logo se é uma coisa importante; sei que ele está ali a guardar qualquer coisa e eu dou mesmo espaço a que ele faça a pergunta. Mesmo que seja uma pergunta muito disparatada, eu procuro responder, ir ao encontro... Às vezes parece uma coisa muito disparatada mas faz muito sentido... Mas tem de ser iniciativa dele. De minha iniciativa, não. Falar de contos, por minha iniciativa, não. Se eles procurarem, se eles vierem fazer perguntas, se eles fizerem um comentário, eu aproveito, para o conto. Aliás, muitas vezes os miúdos, nomeadamente os mais pequeninos, na faixa dos dois, três anos, são capazes de dizer coisas muitíssimo curiosas. Eu já aprendi a resolver uma série de contos, com observações dos pequenitos, nomeadamente se nós temos um trabalho em continuidade com eles. Por exemplo, na semana seguinte nós voltamos lá e, através dos desenhos que eles fizeram, nós perguntamos:

- «Mas o que é isto?»

- «É não sei quê.»

- «Mas...Caramba, como é que o miúdo foi pegar nisto e como é que associa este elemento desta história com aquele outro elemento daquela outra história? Isto não bate a bota com a perdigota para mim...»

Mas a verdade é que a curiosidade que os miúdos despertam, depois, faz-nos ficar a pensar em determinados elementos e isso pode mudar a história. Nomeadamente com

os pequenitos. Até porque nós, depois, começamos a perceber os miúdos mais pequenitos, se temos um trabalho em continuidade, e eles podem influenciar bastante realmente as histórias. Há temas que funcionam muito bem contados para miúdos de 8, 9, 10 anos; saem com fluência porque em termos de linguagem eles conhecem já muitíssimas coisas. Mas quando, de repente, nos apetece contar aquela história para os pequenitos, temos de resumir, de certa forma, ao que é essencial e àquilo que eles compreendem. Nalguns casos, porque noutros, não faz mal nenhum que eles não compreendam, podemos contar quase a versão integral. A questão do tempo é que é complexa; a capacidade de atenção de um miúdo pequenino é diferente; só se for suplantado pelo laço afectivo mas, muitas vezes, não há forma de suplantar. E então temos de ter a capacidade de adaptar. Às vezes estamos a contar e a dada altura pensamos: «Mas como é que eu vou trocar isto por pequeninos? ele não vai perceber...». E de repente temos uma ideia: «Olha, posso dizer isto!...». E isso que eu posso dizer pode ser muito revelador porque eu fiz um esforço tão grande de síntese que essa síntese pode ser reveladora e pode mudar aspectos do próprio conto. Digamos que esse diálogo é um diálogo constante. É bom aqui fazer um ponto da situação; quem ouvir isto poderia pensar que eu, a cada passo, estou a ter revelações nos contos. Não. É raro haver revelações nos contos, elas não são o dia-a-dia; há momentos em que subitamente aparece qualquer perolazinha, aparece uma coisa a que nós damos atenção, mas na maior parte das vezes, não. Temos, sim, a interacção. A interacção funciona sempre. A revelação... quando o rei faz anos. Às vezes lá aparece uma coisa assim e eu penso: «Porque é que eu não vi isto mais cedo?». Depende muito do público que eu tenho à frente. E depende muito da disponibilidade que eu tenho para interagir. Às vezes a interacção é tão profunda, que eu revelo ou tenho a capacidade de ver coisas que no dia-a-dia muitas vezes não vejo.

O. F. - Já tiveste a sensação de que precisas de fazer censura porque há determinados elementos no público?

A. F. – Como assim?

O. F. – Por exemplo, há crianças, não podes dizer um palavrão, ou...

A. F. – Sim, sim. Eu, normalmente, como estou muito em contacto com o público e ganho a vida com isto, tenho um tom politicamente correcto. Digamos que já na preparação dos contos eu trabalho muito porque, como estou sempre a aparecer, como ganho a vida com isso, tenho mais ou menos já uma bitola, uma sensibilidade. E evito claramente a provocação com base na palavra a, b, c ou d. No campo dos valores, não sei como era antigamente mas às vezes sinto mais dificuldade com os idosos que estão a ouvir e estão a questionar o valor que eu estou a lançar, do que com as pessoas mais novas que a esse nível parece que papam tudo. Não preciso de pôr grande freio na questão dos valores. Entre os mais idosos, às vezes, sinto que determinadas ideias mexem um bocado com eles. O que acontece é que, normalmente, quando eu conto com os mais idosos, nunca conto sozinho; então eu conto uma história e depois abro a porta e o que acontece é que sai algum mais idoso a fazer o despique; não é propriamente um despique mas é a enviar-me um contravalor. Eu conto um conto da tradição oral que aponta naquela direcção, abro a porta, e sai ele a contar noutra direcção e depois, eventualmente, eu posso responder ainda noutra direcção e pode haver ainda um outro idoso que entra também no diálogo. E a conversa fica a vários níveis e vamos avançando, respeitando uns os valores dos outros e vamos fazendo esse diálogo.

O. F. - És capaz de concretizar um bocadinho melhor, que tipo de valores, por exemplo, é que ...

A. F. – É difícil concretizar a questão do valor. Porque o significado, normalmente, é uma coisa que eu guardo a sete chaves. Então, às vezes, eu não sei

muito bem o que é que eles estão a apanhar. Eu sei que às vezes estão relutantes e talvez estejam a perceber coisas diferentes daquilo que eu estou a tentar transmitir... eu estou a utilizar determinados símbolos - aquele conto, no geral, tem um determinado significado para mim e é por isso que eu o lanço - mas eles muitas vezes estão a apanhar outras coisas e estão a aproveitar aquele conto para colocar uma série de questões que depois lançam cá para fora. Tudo isto se passa interiormente. Então, eles lançam um conto que tem uma série de símbolos e eu também me ponho cá a observar: «Mas que quererá dizer com isto? Porque é que ele contou esta história, depois de eu contar aquela?» Ou seja, não é... **claro**, em termos de eu dizer: «Ah, eu contei esta história e ele saiu logo a contar aquela». Eu tenho essa leitura e isso dá-me o caminho para eu a seguir contar a outra mas nada me diz que eu esteja certo... E daí que o diálogo entre 2 ou 3 ou 4 pessoas. Se a tarde ou se a noite correr bem, num alinhamento de 4 ou 5 contadores, a única coisa que eu posso garantir é que houve um crescer, houve uma respiração e tu podes dizer «Isto parecia um espectáculo que estava combinado: estavam alinhados, uns a seguir aos outros, mantiveram o tema, mudaram o tema» – Hoje de manhã houve ali uma senhora que disse assim «Eu agora vou mudar de tema». Sentiu-se na obrigação de avisar mas ainda assim contou o caso dela, de namorico. E depois então, sim, entrou numa outra história, que a mim até me pareceu mais ou menos dentro do mesmo tema, do homem e da mulher, mas já saltou fora. Porquê? Porque ela não estava **dentro**, ela já observava de fora, o que aumentou o anedótico. Ou seja, o que mudou não foi propriamente o tema, se nós quisermos, foi o registo. isto não são narradores profissionais, portanto nós ainda temos mais essa responsabilidade. Se estiver a acontecer uma relação interessante, no diálogo entre contar e escutar -porque com os mais antigos esse diálogo estabelece-se, não é tanto como com as crianças ou com os adultos em que uns escutam e outros contam – há uma progressão e se houver a

progressão, então aconteceu alguma coisa. Aliás, podem ter acontecido muitas, cada um depois fará a sua leitura. Se não, cada um contou para seu lado, o que também acontece várias vezes, ou seja, no fundo estamos todos só a mostra-nos a nós próprios mas sem conexão... o que é normalmente a relação mais pobre.

O. F. - Nestes 13 anos de experiência, quais foram os grandes crescimentos que sentiste, em relação a ti? Sentes que mudaste, sentes que tens uma perspectiva diferente? Quais são os aspectos que realçarias deste percurso?

A. F. – O que é que realçaria? Num primeiro momento, é muito importante a determinação de querer viver de contar histórias e conseguir atingir essa fasquia. Isso, para mim, num primeiro momento, foi extremamente importante... e teve também várias fases: primeiro, descobrir que havia esta brincadeira e que ela era levada a sério por outros lados, outros países. Isto foi um caminho que levou uns cinco, seis, sete anos, para aí. E depois sempre o desafio - «Será que é possível viver de contar histórias? hoje em dia? em Portugal?». Então isto era um desafio, era o primeiro desafio: «Será que existe um mercado para esta actividade?» E pensando nisto, concluí... «Se eu quero viver disto, tenho de criar um mercado, muito simplesmente». E isto foi... a primeira questão de fundo, depois de ter confirmado: «Há o mercado! É possível viver de contar histórias». A segunda questão é: «Isto faz sentido?» E aí ainda estou um bocadinho dentro dessa questão ou «Qual é o sentido que faz?». Contar histórias, no mundo ocidental, tem realmente um mercado. Hoje em dia, em Portugal, já está construído esse mercado que não existia - não existia absolutamente nada –ele é valorizado; agora, chegando aí, entra uma outra fase: «Como é que eu quero estar nesse mercado? Que sentido é que isto faz?», e se se faz em *full-time*, como eu agora já atingi. Estou ainda nessa fase. E nessa fase... é uma fase que vai levar mais tempo. Depois... será que eu me quero dedicar à formação dentro deste ramo? Será que eu me quero dedicar só a fazer

um trabalho de investigação? Há muitas perguntas, atingido a situação do contador, da pessoa que vive de contar histórias. Havia uma pergunta de base que continua por responder; aliás, duas: «Afinal de contas quem é o contador de histórias e o que é o acto de contar histórias?» E isso persiste, e isso continua a ser uma pergunta e, eventualmente, um motor na situação de qual é o sentido que faz viver de contar histórias. E será que viver de contar histórias é útil ao crescimento da figura do contador de histórias dentro de mim e... à identificação mais clara do acto de contar? Se eu digo que conquistar o viver de contar histórias levou sete anos, e eu estou há treze a contar, estou há seis anos num limbo mais ou menos de tentar perceber qual é que é o próximo passo. Eventualmente nós poderíamos pensar que agora havia as questões internacionais, de linguagem, que é um outro caminho que também pode ser importante. É que uma coisa é contar em Portugal, outra coisa é contar fora de Portugal. Levantam-se questões de linguagem; mas pronto, não é isso que é importante nesta altura do campeonato; é já um elemento que está fora da questão. Eu tenho dificuldade em encontrar outros limites, assim, claros.

O. F. – Há pouco tinhas-me falado precisamente na tua posição em relação aos valores da história, que acho que tinhas alterado...

A. F. – Sim, tenho, tenho alterado. Há uma questão de reflexão muito simples que eu posso sintetizar e que é assim: Há uma história da tradição oral portuguesa que fala muito claramente dos valores: «O bem paga-se com o mal» ou «O bem paga-se com...» ou «Tal é tal é, paga-se o bem com o mal»; é um dito mais ou menos conhecido no Algarve; em Trás-os-Montes diz-se «Por bem fazer, mal haver, sempre foi e há-de ser» - por exemplo. Ora, por trás disso há um conto – uma cobra, um ouriço, etc, por aí fora. E eu contava essa versão, depois até inventei um nome para a cobra, o conto corria bastante bem, era um conto muito tenso, mexia muito com valores e desde a

primeira hora havia a provocação. «Então como é que é? Como é que se paga o bem?» E a história do bem e do mal eram presentes desde a primeira hora. Ora essa foi uma daquelas histórias que um dia chegou... a um beco sem saída. Não propriamente o tema, porque o tema me continuava a interessar, mas a forma como eu o contava... Isto é, ela foi das da primeira leva, praticamente. É uma história que já conto para aí há uns dez, onze anos e, de repente, aquilo não dava. Isto aconteceu há relativamente pouco tempo, uns três ou quatro meses – tive a certeza de que não era por ali. Porque uma coisa é nós acharmos que isto às vezes empobrece a história, precisa de uma limpeza, precisa de um aperto, uma afinação, e outra coisa é dizer «Não é por aqui!». E leva tempo, às vezes a nós percebermos isso numa história, principalmente quando ela tem sucesso na boca, ou quando ela funciona. O que acontece é que muitas vezes, com determinados grupos, já percebi que o pedirem-me para repetir uma história, pode ser indicativo do inverso; é dizerm-me «Tu estás a precisar de trabalhar essa história; então, eu estou a dar-te essa hipótese». A reciprocidade do público é muito curiosa. Com determinados públicos com quem eu trabalho em continuidade, a questão da reciprocidade, às vezes, é assim: «Eu estou-te a contar uma história e tu estás-me a ajudar a descobrir essa história; e então quando tu vês que eu estou com dúvidas, tu pedes para eu contar segunda vez, para eu me clarificar e tu também, enquanto «receptor», perceberes melhor o que eu quero dizer». E esta história foi uma daquelas que eu de repente tive a certeza de que não era por ali. E então fui recorrer a uma frase que a minha avó dizia uma série de vezes, que eu nunca compreendi. É transmontana, a minha avó. Era uma mulher dura, com uma vida complicada, também, e então ela dizia, às vezes, assim, com uma certa rudeza: «Quem é bom é burro». E eu dizia :«Oh, avó!». Mas a avó não era má. Nada! Era uma pessoa muito vertical. Mas às vezes dizia aquilo mesmo para chocar. Para magoar. «Quem é bom é burro!». E dizia aquilo nas piores alturas. «Caramba! Que raio da...

avó! Porque é que ela diz que quem é bom é burro? Isto não faz sentido...» - Não faz sentido pela vida que ela levou... que ela leva e a forma como ela trata os filhos e os netos. Não, ela é bastante boa para eles. Porque é que ela atira com isto à cara com toda a força? De repente, lembrei-me de um velhote que me contou esta mesma história, o mesmo tema «O bem paga-se com o mal», de uma forma completamente diferente. Ou seja: não era uma cobra, era um lobo que estava debaixo da pedra, e o homem ajudou-o. Comecei a lembrar-me recorrentemente dessa versão. Já não me lembrava bem quem é que ma tinha contado. Se calhar foi o Carretas... foi um dos primeiros homens da tradição oral... velhotes, a quem eu ouvi contar histórias. Será? E lá fui aos arquivos mais antigos, buscar umas cassetes do Carretas, lá me pus à procura. E pimba! lá estava. Estava exactamente com esse nome «O bem paga-se com o mal» mas então se calhar não é a história do lobo de que eu me estou a lembrar de algumas coisas, estava a ver o velhote a contar que ele estava lá, parecia uma bolacha debaixo da pedra. Bem, não deve ser isto, «O bem paga-se com o mal» deve ser o da cobra. E então eu voltei a ouvir essa cassette e vi que tenho lá uma versão fabulosa do homem, que resolve todos os problemas que eu tinha e – muito interessante – onde a questão do bem e do mal é completamente escondida. Esse valor que é naturalmente – penso eu – o matricial nesse conto, está perfeitamente diluído. Está tão bem construído o conto que tu não precisas de falar nada do bem e do mal, tu não precisas de abordar a questão e podes fazer uma belíssima risota, uma paródia, à volta do bem e do mal. E tens os antípodas. Afinal a expressão da minha avó «Quem é bom é burro» fazia todo o sentido porque afinal de contas aquilo que estava em causa era a ingenuidade e a esperteza. E ambas, por razões diversas, saem enganadas. Ou seja, são perfeitamente trocadas as voltas à questão de que o bem dá resultado, dá vantagem ou de que o mal dá vantagem. Isto é um tema que me interessa imenso. Quando eu consigo baralhar tudo isto neste conto e diluir a

moralidade. Sendo um conto que me parece que está muito organizado para tocar na questão do valor, acima de tudo o que ele faz é baralhar os dados. Se nós nos centrarmos na questão moral, nós já estamos a perder terreno. Tudo é muito relativo. Depende muito da situação em que nós estamos metidos. E mesmo quando às vezes nós pensamos que aquilo vai sair para aquele lado, o macaco do destino vai-nos trocar as voltas, mais uma vez. Quer aos ingénuos, que naturalmente se deixam enganar, quer aos espertos. A coisa não bate certa. E isso para mim é muito interessante porque até um conto com características eminentemente moralistas, podemos utilizá-lo exactamente para lançar esta questão: É que o valor -o bem e o mal- não é o determinante e nós muitas vezes temos de limpar a questão do bem e do mal para perceber o fundo da questão. E pronto!, É uma libertação, de certa forma, essa limpeza.

Eu vi este velhote fazer parar o trânsito, no palácio Fronteira, em 1992, num encontro que houve de literatura oral. Tinham ido buscar este velhote a S. Vicente da Feteira, onde ele vivia. Ele estava numa escola de adultos e houve uma professora que o ouviu contar algumas histórias. Ele era uma pessoa muito discreta. Foram buscá-lo para o Palácio Fronteira. Havia uma comunicação, a Doutora Isabel Cardigos – foi onde eu a ouvi pela primeira vez, João David Pinto Correia, e o Manuel Ramalho, Carretas. Lá estava ele, abriu a sessão, muito engraçado, e a certa altura houve uma grande polémica. Contou uma história, mais outra, depois houve as comunicações da Doutora Isabel e do Doutor João David. A certa altura, a propósito de uma das histórias da Professora Isabel Cardigos, a história da cobrinha, que ela analisou e de que ela gosta muito, alguém disse: «Mas o que é que é a cobrinha na sua história?». E depois começam os significados. Os junguianos de um lado, freudianos do outro e aquilo começou a ficar complicado. Eu lembro-me da sala nobre do palácio Fronteira... havia uma confusão de narizes. Isto, em 92; isto foi no final de 92, eu estava a contar histórias havia para aí uns

6 meses e eu estava assim, espantado, porque era a primeira vez que ouvia falar nesta matéria. Estava todo entusiasmado, na brincadeira, ainda. Estava lá no fundo da sala e via as pessoas todas a falarem ao mesmo tempo. Estava cheia, a sala, havia uma escola de psicologia (acho que alunos do ISPA ou uma coisa do género, que estavam lá), e então aquilo pegou e depois havia gente que tinha ideias de «isso, está completamente ultrapassado...». Toda a gente a falar! E eu disse: «Oh! Olha que lindo!» Pronto, várias pessoas tinham tentado serenar a questão mas estavam a gostar de discutir sobre a questão da cobrinha; o que era o significado, aquelas coisas que apaixonam. E depois alguém disse assim: «Então vamos perguntar ao Senhor Manuel Ramalho o que é que ele acha da cobrinha! Já agora, uma pessoa que conta...». Todos concordaram. E aquilo serenou a sala de uma forma interessante porque todos queriam ouvir o velhote. E ele, muito espantado, porque estava a olhar para os lustres e aquilo tudo.

- «Diga-nos lá...»

E ele:

- «Querem que eu conte outra história?».

- «Não, não. Ouvi a história?»

- «Ouvi, sim»

- «Então o que é que acha que era a cobrinha ali naquela história? Que significado é que tinha para si?»

E as pessoas ainda falavam um bocadinho, e tal... De repente, o velhote pôs-se a pensar, agarradinho à sua bengala, na poltrona, calou-se, a pensar. Percebeu a pergunta e ficou a pensar. E quando ele se calou, a pensar, foi um silêncio, assim como se tivesse baixado o céu, por ali.... nem uma mosca porque toda a gente queria realmente saber o que é que o velhote ia dizer. Ele realmente era um E.T., de certa forma, ali, naquela sala. E ficou tudo a olhar. E ele, muito caladinho, a pensar... E depois daquela pausa

dramática, brutal (eu seria incapaz de fazer com aquela presença), diz ele: «Sabe, a gente na nossa terra, a gente lá faz histórias com tudo. A gente vê um lagartozinho e conta uma história com um lagarto; a gente vê um escaravelho, pimba, põe o escaravelho na história, cada um conta o que sabe.». E quando ele disse esta frase, «cada um conta o que sabe», até palmas ele teve – não foram as minhas, que eu estava a observar tudo... com a formação em teatro, sei distanciar-me – e de repente começaram a bater palmas, aquilo foi uma ovação enorme ao que o velhote tinha dito... estava muito espantado...«cada um conta o que sabe».... Olha, passou-se ao tema seguinte, continuou-se a conversa para outros moldes, acabou-se a discussão. Foi, assim, um enterro incrível. Como é que ele encontrou aquela solução? – Uma coisa banal: «cada um conta o que sabe» - no aspecto do significados. Foi uma lição que eu aprendi em 92 e nunca mais esqueci. E é ele que me conta esta história que me parece que realmente tem muito a haver com valores só que ele consegue colocar toda a dúvida... de uma forma correcta, em que os valores são realmente muito relativos à experiência de cada um.

**O. F. – E que pergunta gostavas que eu te tivesse feito?**

A. F. – Não faço ideia nenhuma. Eventualmente esta que fizeste agora porque vem a talho de foice. Como te digo isto é uma matéria que ainda estou a trabalhar. Ainda não contei nenhuma vez o conto como ele contou. Ou seja, agora já enterrei o outro, de certa forma e estou a começar a trabalhar este. Estou a falar dele, nomeadamente. Isto é um dos processos de contar, antes de contar, e de nós nos mentalizarmos, nós começarmos a ver as personagens. Ainda por cima são personagens que me são queridas. É o lobo - o lobo é uma figura, para mim, brutal, e ainda por cima coloca o lobo numa posição magnífica. Ele faz uma descrição fantástica. Ele é pastor, o Carretas, portanto ele sabe muito bem o que é que são os sons do sítio onde há animais domésticos e o som do sítio onde não há animais domésticos. E ele começa por fazer uma descrição «Era uma vez

um homem que não sabia... a vida dele não andava bem, aquilo não estava bom, e tal, olha... ele foi dar uma volta. E quando deu conta, ele não ouvia os cães a ladrar, não ouvia isto... -ele faz uma descrição muito bonita – ele só ouviu... bicharada selvagem, estava perdido numa selva. E de repente esta passagem qual é o primeiro animal que ele vai encontrar? É o lobo. Mas o lobo está mal, está... zzzc! com uma pedra em cima, ficou ali agarrado e pede ao homem «Ó homem, tira-me daqui». Coloca o lobo numa posição interessante. Hoje em dia o lobo está em vias de extinção, como nós sabemos, na Península Ibérica, o lobo ibérico, e o lobo é uma personagem importantíssima e está a desaparecer. E então vai pedir ajuda a quem? Ao homem. Ou seja, em vários contos, em plena recuperação da figura do lobo... o conto é muito próximo do real. A tradição normalmente utiliza os animais numa forma o mais... palpável possível e... e isso é uma situação que a mim me agrada. Ou seja, estabelece paralelismos com a realidade, e isso, a um narrador, dá sempre muita força. Ou seja, não é o lobo que assaltou e que roubou uma ovelha, não é o lobo e a raposa, nos seus intermináveis jogos, é o lobo e o homem. E o lobo, se está preso, então está... depois ainda por cima vai aparecer também a raposa pelo meio, e tal... perfeito; são personagens ótimas. Agora, é começar a contar.

**O. F. – Aceitas que o CONTO cresce com o contador e o contador cresce com o conto e ambos com a sociedade?**

A. F. – Claro. Claro, com o público, a relação com o público...

**O. F. – Portanto tem de haver uma sintonia...**

A. F. – Tem, tem, tem e nós temos é de conseguir sintonizar. Digamos que o segredo da qualidade do narrador é que ele está a falar e está tudo certo. Mas isso só acontecerá nos idosos e é uma coisa fantástica porque contam com uma enorme facilidade; pegam com toda a simplicidade em determinado tema e toda a gente acha que aquele tema é um tema extremamente oportuno.

O. F. – Mas nunca te aconteceu tu começares e achares que a plateia não está a ser...receptiva

A. F. – Sim, sim, sim... Tocada, tocada por aquele tema... escolhi mal. Pronto, a experiência diz que temos de saber fazer uma boa avaliação. Quanto melhor avaliação fizermos do público, quanto melhor percebermos quem é que está à nossa frente, melhor. Claro que nós temos depois contos, como «A Chica Amorica», que eu contei, que eu sei que posso mudar o rumo ao texto, ou seja, eu posso tirar mais para esta ponta ou tirar mais para aquela ou ficar num plano mais plástico. É um conto que se presta muito à questão plástica e a questão plástica é como as crianças: recriam-se, com uma enorme facilidade, portanto qualquer coisa lhes serve, desde que plasticamente esteja bem caracterizada. Portanto, tem muito campo de manobra. Não aponta caminhos. É um conto já muito plástico, não é? É difícil encontrar outra palavra. Não implica grande esforço da parte do público. Toca com maior facilidade. As histórias de bicharada têm essas características. Então se elas estão muito rodadas na nossa boca, é uma questão de ritmo, é uma questão de jogo. Não são também contos que permitam tocar, aflorar, na relação com o outro. Se nós queremos ir mais longe, temos de ir de outra maneira. Mas é difícil esperar muito mais, num espaço destes, numa situação mais ou menos informal, quando temos de contar só um conto. Ou seja, há uma série de pequenas regras que para mim fazem sentido. Porque mais simples, é errarmos. Se nós envolvemos muito, se pegamos num conto que não é certo, o público acha estranho e vai-se afastando. E então nós jogamos naquilo que é mais ou menos seguro, qualquer que seja mais ou menos o público e normalmente as expectativas dos públicos são muito próximas umas das outras. Ou seja, o que não se entende é o que é desajustado; o que é ajustado, pouco ou muito, é aceitável, da parte do público. Há como que um código, o público tem um termómetro. Só se a coisa desajustar é que ele se questiona «Mas ele está a falar do quê?

Mas porquê? Porque é que ele está a levantar estas questões? Não faz muito sentido». Aí é desajustado. Se eu estou a dar pouco mas faz sentido... ok, pode-se dizer que é pouco, pode-se dizer que é muito, gostei mais, gostei menos, mas, pronto, há uma lógica... e é nisso que eu jogo muitas vezes, naturalmente. Por é inútil pensarmos que podemos estar a dar sempre muito, porque não temos essa energia toda. Vamos gerindo e depois há momentos em que realmente temos capacidade de ir muito mais alto. Mas muitas vezes nós nem determinamos esses momentos. Acontece. O que também acontece é que ao fim de uns anos eu vou percebendo que, normalmente, eu atinjo os 40%. E dantes eu variava mais. Eu era capaz de ter uma prestação de 20% e ter uma prestação de 70%. Agora, normalmente, aos 40% eu chego sempre. Depois, se chego aos 90%, ou aos 80%, isso continua a ser muito relativo. A prestação performativa, a relação com o outro, aquilo que eu estou a atingir, aquilo que os outros levam dentro de si daquilo que eu dei, isso é muito variado. Mas o profissional tenta é não vir abaixo de determinada fasquia e manter uma regularidade, para poder viver disso.

**O. F. – Isso terá relação com a heterogeneidade do público, o conhecimento que tu tens do público...**

A. F. – É muito importante uma avaliação e a prática diária do contar é isso que nos dá, acima de tudo. É uma competência. Aquilo que eu também posso reconhecer nalguns velhotes que contam – aliás, hoje vimos ali um que tinha muito mais para dar – mais tempo houvesse. O Cardeiro também disse logo lá fora «É pá, aquilo estava a preparar o salto». Nós vimos logo que ele tinha uma competência que os outros não tinham. No aspecto performativo. Não teve foi campo de manobra. Pronto. Mas ele tinha essas competências. E porquê? Porque tinha contado com certeza muitas coisas, tinha cantado, ele sabia, mais ou menos ligar-se ao público. Ao contrário, por exemplo,

da outra senhora que nós gabámos<sup>1</sup>, que é outra situação. Aí talvez a diferença entre os homens e as mulheres: não estava muito preocupada com a questão performativa, estava preocupada em ser exactamente ela própria. Ele já não; ele com certeza já tinha andado em festas – normalmente os homens é que eram mais os abrilhantadores; as mulheres eram mais, normalmente, narradoras de casa. Eram as perpetuadoras dos temas, e tal...não questionavam muito a questão performativa porque dificilmente uma mulher andaria de feira em feira, a contar histórias. Ou seja, não estaria habituada a estar na tasca, a encantar a malta toda e todos «É pá, o não sei quantos é que é!». Não, a mulher não entrava nesses jogos, normalmente. Hoje em dia isso está tudo diferente. Tanto vai uma mulher como um homem contar histórias; é praticamente a mesma coisa, no plano performativo. Ou seja, o salto que se dá, a preparação que se faz, etc. Mas no tempo da tradição oral, não. Mas havia as excepções. E então, normalmente, essas mulheres, quando eram excepcionais, então aí, meu amigo! Eu tenho memória de ter falado com duas das filhas da cega de Portel, que dizem que era um portento! Era uma mulher que andava de feira em feira. Em termos de poesia popular, havia quem dissesse que com ela o Aleixo não se metia, por exemplo. Quando ela estava presente, os homens calavam-se um bocado. Ela era uma mulher com este calibre. Eu conheci duas das três filhas que ela tinha em Portel, de relações diferentes, e elas contavam histórias e caramba! Se isto fosse contado 100%... porque só o texto já se percebia que aquilo, realmente, era visceralzinho. Agora, contado por uma pessoa que estivesse habituada a contar, então fazia parar o trânsito, naturalmente. Para além da competência... Só que isto era um caso excepcional. E isto é quase já um mito, a cega de Portel.

O. F. – E achas que o repertório é idêntico, ou...

A. F. – O repertório de contos?

---

<sup>1</sup> Alusão a uma senhora que disse uma oração parodística do Pai Nosso e com a qual estivéramos a falar antes.

O. F. – Sim. Por exemplo dessa senhora e dos...

A. F. – Possivelmente. Não há dados para avaliar. No geral ela contava contos maravilhosos, portanto elas contavam bons contos maravilhosos. Boas versões, magníficas versões. Contavam também alguns jocosos, para arrumar a um canto quem se armasse em Chico Esperto. ... Não sei dizer, porque não consigo avaliar bem as condições em que eles contavam. Nem as situações em que contavam, nem os meios. É porque isto hoje é tudo muito diferente. Nós hoje temos tudo muito balizado, na área do espectáculo. Eu conto em situações completamente não convencionais; mas depende dos públicos. Às vezes tenho públicos completamente diversificados, que dá para fazer brincadeiras diferentes. A realidade é muito, muito diversificada. Porque uma realidade de cultura popular, intensa, é isso e é extremamente criativo. Por exemplo, se eu vou a um lar, é muito difícil, porque as pessoas já estão muito distanciadas. Se eu vou a um centro de dia e se eu estou bem naquele dia, eu posso realmente interagir e aquilo é uma brincadeira interessante. E naquela terra eu começo a perceber, se for lá duas, três vezes, se começar a estabelecer uma empatia com aqueles idosos, qual é mais ou menos o reportório que eles utilizam. Mas eu vou para outra terra, já é outra conversa. Porque vingaram outras coisas. A cultura popular era muito colorida, de certa forma. Hoje não, hoje não encontro tanto isso. Assim, numa passagem extemporânea por um sítio, não consigo perceber: não dá para avaliar o que antes seriam os reportórios fundamentais. Há temas. Por exemplo, «O Touro Azul»; às vezes aparece uma versão daquelas para fazer chorar as pedras. E então realmente «O Touro Azul» é uma daquelas histórias que virou moda, toda a gente contava, sabemos dos folhetos de cordel, sabemos dos livrinhos que circulavam. Pronto, é um conto que deu um salto. E foi naquela geração, um bocado, que deu o salto. Porque não faz sentido que nas leituras antigas só aparecesse a versão do Ataíde Oliveira. Portanto, de facto, explodiu, é um tema que

explodiu, como há outros que podemos dizer «Este provavelmente também explodiu» mas faltam-nos dados que nos permitam avançar o que é que era mais importante há sessenta anos atrás, em que, no fundo, a realidade era muito diferente.

O. F. – O Horácio não diz a idade. Tu ainda não chegaste a essa fase?

A. F. – Não, não, não: Trinta e oito; faço 39 este ano.

O. F. – Obrigada, António.

## ANEXO V

Este anexo integra a entrevista realizada a Cristina Taquelim, bibliotecária e contadora, com larga experiência junto de públicos diversificados.

A entrevista foi realizada no dia 20 de Maio de 2005, durante o *II Congresso Internacional de Literatura Infantil*, organizado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

OLGA – Cristina Taquelim, contadora de histórias... há quantos anos?

CRISTINA – Ai há quantos anos... há 17 anos que eu conto histórias. Mas só comecei a ter consciência do que é contar histórias há muito menos tempo. Quando acabei a Licenciatura em Psicologia, apresentei um projecto na biblioteca de Beja e fui trabalhar para o embrião do primeiro sector infantil que houve, ainda na biblioteca velha. Mas, objectivamente, não sabia fazer nada com livros. Quer dizer, tinha o Vigodsky mais ou menos arrumado na cabeça, Piaget, qualquer coisinha, mas de livros e do mundo prático, não sabia coisíssima nenhuma. Tinha, sim, uma memória muito acesa das histórias que me contavam e isso foi a minha bóia de salvação. Não sei se isto se pode aplicar a outras situações mas no meu caso concreto foi uma bóia de salvação. Comecei com as histórias que a minha avó me contava e que, curiosamente, à medida que eu fui contando, se foram acendendo mais na minha cabeça e, obviamente, foram-se mudando. Porque, inventora e mentirosa como sou, não era possível deixar as histórias como as tinha recebido; e portanto fui colocando muitas outras coisas nas histórias, coisas que eu sentia necessidade de colocar. Por isso, não posso dizer que sou contadora de histórias há 17 anos; se calhar há uns 10 anos que eu tenho consciência do que é contar histórias.

OLGA – Porquê e para quê contar contos?

CRISTINA – Eu, agora, ando numa fase em que faço essa pergunta a mim todos os dias. Nós passamos por fases diferentes, não é? Eu acho que quando comecei, contava histórias porque era a única coisa que eu sabia fazer, objectivamente. Depois, houve uma outra fase em que tomei consciência de que o contar histórias me ajudava muito a resolver como pessoa e comecei a descobrir outro tipo de contos, que não só os contos tradicionais que a minha avó me contava; comecei a dar um mergulho e a ouvir

outros contadores e a apanhar referências e a ir à procura de outros contos, e comecei a ter consciência da força, da grande força que os contos tinham e o quanto me ajudavam a resolver.

Hoje tenho consciência da função dos contos de outra maneira e as muitas situações e os muitos auditórios para os quais tenho contado dão-me uma noção da função dos contos e do porquê de contar histórias de uma forma completamente diferente. Eu dei, alguns anos, aulas na Universidade, no ISPA, em Beja, na área da animação sociocultural e acontecia-me uma coisa engraçadíssima: por vezes tinha grupos tinha de alunos profundamente desinteressados e eu introduzia muitas histórias, nas aulas que dava. E aquilo que me acontecia era que nos vinte minutos que se seguiam a uma história, o grupo abria e a absorção daquilo que eu queria dizer, em termos teóricos, era muito mais ampla e muito mais eficaz. Isto faz-nos, obviamente, pensar... não podemos fazer uma coisa destas e contamos por contar. Quer dizer, o que é que acontece com o processo do contar histórias que faz com que um aluno, um indivíduo baixe as suas barreiras, as suas defesas todas à entrada do novo e daquilo que lhe é difícil e que se crie uma disponibilidade para aprender e para comunicar. Hoje já não conto só contos tradicionais, estou tentando cada vez mais introduzir nas coisas que conto também os contos de autor, muito fruto do meu trabalho na biblioteca. Porque também percebi que aquela ideia romântica que eu tinha de o conto tradicional levar à leitura, é apenas isso, é uma ideia romântica. Não leva... O processo de construção do leitor é uma coisa muitíssimo complexa e não é só por se contar histórias – e nomeadamente histórias tradicionais – que a gente lá vai. É preciso que a interacção com o mundo da língua se faça de muitas maneiras, cruzado com muitas abordagens. E portanto, o reconto oral do conto de autor é muitas vezes uma forma, digamos, suavizada, é uma porta que se destranca para que depois o leitor possa percorrê-la pelos

seus próprios pés. Por que não é um contador que substitui, não é o ouvir uma história de autor que substitui a leitura da própria história.

Portanto, o «porquê» do contar histórias alicerça-se nestas coisas todas. Porque é que eu hoje tenho muitas dúvidas sobre o contar histórias? Porque associado a este trajecto todo das histórias, vamos passando por muitas experiências negativas e apanhando muitas decepções, como esta de percebermos que, apesar do grande esforço que fazemos para levar isto a sério e para nos documentarmos, há quem não tenha essa postura.

Nós sentimos na pele a repercussão do trabalho junto das pessoas. Eu, por exemplo, não trabalho por uma questão de prestígio. Gosto que reconheçam o meu trabalho mas trabalho porque sei que isso é importante para as pessoas. Eu tenho a noção disso. Quando estou a trabalhar regularmente com um grupo de miúdas em situação de internato e sou recebida em pulgas, porque se me atrasei cinco minutos e elas receiam que a sessão demore menos tempo e ouçam menos histórias; quando trabalho com um grupo de mulheres em situação de reclusão e oiço, da boca de mulheres que não têm nenhum tipo de formação académica, reflexões muito sérias sobre a vida, a partir das histórias que eu conto, apercebo-me de que isto é muito importante para as pessoas. Não se anda aqui só a fazer... umas «palhaçadas». E custa-me muito ver, da parte de quem tem uma reflexão séria e muito profunda e lê muitos autores e estuda muitos livros, a manipulação do contador de tradição. Quando trazemos um contador para para uma situação destas [um Congresso], não o podemos encaixar no programa sem cuidado e sem respeito pelo que ele traz. No ano passado trouxe contadores para as «Palavras Andarilhas» e as pessoas ficaram bem. Ou seja, houve um enquadramento. Portanto, é possível; o problema não está em trazê-los para este tipo de encontros; o problema é o enquadramento que temos de fazer, porque há uma coisa que

não se pode pedir a um contador: é que conte uma história em dez minutos...Não se pode!... Não se pode! Pode-se pedir a um actor que conte uma história em dez minutos. O actor trabalha com texto, prepara um texto, tem dez minutos, tem marcações; o contador não tem. O contador precisa de tempo para criar, para criar imagens a quem está a ouvir. Precisa de tempo para criar imagens das personagens, ou deixá-las abertas (eu, pessoalmente, não gosto de traçar muito); precisa de tempo para criar a imagem do espaço, do lugar; precisa de enquadrar aquela história num determinado universo; e precisa sobretudo de fazer um exercício - que o actor, porque está treinado, faz mais rapidamente - que é situar aquela história na geografia da sua vida e passar isso a quem está a ouvir. Só com isso se gastam os dez minutos, logo. Portanto esta coisa de chegar a um contador e dizer «Você vem contar uma história em dez minutos» é uma coisa que não se faz!

Eu sou psicóloga, bibliotecária, contadora de histórias... como é que se isto liga tudo? E de facto isto liga-se tudo, não é? Há aspectos que ligam muito isto e que separam muito isto. O que é que eu quero dizer? Os bibliotecários, os contadores de histórias, os psicólogos são mediadores. Todos eles. São actividades de mediação. Mediação, entre coisas diferentes mas todas elas são actividades de mediação. E numa perspectiva mais séria, são actividades de mediação entre o Homem e a sua memória, e a sua história. É isso que fazem o psicólogo, o bibliotecário e o contador. E também são os três especialistas em leituras – leituras diferentes, mas três tipos de leitura. (Também têm coisas boas em termos económicos: ganham todos mal, que é uma coisa que também têm em comum). Agora, há uma diferença muito grande entre o contador e o bibliotecário: é que o bibliotecário tem entre as mãos aquilo que é a eternidade do registo escrito. O bibliotecário trabalha com uma massa que é eterna, quer dizer, está escrito

OLGA – Está fossilizado...

CRISTINA – Pois, mas está escrito. Se não for agora, se não desenvolver o seu trabalho agora, desenvolve mais tarde, porque tem sempre ali. O contador, não. O contador trabalha com o momento. Quer dizer... o sentido do contar traduz-se no momento do acto de contar – que é uma coisa efémera! É efémera! A gente chega, conta e acabou! Não ficou nada do trabalho do contador. Por isso há pontes entre estas coisas

OLGA – Se me permite um parêntesis, há um projecto que gostaria de levar a cabo e parece-me que a Cristina me podia ajudar bastante.

CRISTINA – E que é...?

OLGA - Só nos falta arranjarmos um neurologista.

CRISTINA – Ai é?

OLGA – Depois pomos a Cristina a contar histórias e analisamos as reacções do cérebro de quem ouve; as áreas que são activadas...

CRISTINA – Ah! Isso é tão bonito...E ver o que acontece em termos...

OLGA - Com várias histórias e várias pessoas, para ver o que acontece no cérebro...

CRISTINA – Muito engraçado...

OLGA –Provavelmente, vamos ver materializada a resposta para essa pergunta «Porque é que os alunos, depois das histórias, ficavam...»

CRISTINA – Exactamente...Mas isso acontece muitíssimo. Acontece com alunos, mas não acontece só com alunos. Tenho participado em algumas experiências com reclusos... são ambientes duros! É um processo que é muito curioso, mesmo trabalhando com grupos muito difíceis – e eu tenho apanhado com grupos de peso, daqueles grupos que quando chegamos a professora diz «Ai, não vale a pena, você não dá conta disso». Mas isto não é só a minha experiência, é também a do Serafim, do Fontinha, da Ana...

O que é que acontece a estes contadores que funcionam com grupos onde todas as instituições educativas desistiram - «Ah, porque é fácil, porque as histórias são fáceis!». Não é tão simples assim. O que é que acontece naquele momento de interacção para que um grupo, que é hostil, suavize a sua postura e se vá abrindo a receber... a receber. Porque é disso que se trata. O que é que acontece? Alguma coisa tem de acontecer. Isto acontece com adultos reclusos violentos, homens que têm uma experiência duríssima, acontece com miúdos de etnia cigana onde a escola fracassa em tudo e a oralidade funciona... Eu tenho casos do Bairro da Esperança que me chegam à biblioteca completamente em pandemónio – aquelas coisas brilhantes do nosso sistema educativo de uma turma de quinze crianças todas de etnia cigana (enfim, não sei se é bom se é mau, já nem vou questionar isso). São crianças que nunca entraram numa biblioteca ou que entram muito pouco numa biblioteca e portanto têm a atitude de descoberta que uma criança de etnia cigana tem em relação ao mundo, que é a de subir às árvores e apanhar os pássaros – e faz isso na biblioteca. E nós levamo-los para a gruta, começamos a contar e o professor fica espantado com a reacção positiva do grupo. O que é que acontece a estas crianças? Não pode ser só porque é fácil ouvir... porque é mais fácil ouvir! Não é por aí! Quer dizer, há um processo qualquer – e eu penso que tem muito a haver com o plano da relação, não tem a haver com o conto. Quer dizer, tem a haver com o conto mas tem a haver com a interacção, com o plano da relação que o conto proporciona e depois tem a haver com o universo simbólico a que o conto apela e que permite a projecção de determinado tipo de coisas, a identificação com um sistema educativo que não permite isto a nenhum outro nível. E o que eu penso é que se calhar é possível utilizar muito o conto (não gosto de utilizar a expressão do conto como arma, porque o conto nunca foi arma para coisa nenhuma) mas utilizar o conto como «arma» de abertura à comunicação e para poder entrar-se noutros campos. Este ano

tivemos uma experiência muito interessante com os miúdos de etnia cigana, em Abril. Foi tão simples quanto isto: Chamava-se «Abril a ler» - uma turma ia ler e outra turma ia ouvir ler. Inscreveram-se três turmas do Bairro da Esperança, que são turmas problemáticas; duas delas tinham imensos meninos não leitores, já com 11 anos, 12 anos. E é curiosíssimo que a partir desta primeira sessão que foi feita, que fizemos com os dois grupos, quando foram ler, os miúdos traziam textos escritos. E dizia o professor: «O que é que aconteceu, que estes miúdos nunca quiseram escrever nada?!». Há qualquer coisa que acontece aqui.

A Kica, agora na intervenção dela, apresentava situações verdadeiramente espantosas – ela trabalha em hospitais com crianças com internamentos prolongados, cancro, cardiopatias complicadas, coisas que até emociona ouvir falar – e a gente percebeu a função do conto nestes contextos. Ela tem até uma frase muito engraçada que é «As histórias não curam; às vezes aliviam mas sempre consolam». Não sei se se pode ficar só por aqui mas é uma coisa que acho que se tem de estudar.

OLGA – Um outro parêntesis: Há tempos fui contar numa escola da margem sul, onde há jovens filhos e filhas de delinquentes e muitos deles próprias já cometeram furtos ou estiveram mesmo presos...

.....

CRISTINA – E não nota também preferência por determinado tipo de histórias?

OLGA . Eu ali não consegui ter essa noção

CRISTINA – Quanto mais carregadas as histórias são, mais gostam. Eles têm uma predilecção pelas histórias que têm a haver com o fantástico, que criam medo, que criam estranheza. Eu vejo nos grupos. Eles podem não responder bem aos contos de fadas, por exemplo, os contos do maravilhoso, que têm um encantamento. Com a «Linda a Linda», por exemplo, fui carregando a cor, aos poucos, com aquela cantiga, aquela estranheza...

E é curioso, porque eu conto a «Linda a Linda» de várias maneiras; a estrutura da história está sempre assim, mas vou-lhe carregando a cor conforme o tipo de ouvintes. Quando eles são muito reguilas, carrego as cores de uma tal maneira que eles até fazem assim [mímica de dor] quando eu espeto o alfinete na cabeça da menina – e noto muito isso, noto que eles respondem muito bem a este tipo de contos, aqueles contos mais crus da tradição oral; respondem muitíssimo bem.

Há tempos, há uns seis anos ou sete, apareceu-me em Beja um professor doido, daqueles que eu adoro. Era de Filosofia. Nós fazíamos na altura a recepção ao professor. O professor viu-me lá na organização – eu era na altura responsável na divisão de educação – e veio-me felicitar. Achei-o tão receptivo, que lhe disse assim: «Andava à procura de um professor para fazer aí um desafio: gostava de, um dia, utilizar os contos tradicionais, numa aula de filosofia!». O professor gostou da ideia e disse que a ia levar aos colegas. Havia cerca de quatro professores de Filosofia na escola, mas só ele é que quis. Numa turma de teatro, estava eu a contar a «Ti Miséria» e saltou-me uma expressão – às vezes acontece isto – naquele momento em que todos começam a estranhar... a morte, a morte, a morte... eu disse: «Naquele momento, a velha, a Ti Miséria, tinha o mundo inteiro na mão». Acabada a história, começámos a falar sobre ela e há um jovem engraçadíssimo que me diz assim: «Essa história faz lembrar muito os dias de hoje». E eu fiquei à espera. «Pois, porque há certos países, como o Brasil, em que a vida das outras pessoas está completamente condicionada pela miséria dos que vêm das favelas...» E eu fiquei boquiaberta com a associação. O rapaz estava no 10º ano! Isto é de uma inteligência! Porque, de facto, nas nossas cidades, hoje, fruto da desatenção para com os marginalizados, somos reféns deles. E há sociedades onde as pessoas são absolutamente reféns da miséria que acabam por criar; por causa da nossa incapacidade de integrar quem não partilha dos códigos da mediania. No Brasil isso

acontece e o rapaz chegou lá! Isto é verdade! Achei que encontrara uma boa expressão e decidi mantê-la. E ontem, por acaso, deixei cair. Ontem, e às vezes, deixo cair. Mas isto é a prova em como eles têm uma atitude muito atenta e pensam muitíssimo mais sobre as coisas do que a gente pensa. Às vezes discuto isto com *Fulano*, que me diz: «As pessoas gostam de contos porque nos contos não têm de fazer esforço! Na leitura têm de fazer esforço para ler, nos contos não têm». Eu, por acaso, acho que não. Acho que as pessoas, nos contos, estão sistematicamente a criar pontes entre aquilo que estão a ouvir e as suas referências, a sua história, a sua experiência de vida... É diferente porque não tem a situação da descodificação do texto escrito, mas tem outras descodificações.

OLGA – Já percebi que selecciona em função do auditório

CRISTINA – É um critério importante. O primeiro critério para seleccionar o conto é gostar do conto. Uma das condições para eu contar um conto é eu gostar muito do conto. E esse é um dos meus grandes dramas, é o de reportório. Porque não há muitos contos de que eu goste. Eu leio muitos, muitos contos, e às vezes até preciso de o ouvir na boca de um contador para o conto tomar forma; às vezes já li aquele conto não sei quantas vezes e, contado por alguém, o conto, de repente, faz sentido e começo a contá-lo. A primeira condição é isso. Mas o auditório é muito importante. Há, por exemplo, contos que eu não posso contar perante aquele auditório; ou melhor, posso, mas não me apetece e não depende forçosamente da idade, de ser um auditório adulto ou de crianças. É mais uma questão de equilíbrio da sessão que eu estou a fazer. Posso, por exemplo, estar a trabalhar com adultos, com idosos, e fazer sentido, naquele contexto, porque é um conto de abertura e porque eu quero criar uma determinada postura descontraída, pegar num daqueles contos de facécia que a minha tia me contava e que é normalmente um conto com repetições, que suscita a participação do auditório, para criar energia, para criar empatia. A selecção depende também de estar a contar

sozinha ou não. Se há outros contadores, o equilíbrio não se faz só em função do auditório mas também dos outros contadores – o que também acontecia com os contadores da tradição. E ontem tive outra vez uma prova disso. Os contadores da tradição tinham, na minha opinião, uma noção de performance, que por vezes nos passa ao lado. E ontem isso era claríssimo naquele contador. Ele estava preocupado em contar os contos mas, sobretudo, inscrever aqueles contos no mundo! No universo! Aquilo não acontecia por acaso... ele tinha necessidade disso. Se calhar, porque, apesar de ele ser uma pessoa quase analfabeta, ele tem noção que para se perceber o que aqueles contos são é preciso saber como se contava, onde é que se contava, que a história das courelas tinha um sentido numa altura em que as pessoas trabalhavam mais a terra e que hoje estão abandonadas... Eu não faço se calhar a contextualização com esta intenção, isto são reflexões que vamos fazendo depois, à posteriori, mas acho que faz sentido. Quando, por exemplo, organizo uma sessão sozinha, tenho de ter noção do ritmo da sessão; sei que não posso, por exemplo, carregar muito as cores, tenho de ter contos mais leves, o que para mim é uma dificuldade porque eu só gosto de contos muito pesados e é complicadíssimo arranjar. Não sou uma contadora de humor... sei 3 ou 4 partes que depois introduzo para equilibrar a sessão mas não sou contadora de humor. Até sou uma pessoa bem-disposta mas nos contos isso não se reflecte porque eu só gosto de um determinado tipo de contos e é um bocadinho egoísmo da minha parte.

Em resumo, as principais condições para seleccionar um conto são: em primeiro lugar, gostar muito do conto; depois é preciso que o conto me diga alguma coisa, que seja significativo.

Se for um conto de autor há outras preocupações que tenho. Contá-lo de forma a que não se perca a marca do autor, fazê-lo de forma a não estragar o trabalho do autor. Não estragar! Porque num conto da tradição, temos a noção de como o agarramos; num

conto de autor, há questões que têm a ver com a linguagem que não se pode alterar... ou então, não lhe pego! Ou então leio em voz alta, que é outro serviço bom que posso prestar ao autor. Mas isso já não tem tanto a haver com a minha actividade enquanto contadora de histórias mas mais no campo do trabalho da biblioteca. E por exemplo, quando faço actividades de animação de leitura - que eu chamo actividades de animação de leitura - não faço só contos. Já há muito tempo que deixei de fazer isto. Eu vou desde situações de animações de livro até situações com conto, conto de autor, conto tradicional, tento fazer um percurso porque o objectivo daquela sessão é, do meu ponto de vista, diferente. Porque quero muito que o livro esteja ali, como objecto e também do ponto de vista da forma como o conto é contado. Já não se passa o mesmo se faço uma sessão solta na gruta.

OLGA - Há bocado também referiu que tem várias maneiras de contar a mesma história em função do auditório.

CRISTINA - Claro!

OLGA - A Cristina «lê» o auditório, faz uma leitura...

CRISTINA - E é uma coisa que faz muita confusão às pessoas porque às vezes chegamos a um teatro, por exemplo, projectam uma luz sobre nós e apagam tudo o resto. Em Espanha funciona assim, em Espanha é muito isto! Por exemplo no Teatro Moderno em Guadalajara, apagam-se as luzes, foca-se o contador - o artista - que «vende ali o seu peixe». E eu não estou interessada nos contos nessa perspectiva. Eu não sou actriz portanto preciso de sentir essa interacção. E o auditório dá, de facto, pistas muito importantes, pela positiva e pela negativa. Ontem, por exemplo, aquele contador teve uma reacção comigo deliciosa. Eu interrompi-o - isto é muito bem feito e a gente aprende com os mais velhos sempre, sempre, sempre - interrompi-o porque ele disse que tinha 12 filhos e eu perguntei-lhe «Então contava histórias aos 12 filhos?».

Isto é uma pergunta perfeitamente cretina: como é que um homem, trabalhando no campo, com 12 filhos, podia ter tempo para contar histórias? E ele, muito delicadamente, não reagiu; podia ter sido incorrecto, mas não foi. Limitou-se a não ouvir o que eu lhe perguntei! E eu aí percebi o sinal e larguei. Ele foi muito mais inteligente do que eu. De facto é preciso a gente ter a humildade de reconhecer o saber destas pessoas. Se eu lhe perguntar «Porque é que você fez isto?», o homem jamais me dirá uma coisa destas mas há qualquer coisa de saber de experiência feito que diz «Olha, a esta pergunta é melhor eu nem dar resposta se não marafo-me com ela». E os contadores de tradição têm isto. Eles sabem exactamente a história que têm de contar, na altura em que têm de contar. Eu acho que havia essa preocupação na tradição e tinham uma atitude muito mais assente no processo de comunicação do que aquilo que vejo hoje muito em muita gente que está a trabalhar nesta área, que é um bocadinho uma atitude de estrelato. E às vezes acontece isto: estamos a ver e ouvir o contador contar uma história; depois ele acaba e nós perguntamo-nos «Mas que história é que ele contou?». Gostámos muito, ficámos encantadas com o contador, mas o que é que ficou do conto? Eu cada vez tenho mais noção disto; cada vez compreendo melhor o que a minha avó dizia. Ela foi uma mulher que criou dois filhos para ir à Universidade – a minha avó fazia luvas de renda e meias de renda para pagar os estudos à minha mãe, em Faro. E a filha conseguiu ser doutora, o que para ela era um grande sonho. E depois viu a neta mais velha, doutora. Depois vê a neta andar a contar histórias, isto é uma ferida narcísica de todo o tamanho. Perguntava-me, já velhota: «Então mas o que é que tu fazes? O que é isso de contar histórias? Mas és actriz?» - «Ó avó, é o que tu fazias... contavas....». - «Ah, agora!» - Não acreditava muito naquilo - «Andaste a estudar 5 anos não há-de ser para fazer o mesmo que eu fiz...». E um dia, estava eu a tentar explicar-lhe o que fazia e quando lhe disse que não era actriz, ela respondeu, com muita graça: «Ah,

então é assim uma espécie de um médium de incorporação...». É à sua escala, é à sua maneira, mas isto tem um certo sentido. No fundo, um contador é um veículo de qualquer coisa – e isto já sou eu a reelaborar sobre aquilo que a minha avó disse – mas é um veículo de qualquer coisa que lhe chega e que passa aos outros, pois se é um médium de incorporação, também deixa lá alguma coisa, pode ser a voz. O contador não é tanto um médium de incorporação porque ele põe muito também de si e supostamente os espiritistas dizem que não, que aquilo é tudo verdade, que não põem nada. Portanto é um bocadinho isso, é ser veículo do conto, passar o conto naquilo que eu acho que é a sua estrutura, daquilo que é importante passar do conto, obviamente; deixando cair aquilo que não faz sentido para mim e, nesse sentido, é um processo de reconstrução – mas isso não é novidade nenhuma, isso toda a gente diz.

OLGA – Portanto a Cristina cresce com o conto e o conto cresce com a Cristina.

CRISTINA – Sim. Guerreamos... e abandonamo-nos... e depois levo muito tempo, muito tempo sem contar uma história e depois de repente reaproximo-me da história...

OLGA – Quer falar um bocadinho da «Ti Miséria»?

CRISTINA – Então a «Ti Miséria» é um exemplo do que temos estado a falar e resulta de ouvirmos as pessoas depois das histórias. Estava eu a dizer-lhe ontem que em Mértola, tinha ido lá fazer um serão e houve uma educadora, a Odete, que me fez uma observação qualquer sobre a ternura com que se ficava pela Miséria... E aquilo começou a crescer na minha cabeça: Como é que é possível eu contar esta história de maneira que se fique com ternura pela miséria? Porque de facto é disso que se trata. E houve um período em que larguei a história. Andava derreada com a Miséria porque queria transformá-la... ainda não consegui; ontem, então, correu-me tudo mal, mas pronto, ontem foi um dia para esquecer – mas já a contei como eu quero. Só que, depois, preciso de rodar. Outra coisa que acontece muito com os contadores é que a gente chega

a uma forma mais ou menos ideal mas precisamos de a rodar para ela criar corpo. Não se conta uma vez como a gente acha que ficou bem e ficou ali; não; tem de ser rodada. Tem de ser rodada até porque depois há um conjunto de expressões, de frases, de gestos, que nascem naturalmente, que temos de fixar. São fixados naturalmente. E aquilo que na minha cabeça faz sentido é que a Miséria nos faça rir, porque ela é uma velha um bocado debochada. Até à altura em que a educadora me disse isto, a única coisa que me interessava no conto era aquela ideia romântica de um mortal poder, por momentos, ter a morte presa no cimo da árvore. Era aquilo que me fascinava no conto. Aquilo era um fascínio! Era quase como se eu dissesse: «Se eu pudesse prender-te, magana!» Era um bocado isto. Também tem muito a ver com a maneira como aos poucos eu fui resolvendo a minha relação com a morte. Eu hoje já não quero prender a morte na figueira, já aceito que ela desça e que ande por aí a fazer o caminho dela e, se calhar, isso faz aparecer outra necessidade no conto. Aquele obstáculo meu, da relação com a morte, eu resolvi. Agora como é que eu resolvo o que se segue? e se calhar, aí, surgiu esta solução e ela está a ficar um bocado «badalhoca; acho que as pessoas já não sentem a mesma ternura pela velha. Continuam a sentir uma coisa que eu quero que sintam, que é o impacto daquelas três ou quatro coisas finais que eu digo. (E o homem ontem fazia isso muito bem: contava a história, ria... e no fim dava-lhe um apertão). E eu gosto de fazer isso. Gosto que as pessoas percebam que aquilo não é só jogo, gosto que percebam que ela [a Miséria] ainda está cá. «Vamos olhar para o mundo em que a gente vive, vamos olhar em frente da nossa porta»- e no fim de tudo devolver um bocadinho ao ouvinte a responsabilidade pela mudança; porque tu ouves mas também tens voz.

Há dias fui ao lançamento de um livro – uma revisão do livro do Tomás Pires; a Ana Costa Lopes convidou-me a mim e ao Fontinha para ir lá contar alguns contos do livro. Eu peguei num conto em que nunca tinha pegado. É o conto do parvo, em que um

homem tem uma quinta arrendada ao rei; é um ano difícil, o homem tem uma vida dura, não consegue pagar aquilo que tem que pagar e vai perguntar ao rei como é que há-de resolver, humildemente. E o rei, no seu poder, diz-lhe «Pagas-me com uma grande mentira». E eu comecei a ler o conto e aquilo tinha que me fazer sentido; porque é que o rei lhe pede uma coisa destas? Para brincar com o homem? Não, o rei pede-lhe aquilo porque o rei sabe que a única coisa que aquele homem tem, o único valor que ele tem é a verdade! Eu penso muito nestas coisas, levo remoendo, remoendo. Eu tinha de vingar o pedido que o rei estava a fazer, tinha de o castigar por ter expropriado o homem daquilo que ele tinha de seu. Conversei sobre isto com a Professora Isabel Cardigos e pareceu-me que ela achava que eu não precisava de fazer nada, que o conto tem o que precisa de ter e eu não preciso de pôr nada lá. Mas para mim, o conto não faz sentido se não levar a minha mãozinha. E meto-lhe lá duas ou três coisas que dão esse sentido. Pronto; eu, se por um lado acho que o conto não pode ser transformado num objecto panfletário, acho que o conto tinha uma função social, tradicionalmente. Só o conto, não: a tradição oral tinha uma determinada função e também havia contos altamente transgressores. Não são assim tão poucos. A figura da mulher, em muitos contos, é uma figura perfeitamente discreta e passiva, e apanha pancada... e eu não conto esses! Gosto mais dos outros. Mas também há muitos contos em que a mulher é muito esperta, que engana o marido, que é dinâmica. Então o que é que isto significava nas entrelinhas? Transgressão! Liberta-te! Havia uma função de apelar a qualquer coisa. Por exemplo este, o conto do parvo, é um conto interessantíssimo em termos de astúcia; é o filho parvo do homem que vai levar as mentiras e engana o rei e põe-no em cheque. O rei, além disso, até era um rei travesso que gostava muito de mulheres e o rapaz deixa uma insinuação no ar. Então o rei diz «Cala-te, que está além a rainha». Isso é mentira, que está além a rainha... É um conto muito conhecido, eu não o tenho é rodado. Mas sinto

necessidade de colocar essa deixa, para ajudar à leitura do conto. E depois acontecem-me coisas estranhíssimas. Contos de que eu gosto... Olho, gosto, conto e depois de contar digo é que tomo bem consciência e digo «Ai o que eu estive a contar!» Mas enquanto o li, não me apercebi. Outras vezes a dica é dada por uma das pessoas que o ouviu. Há um escritor brasileiro muito engraçado, o Milor Fernandes, que tem contos curtos com humor e eu uma vez contei um. O conto tem uma moral que é «Quem feio ama, tem sempre segundas intenções». E eu tinha achado o conto engraçado... É a história do pároco Alcântara, um homem corcunda, torto, míope, que só andava na rua às escuras porque não se dava com ninguém. Um dia, quando vai a passar por um bairro fino do Rio de Janeiro, ouve um pstpst e vê numa janela uma mulher lindíssima que o convida a subir. O homem faz um filme daquilo: «Os milagres acontecem, felizmente até tem um preservativo no bolso...». Quando chega, a mulher abre-lhe a porta e ele vê que é uma mulher lindíssima, vestida numa camisa transparente. Ela faz-lhe um gesto sedutor, o homem despe o casaco, ela chama-o até ao quarto e, quando abre a porta do quarto, surge uma criança de olhos vermelhos, berrando desalmadamente. Então a mulher diz à criança: «Eu não te dizia que se não te calasses chamava o papão?». Isto é o conto. Vive daquela situação toda da fantasia construída pelo homem, enquanto sobe as escadas. E depois remata com esta linda frase: «Quem feio ama tem sempre segundas intenções». Eu contei isto e não me apercebi do que isto significava. Como é que foi possível eu, que sou uma pessoa inteligente, contar isto? «Isso não tem importância nenhuma», dir-me-ão algumas pessoas; «O conto é muito giro, não tem importância nenhuma». Para mim tem. Não pode ser contado, este conto. Eu não posso dar voz a um conto destes; outra pessoa poderá mas eu não posso.

E eu penso muito nestas coisas, fico matutando, matutando, matutando... Ai, se eu pudesse voltar a máquina atrás e apagar aqueles cinco minutos - que é um conto de

cinco minutos – da minha experiência de contadora. Mas não se pode. A minha sorte é que contei e acabou... não ficou escrito que eu um dia contei aquilo, em lado nenhum, a não ser na minha cabeça.

OLGA – Disse aí uma coisa engraçada que é que às vezes lê o conto, gosta do conto, e só depois de o contar é que se apercebe de que afinal não gosta. Ou seja, o conto tradicional, quando está escrito, está incompleto, não é? Só quando lhe damos voz e gesto e intenção é que é que ficacompleto

CRISTINA – Aliás, o conto tradicional escrito é uma «seca».

OLGA – É um crime...

CRISTINA – É uma «seca». Eu já li várias versões da «Miséria», escritas, e tirando a do Almodôvar, que não é com figos, é, como deve ser, com as pereiras, « O pereiral da Ti Miséria», tirando essa que é bastante completa, a maior parte delas resumem-se a três linhas. O «Não me cortes o cabelo», do Tomás Pires, é curtíssimo, é muito seco. Dá-nos, sim, a matriz para criar. Porque eu nem imagino o que é uma pessoa contar um conto tradicional, tal e qual está escrito. É de alguma forma amputá-lo, do meu ponto de vista. Agora eu não sei qual é a alternativa para não o deixar desaparecer. Se calhar o registo. Ontem, falava com o Dr. Alexandre Parafita, a propósito das recolhas que ele tem feito, e perguntei-lhe se ele tinha registos áudio destes contos...

OLGA – Eu acho que o ideal mesmo é o audiovisual.

CRISTINA – Exacto. Eu, por acaso, só falei em áudio.

OLGA – O audiovisual, no contexto, e não é assim, a pessoa, no meio de nada, em frente a uma câmara. As recolhas deveriam ser feitas com uma câmara de vídeo mas disfarçada...

CRISTINA – Exactamente. Discreta, na taberna, à porta de casa...

O Dr. Alexandre Parafita disse-me «Ah, tenho lá umas cassetes...». «Mas ouça lá, do meu ponto de vista, mais importante do que o conto, são todas as outras coisas...», disse-lhe eu. «Ah mas eles depois, quando se grava, estendem-se muito!».

Pronto! pois é esse estender que eu quero. Isso é que me dá o enquadramento e que me permite a mim, também, criar. Porque vamos lá a ver: eu não tenho uma vivência de ruralidade que me permita falar da vida rural com propriedade e grande parte dos contos tradicionais tem a ver com esta realidade. Portanto eu preciso desse enquadramento para enriquecer também o meu imaginário e poder contar com propriedade e isso é uma coisa que só mesmo ouvindo. É por isso que eu gosto muito do Zé Craveiro, contando. Não é o Zé contando nos serões, não é o Zé contando aí; é o Zé contando na cozinha dele, onde tem aquela banca, aquela mesa corrida para os amigos comerem, com vinho e petiscos. Entra uma pessoa no restaurante e ele diz assim: «Olha esta, conta-se ...» e a pessoa sai; entra uma velhota, e ele: «Conta-se que era tão avarenta, tão avarenta que não sei quê, não sei quê... e havia outra avarenta...» e vai encadeando. É isto que me interessa mas não vejo ninguém fazer, em termos de recolha. Não vejo! Possivelmente, haverá, na área de antropologia... também não conheço assim tanto destas coisas...

OLGA – Mas isso será para um «museu do conto», não é? É um outro conto, depois... mesmo com a imagem e com o som, é um outro conto que lá está.

CRISTINA – E o gesto...

OLGA – E o gesto. Mas depois o conto «conto», só existe com o público e naquele momento, como disse há bocado...

CRISTINA – Só, só. É efémero, acabou!

OLGA – O que é que é mais importante: ser fiel à tradição, ou adaptar ou deixar o conto crescer, evoluir ou...

CRISTINA – Eu acho que o que é mais importante é ser fiel ao acto de comunicar. Eu dizia que há pessoas que estudam o conto; há pessoas que estudam os contadores; há pessoas que estudam o auditório; eu não me interesso por nada disto. Eu só quero estudar, quer dizer, quero viver aquilo que se passa no meio deste triângulo, que é o acto de contar. Isso é que me interessa. Obviamente, preciso de saber coisas sobre o conto, preciso de saber sobre o auditório, preciso de saber coisas sobre estes três vértices mas aquilo que me interessa é a relação. Eu gosto muito, por exemplo, do trabalho que o Fontinha faz, em termos de recolha, e o meu sonho era poder, um dia, em Beja, fazer um trabalho de recolha. Não a recolha pela recolha, isso não me interessa. Há quem faça e, se calhar já está tanta coisa recolhida que, se calhar (vou dizer uma asneira, mas não interessa) se calhar, para se encontrar um conto novo, uma pessoa perde sete ou oito anos e aquilo que vai encontrando são contos e recontos e recontos de 10 ou 20 ou 30 ou 40 temas centrais. Aquilo que me interessa no trabalho de recolha, numa comunidade rural, é a dinâmica que este trabalho pode criar naquela comunidade, é a valorização desta comunidade, é as pessoas perceberem que têm voz, que o que têm para dizer, que é pouco, na óptica delas, porque não têm voz em lado nenhum, interessa a quem vem de fora. Nós temos situações dessas agora com as bibliotecas escolares. Quando me convidam para fazer uma sessão de contos, eu só vou se houver alguém da localidade a contar. Uma maldade! Às vezes apanham-se uns grandes decepções... aquelas mulheres que vão com as histórias brejeiras... apanha-se! Curiosamente, cada vez está a aparecer mais, porque havia um certo pudor em contar certos temas, que se contavam só entre mulheres, penso eu que era assim – e é assim que me chega. E agora está-se a perder. E eu penso que, mais uma vez, a bandida da televisão é culpada. Eu não sou nada pudica, digo tudo, como os doidos, mas às vezes até a mim me incomoda perceber que a pessoa não ter noção do contexto em que está a contar. Porque uma coisa é ela estar a falar

comigo e contar; isso não me incomoda nada. Mas num contexto de exposição pública, com crianças, para uma mulher não ter a noção disto, é porque houve qualquer coisa naquela estrutura de valores que se alterou. Não é normal isto acontecer. Não é estar com pudores, que não os tenho. Não é normal! Houve qualquer coisa que entrou na vida daquela mulher e que criou esta situação! Não é frequente!

Apanha-se também gente fabulosa. E à escala daquilo que eu posso fazer agora, a única coisa que eu posso fazer, de facto, é fazer este pequeno levantamento, um aqui, outro acolá. Porque as autarquias estão-se perfeitamente nas tintas para isto: enchem a boca a falar de desenvolvimento mas não investem no trabalho efectivo com as comunidades rurais. E os contos são um instrumento fabuloso para intervir socialmente nestas comunidades. Não faz uma ideia! A gente organiza um serão de contos, em Freixo de Espada à Cinta, numa daquelas aldeias que não tem nada, que não fazem nada e a casa do povo enche! E não é o facto de encher, é a atitude de escuta. E nem sequer se justifica o desinvestimento por uma questão de custos porque isso sai muito caro às autarquias. Não sai! Na minha autarquia, não sai nada caro – é uma questão de prioridades! E eu todos os anos ponho isto no orçamento, todos! É uma questão de me dizerem «Você tem esta ideia, então faça lá um projecto aí numa freguesia, para a gente experimentar...» Deixem-me fazer! Para a gente ver o que é que dá! Eu vivo numa aldeia a 10km de Beja. As pessoas perderam a ligação toda com a sua história, com as práticas tradicionais. Incorporaram aquilo que o consumo, na sociedade em que a gente vive, lhes trouxe, com a televisão, etc. Ser deixou de ser: as pessoas são o que têm e isto nas freguesias rurais, hoje! E sem uma estrutura de suporte íntima. As pessoas já não têm uma relação de vizinhança como tinham -continuam a ter mais, se calhar, do que têm numa grande cidade mas já se perdeu muito. É raríssimo encontrar uma pessoa que saiba tocar um instrumento, que se sente à porta de casa a tocar e que os vizinhos se

juntem. Não, as pessoas estão enfiadas cada uma dentro da sua casa a ver televisão e os velhos morrem sozinhos, dentro de casa, em frente do televisor! E esta gente está a abalar toda e não está a ficar nada. Não estou a dizer gravado; é da teia social destas comunidades que não está a ficar nada! Percebe? Nada! Quando a única forma – penso eu, que não percebo nada de economia – de viabilizar o desenvolvimento nestas comunidades é criar-lhes um tecido social forte, denso. E esse tecido social só pode ser criado pela cultura. Não há... Obviamente que as pessoas precisam de ter a sua vida económica salvaguardada.

Uma escola organiza uma sessão de contos. Eu vou lá. E aparece gente para contar. No outro dia estive no Pinheiro Gordo; apareceu uma senhora que não tinha graça nenhuma, que disse lá umas anedotas. As pessoas confundem tudo; vêem o «Levanta-te e Ri», ouvem aquelas anedotas e pensam que aquilo são contos e contam anedotas brejeiras como se fossem contos. Depois, apareceu um homenzinho muito discreto, assim meio desmemoriado e começou com as décimas... uma décima aqui, uma décima acolí... e aquilo ficou por ali. Eu falei muito com o homem, quis espreme-lo, porque o homem dizia-me «Ah, tenho aqui um à minha senhora...». E respondia a senhora que tinha contado as anedotas e mais duas ou três do grupo das excursões. «Deixe-se disso, homem, que isso é muito triste!». Mas eu queria chegar lá! E então, quando aquilo acabou, puxei o homem à parte, estivemos conversando um pedaço, e eu disse-lhe: «Oiça lá uma coisa: você devia era fazer isto mais vezes, devia vir cá mais vezes à escola! ». Passados 15 dias, um mês, telefona-me a professora, directora da escola, a pedir-me opinião para novas actividades. Ou seja: no fundo, aquilo que eu pretendo com esta conversa toda é dizer que esta gente pode ser muitíssimo útil. Gente que está completamente marginalizada da educação e da vida social da sua comunidade, pode, de repente, através de uma coisa destas, sentir-se activo e ser extraordinariamente

útil; e as pessoas podem acabar por começar criar novas atitudes e novas formas de estar. E os miúdos aprenderem a valorizar isso. Porque a atitude dos miúdos, normalmente, não é muito positiva; **normalmente!** – há excepções, e honrosas excepções.

Isto de ser contador de histórias rodado também tem um problema: quando vamos contar ao pé de um idoso menos rodado, temos de ter o cuidado para que a nossa sede de brilho não o apague. Porque o contador idoso bate-nos à légua em termos de saber; mas nós temos a rodagem da performance e do palco. Isto é também uma coisa em que eu penso muito: ao contar histórias aos meninos, de uma determinada maneira, muito histriónica, muito expressiva, acabamos por esgotar a possibilidade daquele conto cúmplice que a minha avó me contava e que não tinha nada disto. E depois acontecem coisas negativas como no outro dia em que um pai me disse: «Pois, miúdos vão ouvir os sacos andarilhos contar histórias na biblioteca e quando eu conto histórias dizem-me “Não contes assim, conta como conta o Serafim ou como conta a Cristina!”». Ou seja, o objectivo é completamente subvertido!

Ora esse trabalho com as comunidades rurais interessava-me muito. Também me parece que as Palavras Andarilhas só terão sustentabilidade, a médio prazo, se este trabalho for feito. Se não for feito, vai ser um encontro que se vai organizando enquanto houver energia de uma ou duas pessoas, e depois desaparece. Porque é preciso esse trabalho. Da mesma forma que a nossa prática de contar na biblioteca lhe dá sustentabilidade, é preciso que, aos poucos, o encontro também traduza uma intervenção no terreno, com as comunidades rurais. E não é preciso ser todas. Começamos hoje com uma, fazemos um bom trabalho, e depois começamos com outra. No ano passado, nas Palavras Andarilhas, levei 4 idosos para contar. Uma loucura! Dizia-me o Fontinha: «Estás doida! O que isso vai dar!». E eu digo assim: «Cala-te! Não me digas nada, que

eu não pude dizer que não!»». Aparece-me um *Fulano* que tinha uma recolha feita na Amareleja, muito interessante, e tinha 3 informantes vivos, rijos como um pêro. Eu já tinha convidado outro, não o ia mandar para casa, não podia fazer isso! Mas como aquilo é na gruta, tem um ambiente muito acolhedor, e é um público muito bom, peguei no tal que fez a recolha e coloquei-o como pivot para fazer a ponte; pus também o Serafim e aquilo de facto funcionou bem. Mas eram três idosos de fora de Beja, do concelho de Beja, da Amareleja e tinha um idoso de Beja, que é o avô da Rute. Isto é significativo. Nós não temos de mostrar só o que é nosso! Ontem ouvi o velho e estou desejava de o levar às Andarilhas. Uma estafa tremenda – já lhe prometi uma semana de férias se ele lá for!

Mas a verdade é que isto é significativo. O que é que tenho vindo a fazer a partir daí, com esta história das escolas, de colocar pessoas da comunidade? Já encontrei mais três contadores, em Beja. Curiosamente, duas mulheres e um homem. Uma mulher, em Baleizão, fabulosa...fabulosa! Outra de Bringel, fabulosa,também; e este senhor, mais com décimas, não tanto com contos, do Penedo. Ora esse trabalho tem de ser feito, no sentido de se tirar partido desta gente. Tirar partido, torná-las úteis e contribuir para que as pessoas se sintam a respirar, sintam que ainda mexem, que tem sentido o seu saber, a sua história, que têm coisas para dizer aos outros – porque todos temos coisa para dizer... acho eu!

OLGA – Há pouco falou no texto de autor e eu fiquei com curiosidade: sente o mesmo tipo de liberdade que quando conta uma história da tradição oral?

CRISTINA – Não! Na história da tradição, a minha regra, quer dizer, aquilo que me condiciona é a estrutura do conto, a estrutura da narrativa. Há coisas que eu sei que são importantes; estou a lembrar-me de uma história de uma menina que trabalha para uma princesa e que vai lavar as toalhinhas de linho ao rio. Não posso começar aqui uma

coisa destas e meter as cuecas da minha avó, tenho uma noção de bom senso... Há pessoas que fazem mas eu não faço, porque acho que não tem sentido. Aquele conto não comporta este tipo de abordagem. Outro conto, o conto do parvo, por exemplo, até comporta este tipo de coisa. Apesar de eu não ter grandes conhecimentos, vou fazendo algumas leituras e vou vendo que há universos que se tocam mas que não se misturam. Mas só tenho essa preocupação. Há um fio condutor. No conto de autor, tenho a preocupação do fio condutor mas também tenho a preocupação de passar no conto uma linguagem o mais próxima possível do conto... do autor. É por isso que depois não conto muitos contos de autor. Porque é muito difícil fazer. Por exemplo, uma Sophia... eu gosto muito da Sophia, mas não posso contar a Sophia, não consigo contar os contos da Sophia. Se a gente mexe naquilo, estraga!

O Galeano, suponho eu, daquilo que tenho lido dele, é um homem que trabalha muito assente nos mitos da América Latina, numa escrita jornalística, porque ele é jornalista. Portanto, aquele conto, acho que não perde sendo contado como eu conto. Já o mesmo não acontece com a Marina. Durante muito tempo contei a Marina Colasanti. Adorava a Marina Colasanti. Contava a Marina Colasanti. E no dia em que ouvi a Marina Colasanti contar os contos dela, deixei de contar. A pessoa tem de ter a humildade de perceber os seus limites. «Então mas não funciona, o conto?» Com certeza que funciona! As pessoas gostam muito, elogiam. Mas a minha «A Moça Tecelã» não presta homenagem à linguagem, ao rigor da linguagem, à limpeza da linguagem que a Marina Colasanti usa. Portanto eu presto melhor serviço à Marina Colasanti lendo, fazendo uma boa leitura d'«A Moça Tecelã» do que contando. Posso contar num contexto, assim, como é a história, para a pessoa perceber a história. Contei durante muito tempo «A Moça Tecelã», era dos meus contos de mulheres que entrava sempre, porque eu adorava o conto. Adorava e gosto imenso do conto mas já não o

consigo contar em público. O António Torrado, por exemplo: há histórias do António Torrado que eu não ousa contar, há outras que conto sem problema nenhum! Como é que a gente faz a avaliação disso? Não sei. Eu faço intuitivamente. Por exemplo «O mercador de coisa nenhuma» é um conto que eu conto sem problema nenhum, solto do livro, nem tenho preocupação nenhuma em estar lá ao pé; tenho a estrutura marcada e agora até meto textos de outros autores. Mas já não mexo nos contos do António Torrado «Da rua do contador à rua do ouvidor». Já não me meto a contar nenhum conto do *Almanaque Lacónico* – e se gosto dos contos do *Almanaque Lacónico*! E são contos curtos, aquilo era ótimo para contar, mas não posso fazer isso, porque sinto que, do ponto de vista literário, há um cuidado, que basta mudar-lhe ali a ordem, inverter umas palavras para já não ser o mesmo. Não é o mesmo dizer «flor linda» ou «linda flor» – parece, mas não é. Presto um melhor serviço à ironia que o Torrado utiliza, à precisão que ele tem em muitos textos, aquela ironia muito fina, se o ler. Às vezes acho parecidos certos contos que o Torrado tem com objectos, com as do Anderson. Não sei se conhece um conto do Torrado, muito engraçado, que é sobre um sabonete, que se vê, numa saboneteira, banho a banho, a reduzir-se; um sabonete que se enche de prazer quando é tocado e esfrega o corpo de uma mulher, mas depois começa a perceber que aquilo o gasta... este tipo de jogo. E o Torrado tem alguns contos com objectos que às vezes me parecem os textos de Anderson. É óbvio que a gente também se inspira, é natural que tenha alguma influência – como este conto do Anderson que hoje foi lido ali, o do colarinho.

OLGA – Há um conto do Torrado, sobre a borracha e o lápis...

CRISTINA – Lindíssimo! Aliás, esse livro tem 4 ou 5 contos fabulosos!

OLGA – E houve uma educadora que me apresentou esse conto como sendo inventado por uma criança. Só que, na altura, não conseguia lembrar-me de onde o lera.

CRISTINA - «A Borracha Cansada», é o nome do conto: «A Borracha Cansada»

OLGA – Provavelmente o texto já fora assimilado pela criança e o miúdo já o contava imaginando que era dele...

CRISTINA – Sim, se calhar já conta... Esse livro tem contos muito bons! Tem um lindíssimo sobre um porco mealheiro, que é uma coisa deliciosa. O porco mealheiro tem umas ideias de riqueza, de grandeza, que quando enriquecer vai construir fábricas, projectos... e depois vem o martelo e pimba! Muito engraçado! Sempre naquele registo do Torrado. Gosto muito, mas tenho a noção de que funciona muito melhor ali, no livro. Vamos lá a ver: se eu contar, funciona; a gente sabe que funciona. Agora eu não estou só a pensar nessa perspectiva, a minha preocupação é saber como é que eu presto melhor serviço àquele texto! E o melhor serviço que eu presto àquele texto, é lendo-o em voz alta! Tê-lo bem marcado, fazer uma leitura expressiva, bem feita, e os miúdos aderem da mesma forma. Aquela ideia que se tem, por exemplo, de que os miúdos aderem melhor a ouvir contar do que ler em voz alta, depende dos textos.

OLGA – Pois, são duas linguagens diferentes, não é? Podem ser enriquecidas uma e outra.

No seguimento da pergunta sobre a eventual necessidade de alterar o conto, queria perguntar-lhe como se processa, depois, a «evolução» do conto. Mas, provavelmente, não há **uma** maneira...

CRISTINA – Como é que se processa a evolução do conto... Há tempos tive uma experiência engraçada que pode ilustrar aquilo que quero dizer. O CCB fez uma coisa absolutamente surreal, com o Centro Jacques Delors: um dia da Europa; contos da Europa. A Madalena Vitorino, quando mais ou menos lhe impuseram ter de organizar um evento relacionado com a Europa, lembrou-se dos contos da Europa. Falou com uma série de alunos que trabalham com ela e fizeram uma recolha; até houve duas

alunas que foram a Beja, porque temos lá aquele núcleo de contos que tem contos do país, da Europa, do mundo inteiro. Fizeram a recolha e distribuíram os contos pelos actores e a mim convidaram-me para ir contar o conto português. Eu contei 12 vezes a «Linda a Linda». Doze vezes! E era engraçadíssimo. Era muito engraçado porque normalmente não temos oportunidade de ter uma noção tão clara de como o conto evolui, de o que é que se retira, face a um auditório, de o que é que acrescentamos. Eu tinha ao pé de mim uma miúda que está a fazer um estágio profissional, agora, lá connosco, a Marta, e que ia dizendo: «Mas agora foi completamente diferente de ainda há bocado, agora...». Eu acho que é o próprio acto de contar, a própria situação de contar e as respostas do auditório, que nos vão criando a necessidade da transformação, de elementos; e o experimentar! Porque uma pessoa que conta 12 vezes o conto, chega a uma altura em que já o deita pelos olhos – desculpem lá a franqueza. Portanto a única possibilidade que tem de manter a energia do conto e o optimismo daquela história é ir inovando, mudando as canções, acrescentando um elemento. Há, por exemplo, um elemento que eu uso sempre que conto «A Linda a Linda» para os muito pequeninos: o toque que a pombinha faz no sino diz «Tim-tim-tim. tim-tim-tim, quem tem pena de mim». Uma charenga destas, uma coisa assim deste género. Experimentei com os mais velhos, não funciona, infantiliza o conto a um nível que eles não acham piada nenhuma àquela coisa da pombinha. Mas acham muita piada ao facto de a pomba voar, dar três voltas em torno da cabeça do rapaz e pousar-lhe na mão. A isto já acham mais graça. Depois há uma coisa de que eu gosto nos contos: gosto de trabalhar os contos também em termos de linguagem; de experimentar expressões mais bonitas, mudar... Não em termos de gesto, que eu não sou assim muito gestual; quer dizer, gesticulo com os braços e as mãos. Há contadores que se mexem todos, eu não; deve ter a ver com o peso, possivelmente; braços e mãos, tenho a noção de que mexo muito; e o rosto, a

expressão. Mas trabalho muito o conto em termos da palavra. E, às vezes, o meu maior trabalho com os contos, depois de fixar a estrutura e de perceber aquele conto que quero contar, é trabalhar o conto em termos da linguagem que utilizo. Eu gosto de utilizar expressões bonitas para dizer as coisas. Sei que na tradição não se usava nada disso... suponho eu, não sei. A minha avó não usava, mas...não sei...

OLGA – Se calhar dependia, também, não é? E, se calhar, com as pessoas a pedirem resumos, desaparecem as expressões bonitas.

CRISTINA – Exactamente. Olhe, esta que o homem dizia ontem: que Deus dizia que tudo na terra tinha voz – isto é lindíssimo. Agora vou pegar nela. Já está aqui para ver onde é que a vou meter. Mas eu gosto muito de fazer isso... e às vezes o que me dá mais trabalho no conto é encontrar as expressões certas; não são rebuscadas, são expressões envolventes, encontrar palavras envolventes, que a pessoa sinta o abraço. O «Linda a Linda» tem uma estrutura que está como o corridinho; há não sei quantos anos que conto aquilo, é...«tudo certo, puladinho». Agora o que me dá gozo é trabalhar as expressões. E tive uma experiência engraçada onde também notei isto. Há um indivíduo de Évora que anda com uma ideia obsessiva de gravar um cd com contos e veio-nos propor isso. E eu disse que podíamos experimentar, mas não sabia se funcionaria. Já tinha havido um outro que quis fazer uma gravação para a televisão e eu levei-o a uma sessão para ele perceber que não podia fazer; fiz-lhe mesmo para ele perceber que aquilo para a televisão não funcionava. Ele também queria contos de 3 minutos, e eu fiz os possíveis. Tinha o Fontinha nesse dia lá, fartámo-nos de rir, até o senhor desistir. Estas pessoas têm esta visão utilitária das coisas. Para mim, pôr um conto na televisão, é matá-lo. Deixemo-nos de ilusões. Há outras formas de contar histórias, não com um contador! Para mim não faz sentido nenhum. E com o áudio, tenho dúvidas. Já ouvi coisas muito bem feitas, dos Piratas de Alexandria, que têm uns CDs gravados, muito

bem feitos, mas não é a mesma coisa. Voltando ao outro indivíduo: começámos a gravar as coisas. Primeiro, ele foi a Beja; nós enchemos a gruta de mocinhos assim mais ou menos controlados, miúdos regulares, que têm hábito de ouvir, pusemos os microfones, tudo discreto, apresentámos as pessoas, tentámos criar um registo de contar natural, num espaço que os miúdos conhecem. A ideia era criar várias situações de sessão e depois fazer-se montagem com os miúdos a perguntar. Não funcionou porque havia um surto de tosses e as tosses ficaram todas registadas na gravação. Mas, de facto, não funcionou, não se ouvia aquilo que se tinha vivido. Então colocou-se outra hipótese: ir para estúdio, gravar sem papel. Lá fui para a cabine, com os *head-phones* nas orelhas e contando. E acontecia uma coisa engraçada: Quando estamos a contar, às vezes, enrolava-se a língua. No acto de comunicação, não tem importância nenhuma, não se nota. Mas na gravação, aquilo não funcionava. E então, acontecia-me que eu às vezes queria dizer qualquer coisa e tinha de repetir 4 ou 5 vezes, até a **forma** da frase ser **aquela**. Pronto, agora já percebi que ainda vou ter de fazer outra gravação, de outra forma – e é isso que me está a custar muito, estou a fugir disso como o diabo da cruz – vou ter de reescrever as minhas histórias, com a forma (linguagem), com a forma que eu quero, mas que não perca a oralidade – está a perceber a minha confusão? Que isto vai ser uma confusão, vai. Porque como fizemos também não funciona. O que vem reforçar aquilo que o Fontinha tem dito há imenso tempo: de facto, o conto só funciona em presença e na relação.

OLGA – Uma última pergunta: tem consciência de que fez «escola»?

CRISTINA – Que fiz...?

OLGA – Escola; de que há uma escola Cristina Taquelim...

CRISTINA – Não, não tenho.

OLGA - E há uma escola Fontinha... E há uma escola Serafim

CRISTINA – Nestas coisas, fui determinante na expansão do movimento da narração oral – disso eu tenho noção e assumo a responsabilidade para o melhor e para o pior, porque sei que isto também pode dar um grande caldo. Eu vejo o que tem sido a evolução do movimento dos narradores em Espanha e arrepio-me. Tenho a noção de que o meu encontro com o Fontinha e o Lalacho foi um momento importantíssimo. Se um dia se puder falar de história dos narradores em Portugal, acho que foi um momento importantíssimo. O Fontinha já trabalhava, há muitos anos; o Lalacho trabalhava com o Fontinha; e o facto de surgir uma pessoa de uma instituição que pôde impulsionar o movimento - pelas circunstâncias em que eu trabalho, porque eu trabalho na biblioteca, eu acho que isso foi um momento histórico. Que tenha escola, por acaso eu não acho. Hoje, quando a Olga estava a comentar que a Ana é da minha escola... encontra muitas semelhanças na Ana, a contar?

OLGA – Muitas! Nos gestos...

CRISTINA – Mas a Ana sempre contou assim.

OLGA – Ai, não pode ser, não pode ser...

CRISTINA – É verdade, é verdade! Quando conheci a Ana, já ela contava!

. OLGA – Já a tinha ouvido a si, provavelmente...

CRISTINA – A Ana está há muitos anos lá em Beja...

OLGA – Os gestos de mão, são seus! As colocações de voz; o tipo de humor, que é só uma piscadela de olho, assim como quem não está aqui, é seu; os apartes...

CRISTINA – Mas isso é muito dela, sabe, é muito dela...

OLGA – Pois, eu não a conhecia antes mas...

CRISTINA – Eu por acaso acho que a Ana é uma contadora que é um caso a seguir, no sentido em que tem potencial. E depois eu tenho uma visão – acho que muito fruto da minha vida de juventude, de militância política - eu tenho uma visão muito de

«semeadura» nisto. Tenho! Disso tenho noção e às vezes até demais. No outro dia dizia-me o Fontinha assim: «Tu és muito boa para os contadores portugueses nas Palavras Andarilhas». O que ele queria dizer com isto era que nas «Palavras Andarilhas» estão lá todos os contadores portugueses. Todos! E há pessoas que sabemos que dificilmente se justifica já estarem ali, porque já começamos a ter referências de outros contadores. Mas a verdade é que os contadores estrangeiros vêm e vão e os portugueses ficam cá e isso é uma coisa que faz o Fontinha bater com a cabeça nas paredes. E depois há dívidas que eu tenho para com contadores que não posso deixar de ter. O Horácio Santos! O Horácio Santos, Eu tenho uma dívida pessoal para com o Horácio Santos e (até me comovo a dizer isto) acho que o movimento dos narradores em Portugal tem uma dívida para com o Lalacho. Por isso, mesmo o Lalacho estando já numa fase em que se esquece das coisas, eu não posso deixar de convidar o Lalacho para estar nas Palavras Andarilhas; porque era um contra-senso total não haver espaço, numa actividade desta natureza, para um homem como o Horácio. Agora o que tenho é de dar voltas à cabeça para descobrir a melhor forma de enquadrar o Horácio, porque não posso pô-lo sozinho a fazer uma sessão. Para o 1º ciclo, até posso, mas por exemplo para uma sessão de outro tipo, tenho sempre de encontrar uma pessoa com outro ritmo, que possa trabalhar a sessão a meias. Portanto eu acho – e é uma coisa de que eu gosto muito também no movimento dos contadores em Portugal – que ainda se consegue manter uma relação fraterna entre as pessoas. E também estou convencida de que vou continuar ligada ao movimento, enquanto isto for assim; quando deixar de ser... acabou! E tenho medo, disso; tenho muito medo disso. Não tem a haver com o poder controlar as coisas; tenho medo que um dia se veja, em relação ao pessoal que conta histórias, o mesmo que se vive em Espanha, que é «Tu vens da Galiza não vens contar a Valência porque é o meu mercado.». Agora, a Blanca convidou-me para ir contar ao Teatro Moderno – e eu não

fui! Não vou! Todos os contadores de Espanha estão em bicos de pés para ir contar ao Teatro Moderno. Eu não vou! Não vou. Vou a Guadalajara, se não houver nada melhor – já há o encontro em Arenas de S. Pedro que bate o de Guadalajara aos pontos. Descobri-o no ano passado e, se tudo correr bem, vou. Porque entretanto este ano o PP quis meter lá os seus homens de mão e o Frederico Martin, que é aquele que esteve há uns anos nas Palavras Andarilhas, doido, completamente, este ano resolveu fazer um encontro paralelo – ele é assim revolucionário. Mas Arenas é muito mais interessante para aquilo que eu hoje ando à procura do que Guadalajara. Mas pronto, vou a Guadalajara, sou capaz de participar naquela festa fabulosa que eles têm do pessoal no teatro a contar... são centenas de contadores a contar, um conta um, outro conta outro, outro conta outro... mas ir ao Teatro Moderno, contar, não. Porquê? Porque não vou! Eu não sou uma profissional dos contos no sentido de fazer vida dos contos. Os contadores estão todos em bicos de pés para ir para lá! Todos! Pressionam a Blanca, mas eu não quero ir! Não quero! Esse não é o meu peditório. O Fontinha também já não vai! Foi uma vez, porque eu o obriguei. Obriguei o Fontinha a ir! «Malvada, malvada, só tu é que me fazes destas!» Ainda hoje ele me cobra essa. O Fontinha também é uma pessoa que está muito fora dessas coisas. O Fontinha tem uma filosofia nestas coisas que é: o Fontinha faz uns orçamentos de nada. Então como é que ele faz a gestão da agenda dele? Isto é uma delícia, uma delícia! «Eu, para viver com conforto, preciso de x contos por mês. Pronto, então é isso que eu vou fazer. Para ganhar x contos por mês, eu posso trabalhar...15 dias». E faz os orçamentos em função disto. Ou seja: O Fontinha faz preços de «chacha»! São os preços que eu faço! ... Pontualmente, cobro pela actividade, porque chega uma altura em que também estou a sacrificar a minha família e penso que às vezes as pessoas têm de fazer as opções- não porque é de borla mas porque querem mesmo! Porque também se encontra isso. Três sessões, quatro sessões...

agora já não faço quatro sessões, já me pesa muito fazer quatro sessões com miúdos, Mas ele tem esta atitude. E isto é uma coisa que não se vê em lado nenhum. É bonito! E enquanto a coisa puder ser assim...

A vida é uma coisa muito irónica. Eu tive uma experiência de perda de uma pessoa muito importante na minha vida, há uns anos atrás. E é muito engraçado – a gente nunca encontra substituições de relações, nunca, nunca se encontra; mas encontramos pessoas que, de alguma forma, preenchem vazios. O Fontinha é uma pessoa dessas. Enquanto eu conseguir encontrar, na relação com os narradores, relações desta natureza, que me gratificam como pessoa, eu vou-me mantendo ligada ao processo. Amanhã vou daqui, vou a casa, agarro no meu pacote de livros, e vou para Évora porque aqueles loucos de Évora resolveram, sem um tostão, fazer «Os Contos de Lua Cheia». E estão a aguentar, com sangue, suor e lágrimas, um projecto, há um ano, de fazer todas as luas cheias uma sessão de contos. Fazem para miúdos e chamaram uma livraria para poder suportar despesas. Eu saio daqui, vou a casa, pego nas minhas filhas - quero estar com as minhas filhas, que não as vejo há 3 dias- pego nas minhas filhas, eles vão-me buscar à minha casa, vamos para Évora e depois o meu marido, coitado, às não sei quantas horas vai-me buscar a Évora para eu regressar a Beja, para ir dormir à minha casa. Portanto, enquanto houver gente com quem eu consiga manter este tipo de relacionamento, eu vou continuando a contar. Se começar a encontrar muitos outros destes<sup>1</sup> ... acabou! Acabou.

OLGA – Eu acho que é um bocado disso que a Professora Isabel tem medo. Ela está um bocado céptica em relação a este renascer da tradição oral.

CRISTINA – Eu também tenho medo, eu também tenho medo, não pense que não tenho, porque ouvimos coisas... ou assistimos... conhecemos contadores... eu tenho visto

---

<sup>1</sup> Referência a um terceiro elemento que teve um comportamento menos curial com um contador.

muita coisa em muito sítio e aquilo já não tem nada que se aproveite. Já não tem nada. Quer dizer: é engraçado, é um espectáculo engraçado, é divertido, a gente gosta e tal mas... onde é que está o conto? E eu, desse ponto de vista, partilho a preocupação dela. Eu tenho noção disso. E, de ano para ano, tenho mais noção da responsabilidade das «Palavras Andarilhas» neste processo. Eu sei que há pessoas que dão conselho sem nada em troca. Dizem: «Era bom pôr isto ou pôr aquilo». Depois há aqueles olhos que estão sempre em busca de interesse: «Eu digo o nome de A para...». Estou há uma semana ou duas a telefonar para uma série de pessoas. Normalmente telefono para as pessoas que têm esse olhar ternurento, que não me vincula; pessoas que, apesar de eu lhes reconhecer muito mais saber do que eu nestas coisas, pela relação que vou construindo com elas, não me sinto vinculada a ter de dizer «Ai, esta aconselhou isto, agora tenho de fazer assim.». Tento criar essa margem e isso cria-me também uma pressão muito grande. Ter a noção de que há muitos olhos, vários tipos de olhos, sobre as «Andarilhas», cria-me uma pressão muitíssimo grande. Aumentada pelo facto de eu sentir que não tenho suporte teórico para muitas vezes fazer as escolhas que faço. Sou uma mulher com uma sorte! Tenho uma estrela, que é uma coisa brutal! É verdade, Olga, tenho noção claríssima do que sei e... Tenho! Tenho uma estrela que é uma coisa que me impressiona. Quando parece que aquilo vai desabar... Nos dois últimos, não, mas tenho anos em que parece que aquilo vai desabar tudo! E de repente... Tau! Aquilo rrrrrrrrrrr! É uma estrela! É verdade! E portanto, de ano para ano, à medida que vou estudando mais, que vou lendo mais, que vou entendendo melhor aquilo que os especialistas dizem - porque a gente precisa também de referênciais e enquanto não os tenho, tenho dificuldade em perceber – tenho mais noção do peso e da responsabilidade de organizar uma coisa daquelas. A pressão até nem é interna porque eu posso pintar a manta, desde que não gaste mais do que aquilo que eles me dão, eles não querem saber!

É uma atitude que não se entende; aquelas pessoas não percebem como é que um encontro feito numa biblioteca daquela dimensão tem a projecção que tem. Ainda não perceberam que no dia em que eu tirar as mãos daquilo - e quando eu tirar as mãos daquilo a equipa de suporte tira toda as mãos, porque a verdade é esta – eles ficam sem nada! Ainda não perceberam isso. E não, nunca hão-de perceber. Não entendem a jóia que têm entre mãos. Podiam tirar partido disso, até politicamente. Serem inteligentes e tirar partido disso politicamente. (Ainda bem que não tiram). Agora, tenho noção disso e tenho noção da responsabilidade que é, de ano para ano, conciliar tudo isto. A Professora Isabel Cardigos teve uma saída muito engraçada, no ano em que fomos a Moçambique. Estávamos a conversar e diz-me ela assim, a certa altura: «Ainda estou para saber como é que esta mulher consegue unir a escrita e a leitura e a literatura infantil e os contos... ainda estou para saber como é que a Cristina faz isso!». Olhe, eu não sei, eu não sou capaz de explicar. E vivo esse drama todos os anos... montar um encontro que tem esta dimensão, sem perder nunca a ideia de que este encontro é organizado por uma biblioteca pública, onde a promoção do livro e da leitura é uma questão central; e, por outro lado, conciliar isto com o movimento dos narradores, que é quem está a trabalhar aí por esse país todo, todo, todo e valorizar quem nas bibliotecas está a fazer esse trabalho, e que trabalha muito com tradição. E entretecer isto, é difícil. Isto era uma palhinha se tivéssemos uma boa relação, por exemplo, com a Escola Superior de Educação. Haver uma equipa que reflectisse, que pensasse, assim, informalmente. Mas não tenho! Eu passo solidões muito grandes na organização daquela coisa. Tira muitas horas de sono, muitas. Depois dá um gozo, também, quando se vê, como este ano, aquela noite que fizemos na rua porque não se podia estar com calor lá dentro

OLGA – Só mais uma coisa: Aquela pergunta que eu fiz sobre o criar escola tinha a ver com uma outra coisa que é: Sente que tem um estilo próprio? Ou seja, sente que, independentemente dos contos, há uma Cristina?

CRISTINA – Não é independentemente dos contos. O problema é esse. Veja lá os contos que eu conto. Não é independentemente dos contos. É o repertório. Eu acho que o repertório é que define o estilo do contador. Repare nos contos que eu conto, os sítio por onde eu me movo... eu acho que é o repertório.

OLGA – Mas, por exemplo, a «Ti Miséria», já a ouvi contada por várias pessoas e há umas que não têm nada a haver com a Cristina e há outras que a contam...

CRISTINA – Percebo o que está a dizer mas eu acho que o que define o estilo do contador... Vamos lá a ver: Eu tenho marcas que são minhas, eu tenho noção disso, não vamos estar com ilusões! Por exemplo, eu tenho uma coisa que sei que é muito bonita e de que gosto muito, que é a minha voz e tiro partido disso, obviamente. Eu adorava cantar, cantei em bares, na minha vida de «vadia desgraçada». Eu adorava cantar e tenho noção de que a minha voz é uma coisa de que posso tirar partido. Não por ser fina ou maviosa, mas porque é muito grave e é muito quente e portanto eu tiro muito partido disso e isso marca-me em termos de estilo. Tenho noção de que sou uma pessoa que me exprimo bem. Portanto também tiro partido disso. Quando eu dizia que a forma como digo as coisas para mim é muito importante, tiro também partido, tenho noção disso. Tenho noção de que tenho umas mãos muito boas e também tiro partido disso. Mas são coisas de que eu vou tomando consciência na minha relação com os outros e que puxo para a narração. Tenho noção de que sou uma pessoa inteligente e portanto também tiro partido disso, quando tento, por exemplo, juntar, como fiz ontem à noite, o mito da formação do mundo, recolhido pelo Gogo, com um texto de seis linhas que o António Torrado tem num livro e que se encaixa perfeitamente. Portanto, eu também tiro partido

dessa inteligência e dessa forma de ver, que eu sei que tenho. O Torrado tem um texto lindíssimo que abre uns contos tradicionais de Macau que ele editou pelo Instituto de Macau e que fala da forma como o mundo se completa: um sol intenso crestaria a terra, uma lua imutável apagaria a vida, portanto o sol e a lua completam-se, como a água e o fogo, como a terra e o céu, como o homem e a mulher. Eu olhei aquele pedaço de texto e aquele pedaço de texto faz todo o sentido antes d' «O Rasgão». E então, o que é que eu tenho? Eu sei que na minha experiência de contadora eu posso ter situações em que tenho de contar « O Rasgão», porque é um conto curto, posso ter situações dessas, mas posso ter situações em que eu quero ampliar «O Rasgão» de forma a fazer apenas um corpo e então peço emprestadas as palavras do Torrado e potencio a dimensão do tempo. Dessa minha inteligência, eu tenho noção. Não sei se isso define um estilo. Agora o que eu tenho noção é que eu olho para o meu repertório e o meu repertório é todo dentro de um determinado campo. Muitas pessoas contam a «Miséria» mas se calhar poucas contarão exactamente o conjunto das histórias que eu conto. É nesse sentido do reportório que eu estava a dizer. O Serafim conta histórias que eu conto, a Luzia conta histórias que eu conto, mas o conjunto do repertório que eu escolhi, que eu gosto de contar, é aí que está o meu estilo.

OLGA – Assim como todos usamos palavras mas cada um usa-as, agrupa-as de maneiras diferentes. Os contos funcionam um bocado também como as palavras.

Muito obrigada, Cristina.

## ANEXO VI

Questionário apresentado a alunas e alunos do Curso de Formação de Professores do Ensino Básico – 1º Ciclo, que frequentaram as nossas disciplinas de *Didáctica da Língua Materna* e de *Literatura para a Infância*, nos anos lectivos de 2004- 2006.

Desejávamos obter dados sobre o impacto directo e indirecto das estratégias por nós aplicadas na formação de docentes, na sequência do estudo em curso.

Não é apresentado um tratamento de dados; no corpo do texto é feita uma breve síntese das conclusões.

As respostas ao questionário que se segue serão objecto de análise, no âmbito da investigação que me encontro a desenvolver, e, se se revelarem pertinentes, serão referidas no texto da minha tese de doutoramento. Caso não deseje que seja feita referência às suas respostas, por favor, marque um *x* nesta quadrícula

RESPONDA ÀS QUESTÕES, TENDO EM CONTA O ESTUDO DOS CONTOS MARAVILHOSOS REALIZADO NAS AULAS DE LITERATURA PARA A INFÂNCIA (**LPI**) E DE DIDÁCTICA DA LÍNGUA MATERNA (**DLM**)

1. Considera que a sua visão dos contos maravilhosos se alterou, no decurso das aulas de Literatura para a Infância? - Sim  ; Não ;
  
2. Considera que o tipo de abordagem dos contos, realizada nas aulas de LPI e de DLM, terá repercussões na sua actividade profissional? - Sim  ; Não ;
  
3. Teve oportunidade de aplicar, na sua Prática Pedagógica, o debate em torno de questões de ética a partir da análise de contos maravilhosos?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
3.1 a) Se respondeu <b>sim</b> , diga, sumariamente, se ficou ou não satisfeita com os resultados, e porquê <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	3.1 b) Se respondeu <b>não</b> , diga se tenciona fazê-lo posteriormente ou não, e porquê. <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

4. Considera que a abordagem dos contos, nas aulas de LPI e DLM,
  - 4.1 propiciou a **imposição** de valores, por parte da docente - Sim  ; Não ;
  - 4.2 promoveu um **diálogo** em torno de questões de ordem ética - Sim  ; Não ;
  - 4.3 contribuiu para o desenvolvimento de um raciocínio ético - Sim  ; Não ;
  - 4.4 não teve relevância para o desenvolvimento de um raciocínio ético - Sim  ; Não ;
  - 4.5. foi inovadora ao debruçar-se sobre as questões éticas - Sim  ; Não ;
  - 4.6 não deveria ter passado pela abordagem de questões de ordem ética - Sim  ; Não ;

5. (Marque com *x* as afirmações que considerar verdadeiras). Na sua opinião, a reflexão ética relativa ao comportamento das personagens de contos maravilhosos, com alunas e alunos do 1º ciclo do Ensino Básico,

5.1 não deve ser realizada ;

5.2 pode ser realizada ;

5.3 deve ser realizada ;

5.4 permite uma participação mais dinâmica e interessada ;

5.5 não é pertinente ;

5.5 permite um diálogo vertical mais profundo ;

5.6 permite um diálogo horizontal mais profundo ;

5.7 não é exequível em termos de diálogo horizontal ;

Grata pela colaboração

## ANEXO VII

Este anexo integra alguns dos quadros apresentados em *Portugal. Valores Europeus. Identidade Cultural*, publicado em 1993, com a coordenação de Luís de França.

Os quadros ilustram alguns dos aspectos por nós focados no Capítulo I do nosso estudo.

**QUADRO II**

**Aspectos Importantes no Trabalho (%)**

	Portugal		Europa	
		n.o.		n.o.
A -Bem pago	79	(1)	69	(1)
B -Ambiente humano agradável	76	(2)	63	(2)
C -Não pressionado	38	(15)	25	(15)
D -Segurança	72	(3)	57	(4)
E -Oportunidade de promoção	53	(9)	34	(12)
F -Respeitado	61	(5)	34	(12)
G -Bom horário	60	(6)	40	(10)
H -Oportunidade de tomar iniciativas	52	(15)	46	(7)
I -Útil à sociedade	59	(7)	36	(11)
J -Boas férias	49	(14)	26	(14)
K -Contacto com pessoas	52	(12)	45	(8)
L -Realização	64	(4)	53	(6)
M -Responsabilidade	52	(10)	43	(9)
N -Interessante	50	(13)	61	(3)
O -Uso das capacidades	55	(8)	53	(9)

(\*) n.o. - ordenação relativa

**QUADRO XVII**

**Qualidades a transmitir aos Filhos**

	Portugal	Europa
1º	Boas Maneiras	Tolerância
2º	Responsabilidade	Boas Maneiras
3º	Tolerância	Responsabilidade
4º	Trabalhador	Independência
5º	Obediência	Obediência

### QUADRO IX

#### Qualidades a transmitir aos Filhos (%)

	Europa	GB	IR	RFA	HOL	B	FR	I	ESP	P
Boas maneiras	76	89	75	66	79	72	53	79	89	82
Tolerância e respeito pelos outros	75	79	76	77	87	69	78	66	74	69
Sentido de responsabilidade	74	48	61	85	85	72	71	82	80	77
Independência	41	43	43	73	48	36	27	31	36	24
Obediência	38	39	35	22	33	37	53	34	44	45
Ser poupado no dinheiro e no resto	32	26	22	45	29	36	36	29	27	31
Determinação e perseverança	32	31	26	49	31	39	39	27	21	23
Ser trabalhador	31	29	28	15	14	36	53	27	29	67
Generosidade	28	57	53	8	22	27	40	39	25	28
Fé religiosa	25	19	57	20	15	16	13	37	27	25
Imaginação	24	18	14	32	22	18	23	15	41	20

### QUADRO XXI

#### A Mulher no trabalho e na família (%)

	Portugal		Europa
	Concordam (1+2)	Discordam (3+4)	Discordam (3+4)
Ter emprego é o modo ideal de uma mulher ser independente	76	19	25
Quer o marido quer a mulher devem contribuir para as despesas da casa	96	2	24
Uma mãe trabalhadora pode estabelecer com os filhos uma relação tão profunda como uma que não trabalhe	74	23	35
Um emprego é uma coisa boa mas o que as mulheres realmente desejam é um lar e crianças	59	37	38
Ser dona de casa é tão compensador como ter um trabalho remunerado	46	49	37
Uma criança em idade pré-escolar sofre provavelmente se a mãe tem um emprego	81	15	30

QUADRO VI

Quadro comparativo relativo a discriminações de vizinhança (%)

Quem não gostava de ter como vizinho	População	
	Portugal	Europa
Pessoas com passado criminoso	59	35
Pessoas de outra raça	15	10
Extremistas de esquerda	33	34
Alcoólicos	51	52
Extremistas de direita	29	38
Famílias numerosas	15	9
Pessoas desequilibradas	47	27
Muçulmanos	18	17
Imigrantes/Trabalhadores estrangeiros	10	13
Pessoas com SIDA	44	30
Viciados na droga	60	58
Homossexuais	50	32
Judeus	19	9
Hindus	17	11

QUADRO IX

Associações a que pertencem Portugueses e Europeus (%)

Portugal		Europa	
1º-Desportivas e recreativas	14	1º-Desportivas e recreativas	18
2º-Religiosas	11	2º-Religiosas	12
3º-Culturais	8	3º-Sindicatos	9
4º-Bem-Estar Social	5	4º-Culturais	9
5º-Sindicatos	5	5º-Profissionais	7
6º-Grupos políticos	5	6º-Bem-estar social	6
7º-Profissionais	4	7º-Outros	6
8º-Trabalho com a juventude	3	8º-Grupos políticos	5
9º-Apoio à saúde	3	9º-Ecologias	4
10º-Outros	3	10º-Apoio à saúde	4
11º-3º Mundo/Dir. Humanos	2	11º-Trabalho com juventude	4
12º-Redução pobreza/desemprego	2	12º-Grupos feministas	3
13º- Ecologistas	1	13º-Protecção de animais	3
14º-Protecção de animais	1	14º-Redução pobreza/desemprego	2
15º-Pacifistas	1	15º-3ºMundo/Direitos Humanos	2
16º-Feministas	0	16º-Movimentos pacifistas	1

QUADRO VII

O Casamento é uma instituição antiquada (%)

	Sim	Não
Total	22	78
<b>Sexo</b>		
Masculino	28	72
Feminino	16	84
<b>Idade</b>		
- 24 anos	27	73
25-44 anos	24	76
45-64 anos	18	82
+65 anos	16	84
<b>Estado Civil</b>		
Casado ou a viver c/Companheiro	20	80
Divorciado/Separado	41	59
Viúvo	14	86
Solteiro	27	73
<b>Status</b>		
Alto	9	91
Médio Superior	27	73
Médio Inferior	23	77
Baixo	21	79
<b>Categoria Sócio-Profissional</b>		
Patrões e Quadros	11	89
Empregados Serviços	26	74
Trab. Independentes+Agricultores	17	83
Assalariados Agrícolas	20	80
Operários Industriais	24	76
<b>Instrução</b>		
Ensino Médio e Superior	2	98
5º e 7º Ano Liceal	26	74
4ª Classe/2º Ano	23	77
Ilustrados	20	80
<b>Indicador Religioso</b>		
Praticantes - IREL-1	15	85
Acreditam - IREL-2	26	74
Ateus - IREL-3	40	61

## QUADRO I

### Hierarquia de Valores Socio-Políticos

	Portugal (1990)	Europa (1990)
Crescimento económico	1	1
Estabilidade da economia	2	3
Controlo da subida dos preços	3	9
Ordem no país	4	6
Combate ao crime	5	4
Participação no trabalho e na comunidade	6	2
Sociedade menos impessoal	7	5
Participação na política	8	8
Liberdade de expressão	9	7
Beleza nas cidades e campos	10	10
Ideias mais importantes que o dinheiro	11	11
Forças Armadas fortes	12	12

## QUADRO II

### Pesos Factoriais dos 12 Valores no I Factor da Análise em Componentes Principais

Indicadores de Valores	Portugal (1990)	Europa e Estados Unidos (1973)
Combater o crime	-.65	-.41
Manter a ordem no país	-.46	-.47
Cidades e campos bonitos	-.40	.08
Controlar a subida dos preços	-.35	-.34
Forças Armadas fortes	-.23	-.37
Economia estável	.00	-.41
Elevado movimento económico	.22	-.39
Liberdade de expressão	.33	.43
As ideias são mais importantes que o dinheiro	.36	.51
Uma sociedade mais humana	.46	.55
Participação no trabalho e comunidade	.57	.58
Participação nas decisões do governo	.64	.48

#### QUADRO XIV

##### Atitude face à Ecologia (%)

	Portugal			Europa		
	Concordo	Discordo	N/R	Concordo	Discordo	N/R
Até contribuiria com uma parte do meu dinheiro para a luta contra a poluição do ambiente	81	15	4	61	34	5
Poderia estar de acordo com o aumento de impostos se esse aumento fosse usado contra a poluição do ambiente	62	31	7	44	41	15
O governo deve combater a poluição sem nos pedir mais dinheiro	87	8	5	64	31	5
As discussões sobre a poluição põem as pessoas muito ansiosas	58	30	12	46	46	8
Se queremos combater o desemprego, temos que aceitar as consequências sobre o ambiente	46	41	13	32	58	10
Proteger o ambiente e lutar contra a poluição é muito menos importante do que se diz	22	69	9	18	76	6

#### QUADRO XI

##### Atitude face ao Impacto das Descobertas Científicas (%)

	Portugal	Europa
As descobertas científicas ajudarão a humanidade	43	39
Prejudicarão a humanidade	14	17
Tanto poderão ajudar como prejudicar	34	38
Não sabe/não responde	9	6

## ANEXO VIII

Este anexo integra o texto conhecido como «O dilema de Heinz», em que assenta o «teste do farmacêutico», aplicado por Kohlberg, para avaliar o nível de desenvolvimento moral.

### ***O dilema de Heinz***

*Numa cidade da Europa, uma mulher estava a morrer de cancro. Um medicamento descoberto recentemente por um farmacêutico dessa cidade podia salvar-lhe a vida. A descoberta desse medicamento tinha custado muito dinheiro ao farmacêutico, que agora pedia dez vezes mais por uma pequena porção desse remédio. Henrique (Heinz), o marido da mulher que estava a morrer, foi ter com as pessoas suas conhecidas para lhe emprestarem o dinheiro e, assim, poder comprar o medicamento. Apenas conseguiu juntar metade do dinheiro pedido pelo farmacêutico. Foi ter, então, com ele, contou-lhe que a sua mulher estava a morrer e pediu-lhe para lhe vender o medicamento mais barato. Em alternativa, pediu-lhe para o deixar levar o medicamento, pagando-lhe mais tarde a metade do dinheiro que ainda faltava. O farmacêutico respondeu que não, que tinha descoberto o medicamento e que queria ganhar dinheiro com a sua descoberta. Henrique, que tinha feito tudo ao seu alcance para comprar o medicamento, ficou desesperado e estava a pensar assaltar a farmácia e roubar o medicamento para a sua mulher.*

Lourenço (2002:94)

## ANEXO IX

Este anexo integra um quadro dos níveis e estádios de desenvolvimento moral, segundo a teoria de Kohlberg. Nele, podemos observar o que Kohlberg considera ser a tendência de desenvolvimento moral do ser humano, com a identificação das várias fases, idades a que correspondem e características que os sujeitos evidenciam em cada uma delas.

Níveis e Estádios de Raciocínio Moral, segundo Kohlberg

	<i>Nível</i>	<i>Estádio</i>	<i>Orientação Moral</i>	<i>Perspectiva Sócio-Moral</i>
	<i>(I) Pré-convencional</i>	1	Orientação para o castigo e para a obediência.	Não distingue nem coordena perspectivas; só há uma correcta, a da autoridade.
<i>Até aos 9 anos de idade</i>		2	Orientação calculista e instrumental; pura troca, hedonismo e pragmatismo.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma segunda pessoa.
	<i>(II) Convencional</i>	3	Orientação para o <i>bom menino</i> e para uma moralidade de aprovação social e interpessoal.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma terceira pessoa afectiva e relacional.
<i>Maioria dos adolescentes e jovens adultos até cerca dos 20-25 anos de idade</i>		4	Orientação para a manutenção da lei, da ordem e do progresso social.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma terceira pessoa imparcial e institucional.
	<i>(III) Pós-convencional</i>	5	Orientação para o contrato social, o relativismo da lei e o maior bem do maior número.	Distingue perspectivas, coordena-as e começa a hierarquizá-las do ponto de vista de uma terceira pessoa moral e racional.
<i>Uma minoria de adultos, Geralmente a partir dos 20-25 anos de idade</i>		6	Orientação para os princípios éticos universais, reversíveis prescritivos e auto-escolhidos.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as segundo um ponto de vista moral, racional e universal.

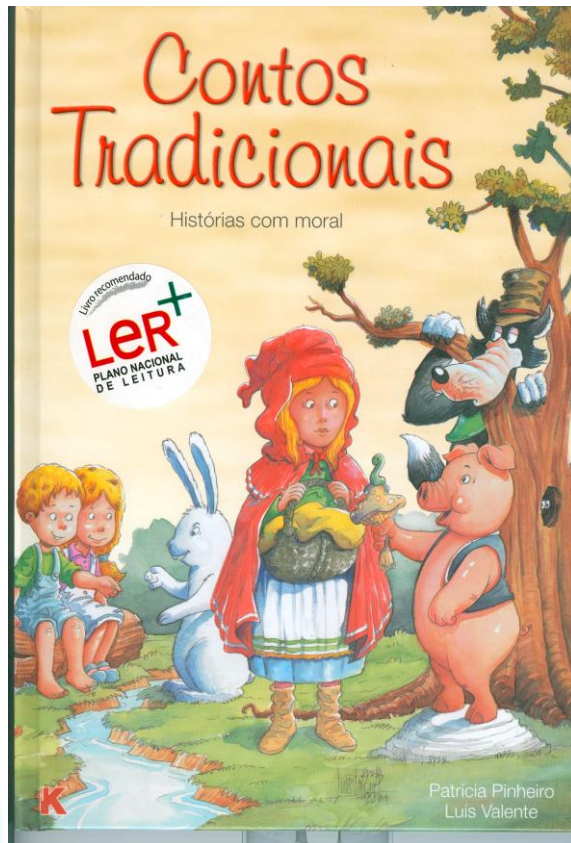
# ANEXO X

Este anexo refere-se ao Código da praxe da Universidade do Algarve. Pode ser consultado no DVD ou através do seguinte endereço:

[http://www.aualg.pt/siteimg/files/AAUALG/Documentos/Pelouros/Codigo\\_de\\_Praxe\\_da\\_Universidade\\_do\\_Algarve.pdf](http://www.aualg.pt/siteimg/files/AAUALG/Documentos/Pelouros/Codigo_de_Praxe_da_Universidade_do_Algarve.pdf)

## ANEXO XI

Este anexo contempla a reprodução da capa de *Contos Tradicionais. Histórias com moral*, bem como da página e do pormenor da mancha gráfica de uma moralidade.



Por sorte, ia a passar um caçador que a ouviu e correu a ajudá-la. E, com a sua grande espingarda, deu um tiro ao lobo que ficou estendido no chão.

— Este lobo não volta a fazer mal a ninguém — disse o caçador.

Mas, o Capuchinho estava muito triste, porque não sabia da sua avozinha e começou a chorar.

— O lobo mau comeu a minha avozinha! — dizia o Capuchinho Vermelho, muito triste.

Mas a avó, que estava escondida no armário, ouviu a netinha chorar e começou a chamar por ela.

— Capuchinho, Capuchinho, estou aqui, minha netinha, estou escondida no armário! Abre-me a porta para eu sair.

Quando o Capuchinho ouviu a voz da avozinha, correu para o armário, abriu a porta e abraçou-a com muita força.

Muito felizes e contentes, agradeceram ao caçador a sua ajuda e comeram, juntos, o bolo que o Capuchinho trouxera para a sua avó.

#### Moral da História

Já era tarde e o Capuchinho tinha de voltar para casa. Mas, aprendera a lição: nunca mais iria pela floresta e nem falaria com estranhos, como a mãe lhe dissera!

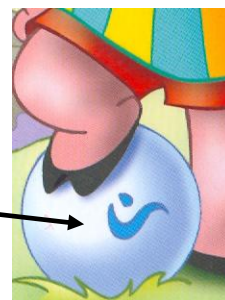
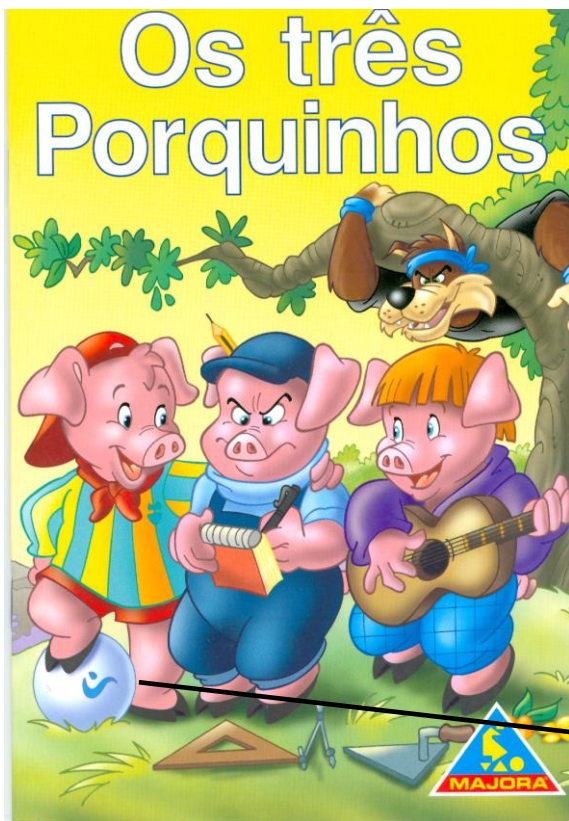


## Moral da História

Já era tarde e o Capuchinho tinha de voltar para casa. Mas, aprendera a lição: nunca mais iria pela floresta e nem falaria com estranhos, como a mãe lhe dissera!

## ANEXO XII

Este anexo contempla a reprodução da capa de *Os três Porquinhos*, da editora Majora, com um pormenor do que consideramos ser uma mensagem subliminar, bem como uma ilustração referente ao lobo.



— Vamos pôr-nos a salvo! — gritam os porquinhos.  
E começam a correr, cada um para sua casa.  
— Derrubo essas casitas de nada num instante! — diz o lobo.  
Assim, enche os seus pulmões de ar e...



## ANEXO XIII

Este anexo contempla a reprodução de uma página de *O Gato das Botas*, da editora Kapa, que consideramos poder induzir em erro, tanto mais que o conto, nesta edição em que é publicado individualmente, está indicado para crianças a partir dos quatro anos (na edição aprovada pelo PNL, que reúne vários contos num só livro, está indicado para crianças a partir dos três anos).



O rapaz, um pouco desconfiado, acabou por aceitar a ajuda do gato.

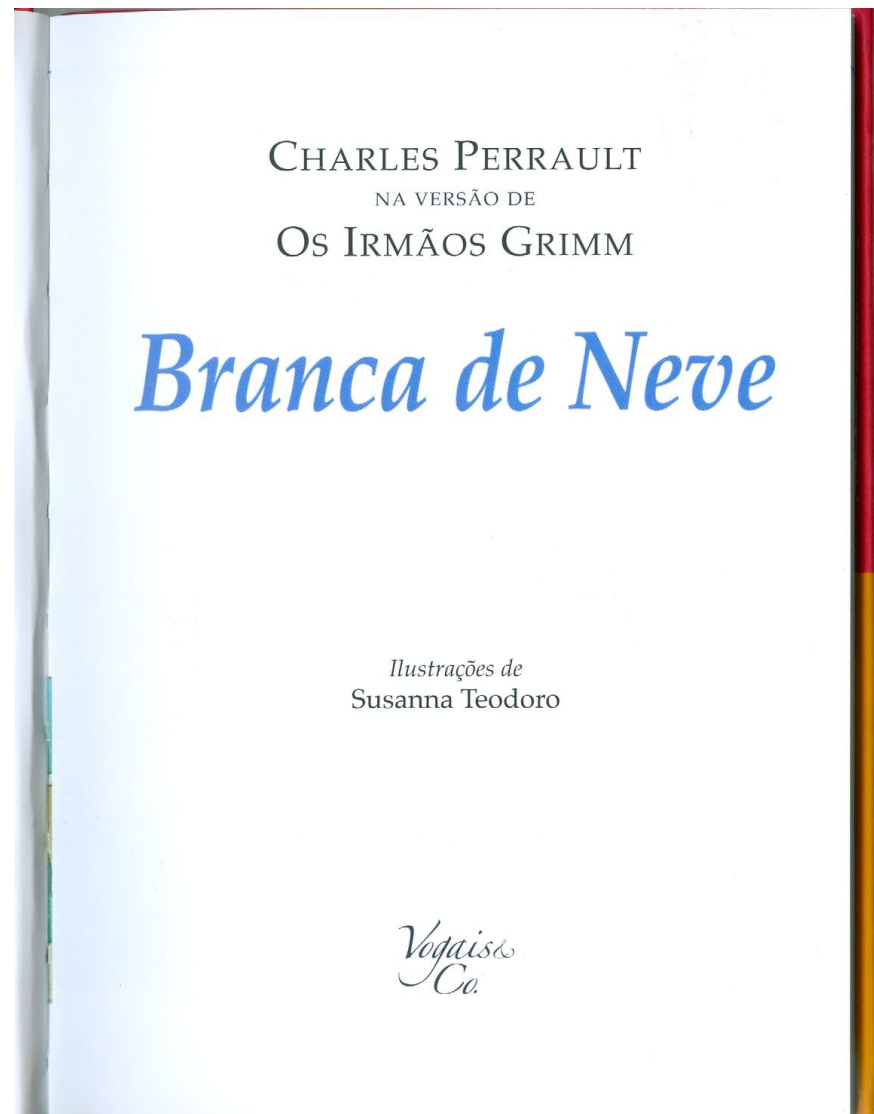
Na manhã seguinte, mal o sol nasceu, o gato foi à caça e apanhou um coelho. De seguida, correu para o castelo e foi entregá-lo ao rei. Fez uma vénia e disse:

— Sua Majestade, trago-lhe um presente do meu amo, o Sr. Marquês de Carabás.

## ANEXO XIV

Este anexo contempla a reprodução da capa e da folha de rosto de uma edição de *Branca de Neve*, pela editora Vogais & C.

Existe, nesta edição, o que consideramos um erro grave de desrespeito quer pelos autores nomeados, quer pela tradição oral.



## ANEXO XV

Este anexo contempla a reprodução da capa e da contracapa de um dos livros da colecção *Contos de Apoio à Leitura e à Escrita*, da editora Texto, bem como da primeira página.

Na contracapa podemos ver todos os títulos da colecção e, na primeira página, a forma como são destacadas as palavras que integram as grafias visadas no livro.

Incluímos, ainda, a reprodução de actividades incluídas nos livros da edição de 2006, que tem a chancela do PNL, bem como da edição de 2007.

Colecção de  
livros auxiliares  
para 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

**JÚNIOR**

www.junior.TE.pt

Brincar e Aprender,  
como deve ser!

**estudante**

www.estudante.TE.pt

Cobrecer e Comunicar

**educação**

www.educacao.TE.pt



**Texto Editores**

www.textoeditores.com



## Contos de Apoio à Leitura e à Escrita

- |  |  |
|--|--|
| 1 • O Capuchinho Vermelho<br>(vogais)    | 16 • A Raposa e o Leão<br>(s, z)   |
| 2 • João e o Pé de Feijão<br>(ditongos)  | 17 • A Lebre e a Tartaruga<br>(ar, er, ir, or, ur)                       |
| 3 • Os Três Porquinhos<br>(p)            | 18 • A Carochinha<br>(ch, x)   |
| 4 • Os Sete Cabritinhos<br>(m)           | 19 • O Rato e a Doninha<br>(nh, lh)                                      |
| 5 • Cinderela<br>(l)                     | 20 • A Rosa Azul<br>(al, el, il, ol, ul)                                 |
| 6 • A Bela Adormecida<br>(f, r)          | 21 • A Polegarzinha<br>(an, amb, amv)                                    |
| 7 • Pinóquio<br>(b)                      | 22 • Rapunzel<br>(ca, ço, ce, ci)  |
| 8 • Branca de Neve<br>(n)                | 23 • A Sereiazinha<br>(que, qui, ge, gi)                                 |
| 9 • A Casinha de Açúcar<br>(g, c)        | 24 • A Ponte da Harmonia<br>(cl, pl, fl, gl, bl)                         |
| 10 • O Flautista de Hamelin<br>(t, k)    | 25 • Os Músicos de Bremen<br>(as, es, is, os, us,<br>az, ez, iz, oz, uz) |
| 11 • Os Três Ursinhos<br>(s, re)         | 26 • O Gato das Botas<br>(pr, br, tr)                                    |
| 12 • O Sapateiro e os Duendes<br>(d, j)  | 27 • A Raposa e as Uvas<br>(que, qui)                                    |
| 13 • O Soldadinho de Chumbo<br>(q, x, z) | 28 • O Cacete Mágico<br>(os diferentes sons de x)                        |
| 14 • O Patinho Feio<br>(ss, ç)           |  |
| 15 • O Isqueiro Mágico<br>(r, rr)        |  |



Era uma vez uma menina, com longas tranças douradas, chamada Rapunzel. Ainda jovem, foi encarcerada por uma feiticeira numa torre muito alta, que tinha apenas uma janela no cimo.

Ordena as frases do texto de acordo com o exemplo.



Um príncipe ouviu uma linda canção e procurou a dona da voz na torre.



O príncipe encantado com a beleza da menina ofereceu-se para a salvar.



Rapunzel foi encarcerada por uma feiticeira numa torre.



A feiticeira levou a menina para um lugar deserto.



O príncipe viu uma feiticeira que subia pelas tranças de Rapunzel.



Passado um ano, o príncipe ouviu a mesma voz e reconheceu-a. Ambos lançaram-se nos braços um do outro e viveram felizes para sempre.

Combina as perguntas do 1.º quadro com as respostas do 2.º quadro.

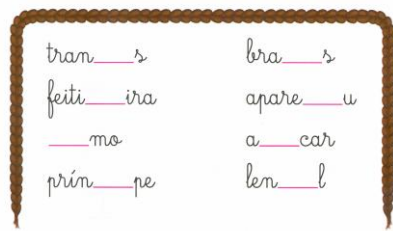
1. Quem era Rapunzel?
2. Como subia a feiticeira à torre?
3. Onde vivia a Rapunzel?



- A. Pelas tranças da Rapunzel.
- B. Vivia numa torre com apenas uma janela no cimo.
- C. Era uma menina com longas tranças douradas.

Coloca conforme o caso:

ça ; ço ; çu ; ce ; ci



De acordo com o texto, adivinha.

É bonita e vive presa.

R

São compridas e douradas.

t

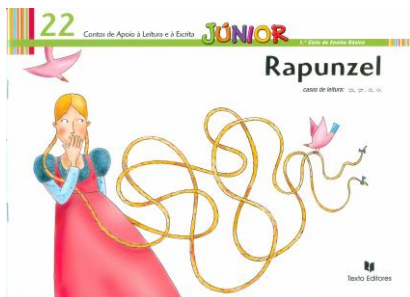
É alta e feita de pedras.

t

Escreve duas frases com as palavras encontradas.



## EDIÇÃO DE 2007:



Era uma vez uma menina, com longas **tranças** douradas, chamada Rapunzel. Ainda jovem, foi **encarcerada** por uma **feiticeira** numa torre muito alta, que tinha apenas uma janela no **cimo**.

1

Combina as perguntas do quadro da esquerda com as respostas do quadro da direita.

1. Quem era Rapunzel?
2. Como subia a feiticeira à torre?
3. Onde vivia a Rapunzel?

- A. Pelas tranças da Rapunzel.
- B. Vivia numa torre com apenas uma janela no cimo.
- C. Era uma menina com longas tranças douradas.



11

## ANEXO XVI

Este anexo integra propostas de actividades retiradas de livros da colecção *Histórias que ajudam a crescer. Contos e actividades*, da editora Asa.

Esta colecção propõe-se desenvolver o vocabulário, a partir dos contos, bem como noções de espaço, número, geometria.

Os conceitos são pouco exactos, a relação com os contos é artificial e veicula estereótipos.

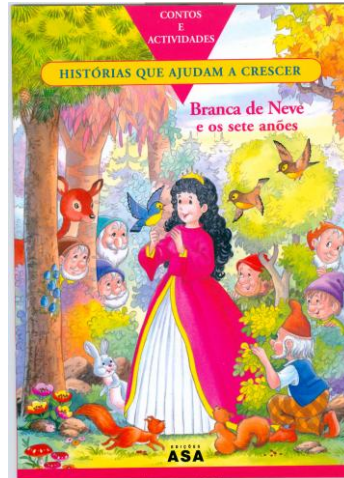
Ilustrações: Carlos Busquets  
Concepção: Nicole Viroux-Lenaerts

Uma coleção especialmente concebida para os mais pequeninos, que combina a narração dos contos clássicos infantis com actividades que ajudam a criança a adquirir algumas noções básicas propiciadoras do seu desenvolvimento pessoal.

Na parte superior das páginas desenrola-se a narração do conto. Na parte inferior há actividades divertidas que facilitam a aprendizagem de várias noções, como tamanhos, cores, velocidade, movimento, números, lógica, localização espacial, vocabulário, expressão oral, etc.



Histórias que ajudam a crescer


Era uma vez uma linda menina que nasceu no **palácio** do rei e da rainha.





A Branca de Neve está no **meio** da floresta.  
O que é que está no **meio** deste cercado?




rei vive no seu **palácio**.

padeiro trabalha na 

carneiro trabalha no 

peixeiro trabalha na 

pasteleiro trabalha na 

O príncipe fica tão maravilhado com a beleza de Branca de Neve que lhe dá um beijo. Mal o faz, Branca de Neve acorda e apaixona-se logo por ele... Ficam todos tão felizes que decidem fazer uma **roda** e dançar alegremente.



Todos decidem fazer uma **roda**.  
Aponta os objectos que são **redondos** como a **roda**.



Depósito legal: 238909/06  
ISBN 972-41-2128-3

© 1999, ASA Editores, S.A., Portugal  
5. edição: julho de 2006

© Editions Hemma, Bélgica  
Ingresso na UE

Depois da sua vitória, o príncipe volta para junto da princesa e beija-a. Ela acorda logo! E, com ela, acordam também todos aqueles que estavam à sua volta.



Todos acordam **depois** da vitória do príncipe.  
O que é que a mamã faz **depois** da refeição?



## ANEXO XVII

Este anexo contempla a reprodução de extractos de páginas de *Era uma vez... Uma Gramática em Histórias*, da editora Plátano.

Pretendemos chamar a atenção para a falta de qualidade (e de coerência) das ilustrações, bem como a falta de cuidado na edição do texto e na selecção de actividades propostas. A obra aproveita-se da eventual apetência das crianças relativamente ao conto maravilhoso; mas não contribui em nada para um aprofundamento deste nem para a sua valorização. Os exercícios propostos, de uma forma geral, poderiam ser aplicados a qualquer outro tipo de texto.

**Continuo a ler** a história. Vou ler em voz alta. Eu sou o narrador. Uma colega vai ser a rainha, outra o espelho, e outra ainda a vendedora de maçãs.

Mas, um dia, a rainha má interrogou o espelho mágico :

– Espelho meu, a mais bela de todo o reino sou eu?

– Vós sois linda, rainha, mas Branca de Neve que vive na floresta é a mais bela de todo o reino.

Furiosa, a rainha disfarçou-se de vendedora de maçãs e foi à casa dos anões.

Toc, toc, toc...

Sem desconfiar, a princesinha abriu a porta:

– Olá, quem é a senhora? – perguntou ela.

– Sou uma pobre vendedora de maçãs.

– A senhora desculpe, mas há tanta fruta na floresta que não posso comprar mais!

– A menina aceita uma bonita maçã? Coma-a. É muito boa.



A ilustração contraria a afirmação do espelho, assinalada por nós.



**3** **Continuo a ler** a história.

– E eu sou o Curioso. Quem és tu?

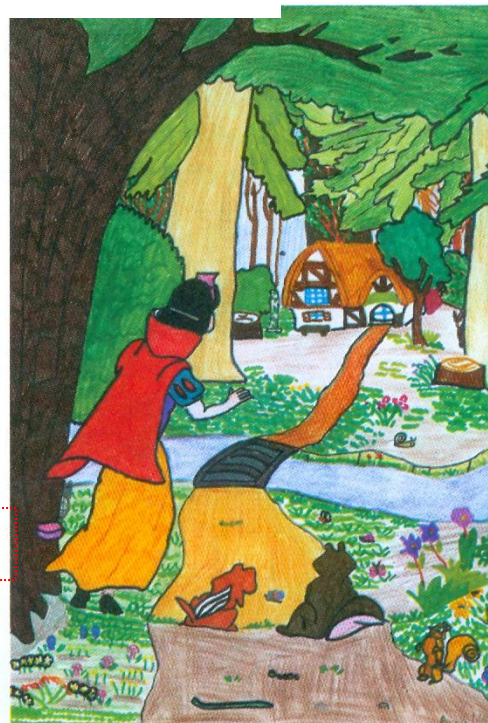
– Eu sou a Branca de Neve. Eu sou uma princesa que a madrasta mandou matar.

– Eu moro nesta casinha. E tu, onde moras?

– Eu morava no palácio, mas agora já nem tenho casa.

– Tu já não tens casa? Queres ficar connosco?

Branca de Neve aceitou muito satisfeita e foi assim que passou a viver na casinha da floresta.



12

Ilustração feita por criança e que apenas reproduz uma imagem da Disney. (Note-se o erro de translineação,, que assinalámos a vermelho.)

**6**

**Continuo a ler** a história. **Verifico** que foram trocados sinais de pontuação numa frase. **Emendo** a pontuação.

A rainha, que desconfiou logo da rapariga, dirigiu-se para o quarto azul do palácio, colocou às escondidas uma ervilha em cima das tábuas da cama e ordenou:

— Preparem a cama com doze colchões bem fofinhos para a nossa hóspede descansar?

O plano da rainha não podia falhar: só uma verdadeira princesa seria capaz de sentir uma ervilha debaixo daquela dúzia de colchões tão fofos.

(Para além de confrontar as crianças com o erro, o que é pedagogicamente discutível, nesta fase da aprendizagem, não nos parece que o conto maravilhoso seja o material ideal para este tipo de actividades.)

A rainha (escondendo a sua satisfação) foi ter com o príncipe, a quem contou o sucedido.

— É uma princesa de verdade — disse o príncipe —, com ela hei-de certamente casar!

A linda princesa já recomposta da chuva apaixonou-se pelo príncipe, e o rei, muito feliz, anunciou ao seu povo a data do casamento real.

**9**

**Digo** o que penso das princesas do reino completando as frases com os elementos que se encontram à direita.

- A princesa Joana era muito gentil, mas tinha o dobro da idade do príncipe. *Que pena!*
- A princesa Maria parecia-se com um fantasma horrível. \_\_\_\_\_
- A princesa Ana tinha borbulhas verdes no rosto. \_\_\_\_\_
- A jovem apanhada na tempestade era mesmo uma princesa. \_\_\_\_\_
- A princesa tinha uma bela cabeleira preta e grandes olhos da cor do mar. \_\_\_\_\_

- Que feia!
- Que linda!
- Que surpresa!
- Que susto!
- Que pena!

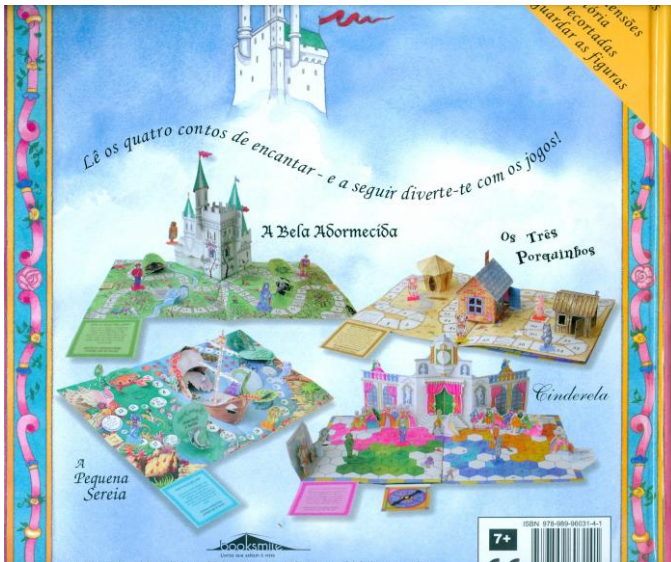


Reparo que depois de escrever expressões de sentimentos: admiração, medo, surpresa... utilizo o **ponto de exclamação**.



## ANEXO XVIII

Este anexo contempla a reprodução de partes de um livro que associa o conto maravilhoso a jogos de tabuleiro. No percurso, cada jogador(a) poderá chegar a uma «casa» que remete para um obstáculo ou em que surge um auxiliar mágico. Trata-se de uma edição volumétrica.



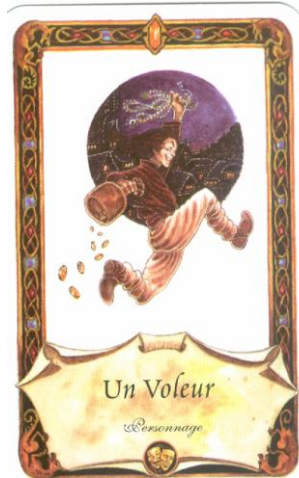
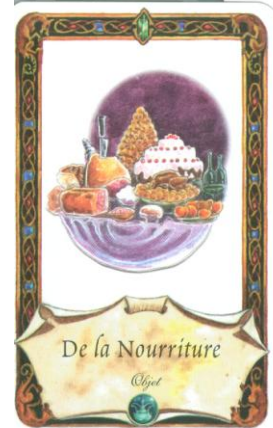
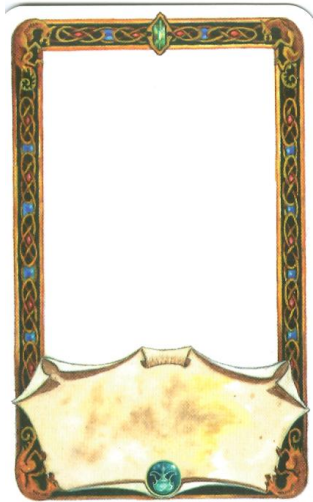
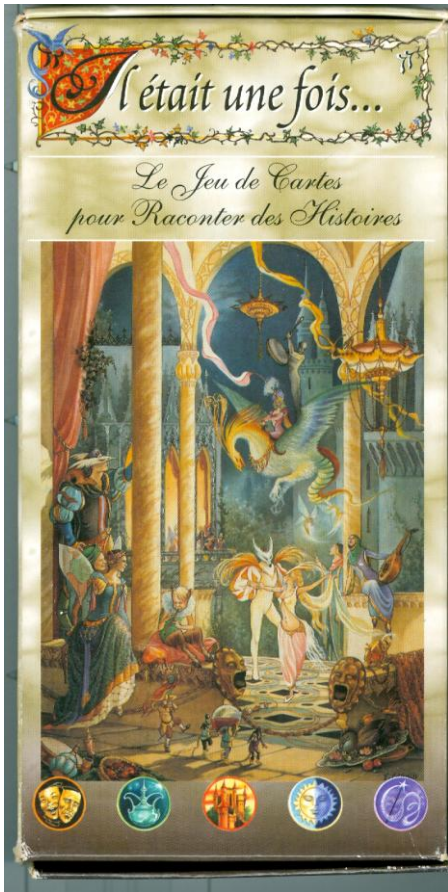
Ao abrir-se, o livro transforma-se num tabuleiro de sucessivos jogos, com um ponto de partida, um percurso semeado de inimigos (que obrigam a recuar) e de ajudantes mágicos (que permitem avançar mais depressa), e uma meta; a progressão depende dos números marcados por um ponteiro de relógio, que cada jogador(a) faz girar, à vez.



## ANEXO XIX

Este anexo contempla a reprodução de algumas cartas do jogo *Il était une fois... Le Jeu de Cartes pour Raconter des Histoires*.

Existem cartas com temáticas obrigatórias e outras que podem ser usadas como «Joker»; as cartas estão divididas em dois naipes; um apresenta imagens alusivas a tipos de personagens, lugares, objectos, atributos e acontecimentos; o outro apresenta textos de conclusão dos contos (fórmulas de saída).



## ANEXO XX

Este anexo contempla a reprodução de algumas cartas do jogo *A arca dos contos*, uma ideia de Teresa Meireles (apresenta um conceito idêntico ao do jogo do anexo anterior, mas em Português).

Em a), apresentamos reproduções do jogo ilustrado por Danuta Wojciechowska (edição esgotada).

Em b), apresentamos reproduções do jogo ilustrado por Teresa Lima.

a) Teresa Meireles e Danuta Wojciechowska



b) Teresa Meireles e Teresa Lima



## ANEXO XXI

Este anexo contempla a reprodução de algumas emergências do conto maravilhoso em contexto exoliterário:

- a) Usado numa campanha nacional para sensibilização contra a violência doméstica e emergindo no discurso informal de uma deputada (que se refere às personagens Gata Borralheira e Cinderela como se fossem distintas e não duas designações da mesma personagem, em versões diferentes);
- b) usado em imagens de publicidade, para uma calendário e numa revista;
- c) usado em pequenos *spots* publicitários;
- d) usado na estrutura de jogos de computador.

Estes documentos podem ser visionados em formato digital, no DVD, e na *internet* a partir da ligação colocada naquele.

a)

» CAPUCHINHO VERMELHO E POLEGARZINHA DÃO UMA AJUDA

### Campanha contra a violência doméstica

A campanha "Diga Não à Violência Doméstica", da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (CIDM), foi esta segunda-feira lançada em Lisboa, e conta com personagens como o Capuchinho Vermelho para "informar, sensibilizar e prevenir".



Esta campanha publicitária é uma das iniciativas integradas nas comemorações do Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que se assinala a 25 de Novembro, e que integra um Programa de Comunicação a três anos.

Ler mais em:

<http://www.solidariedade.pt/sartigo/index.php?x=677>

Ou ver Anexo XXIV (digitalizado).

.....



## Edite Estrela

“Boa noite. Sou como a Cinderela, à meia-noite viro Gata Borralheira. E a partir de 2.<sup>a</sup> feira mudo de fuso, e vou enfrentar 9º negativos.”  
[Sobre a partida para o Parlamento Europeu, em Estrasburgo]

In TV Guia nº1616, ano XXXI, 15-01-2010 p. 5



c)



Ver Anexo XXIII –c (digitalizado)

d)

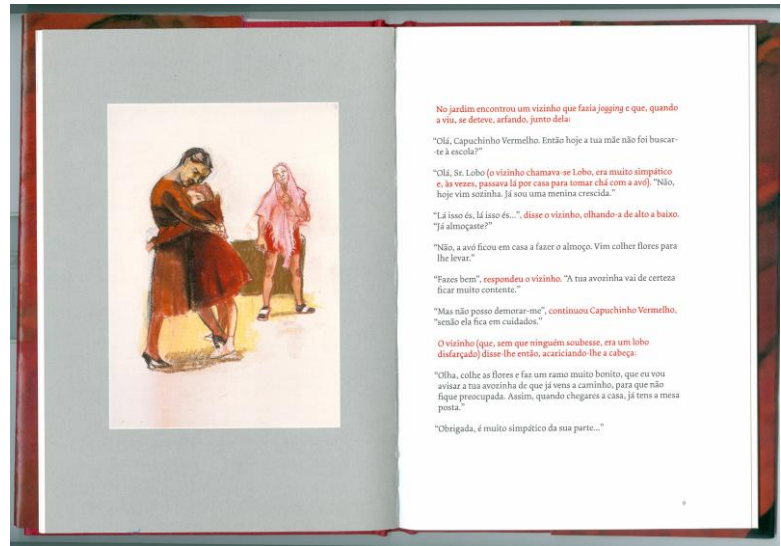
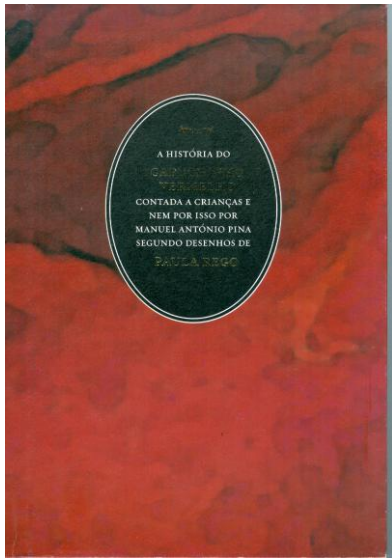


Ver anexo XXV (digitalizado)ou  
<http://prince-of-persia.uk.ubi.com>

## ANEXO XXII

Este anexo contempla a reprodução de algumas capas de livros para adultos cujo intertexto é o conto maravilhoso tradicional. Ainda que os títulos possam indicar a especificidade do público-alvo, essa informação passa, sobretudo, pelas ilustrações das capas.

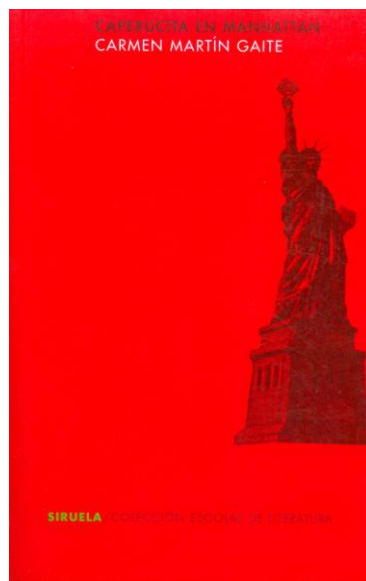
No caso de *A História do Capuchinho Vermelho contada a crianças e nem por isso por Manuel António Pina segundo desenhos de Paula Rego*, optámos por apresentar páginas de texto e de ilustração, para evidenciar o grafismo.

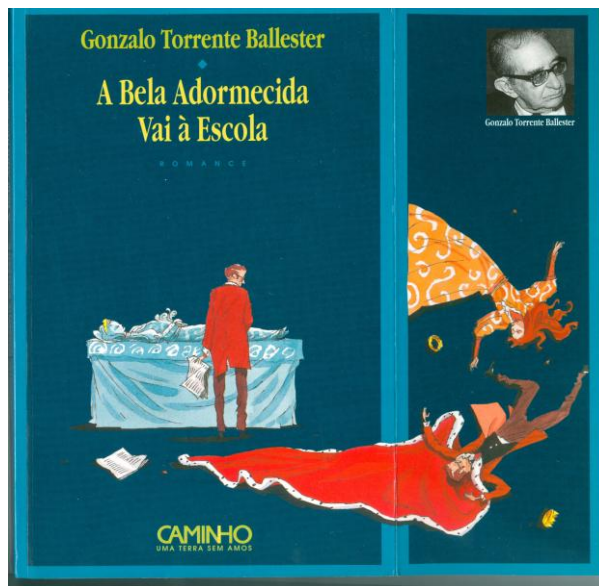
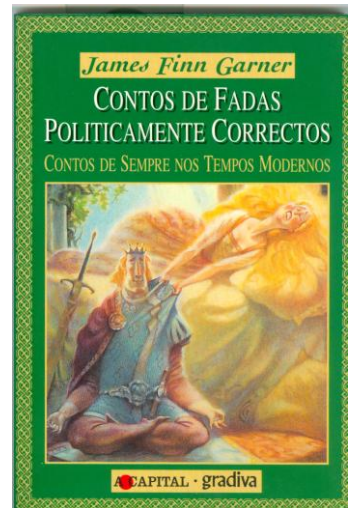
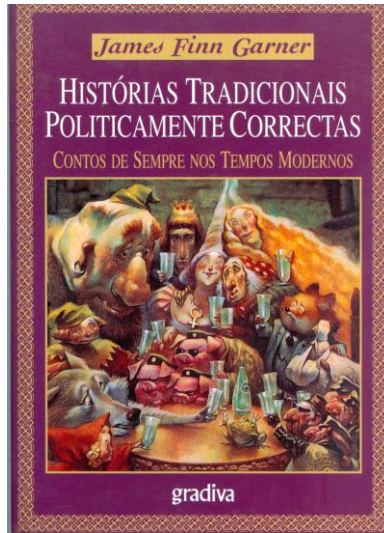
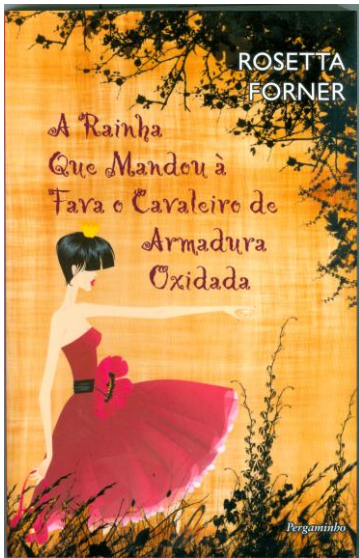


raiva, correu ao anexo do quintal, trouxe uma forquilha e espetou-a no lobo com toda a força, matando-o. Seguidamente, pegou numa grande faca e tirou-lhe cuidadosamente a pele.

"Assim como assim", disse a mãe, "sempre fico com uma estola..."

Nos dias seguintes, a *toilette* da mãe foi objecto de grande admiração entre as colegas do escritório: um vestido vermelho rubro que lhe ficava muito, muito bem e uma belíssima pele de lobo ao pescoço.





## ANEXO XXIII

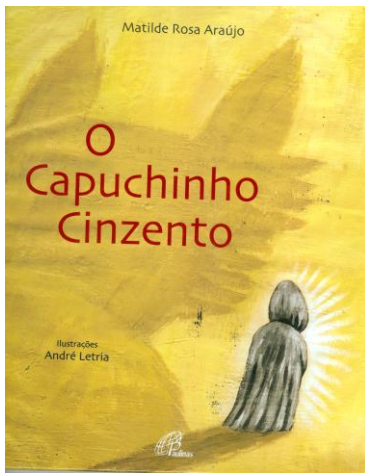
Este anexo contempla emergências do conto maravilhoso, em contextos exoliterários, que devem ser visionados a partir do DVD.

## ANEXO XXIV

Este anexo contempla reproduções de passagens de *O Capuchinho Cinzento*, de Matilde Rosa Araújo, com ilustrações de André Letria, publicado nas editora Paulinas.

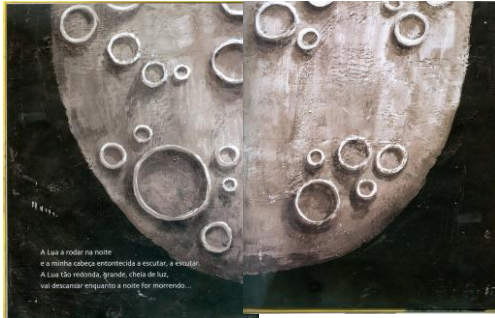
A obra foi apresentada como tendo as crianças como destinatárias e encontra-se na secção para crianças quer nas livrarias, quer nas bibliotecas. Contudo, consideramos que, sendo, embora, um excelente texto e bem servido pelas ilustrações, aquele não é o público ideal.

A observação destes documentos deverá ser complementada com a consulta do ANEXO XXVII, em suporte digital.



Que posso eu contar?

Passaritos de cristal, porque andam em volta da minha cabeça a contarem uma história que eu não entendo?



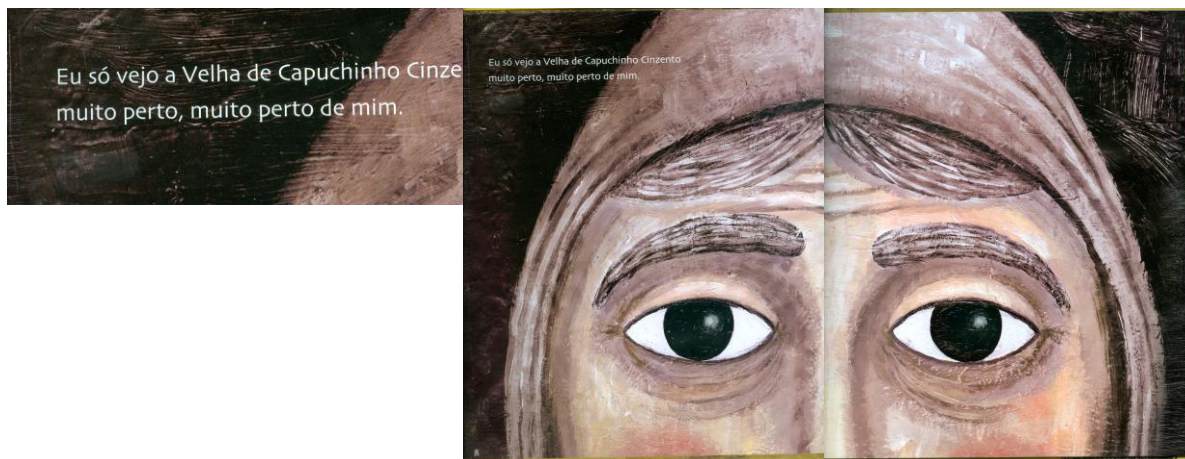
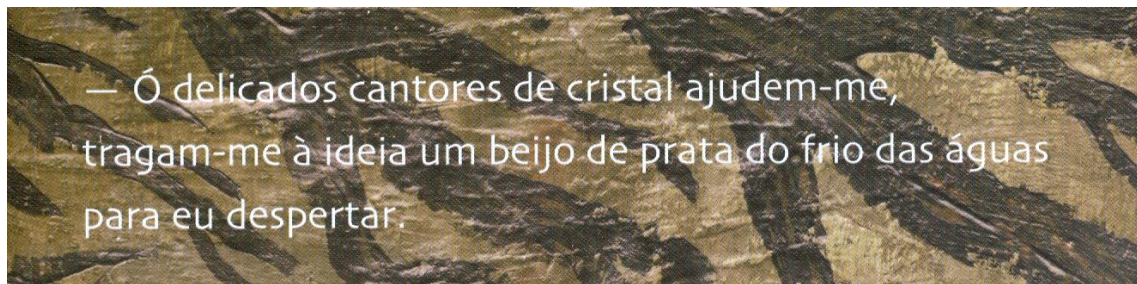
A Lua a rodar na noite  
e a minha cabeça entontecida a escutar, a escutar.  
A Lua tão redonda, grande, cheia de luz,  
vai descansar enquanto a noite for morrendo...



Passaritos de cristal, o que têm para me dizer?  
E os Passarinhos de cristal, a voar, a cantar:  
— É a história do Capuchinho Cinzento,  
que foi o capuchinho vermelho  
da menina que levava uma merendinha à avó  
e encontrou o lobo mau!

— Ó delicados cantores de cristal digam-me,  
cantem-me o que aconteceu ao Capuchinho Cinzento,  
agora, com tanta idade?  
— Lembra-se do Capuchinho Vermelho  
a caminhar pelo bosque verde cheio de paz?  
Um bosque de folhas verdes molhadas de pérolas de orvalho?  
Um bosque perfumado  
com o aroma das folhas que dançavam com o vento?  
Que secavam com o lume de luz  
que tombava dos céus?





## ANEXO XXV

Este anexo remete para um dos muitos jogos *on line* que têm por base a estrutura do conto tradicional maravilhoso (heróico).

O jogo existe há já vários anos e tem vindo a ser adaptado, acompanhando a evolução das potencialidades do suporte digital.

Pode ser acedido através do DVD ou do endereço <http://prince-of-persia.uk.ubi.com>

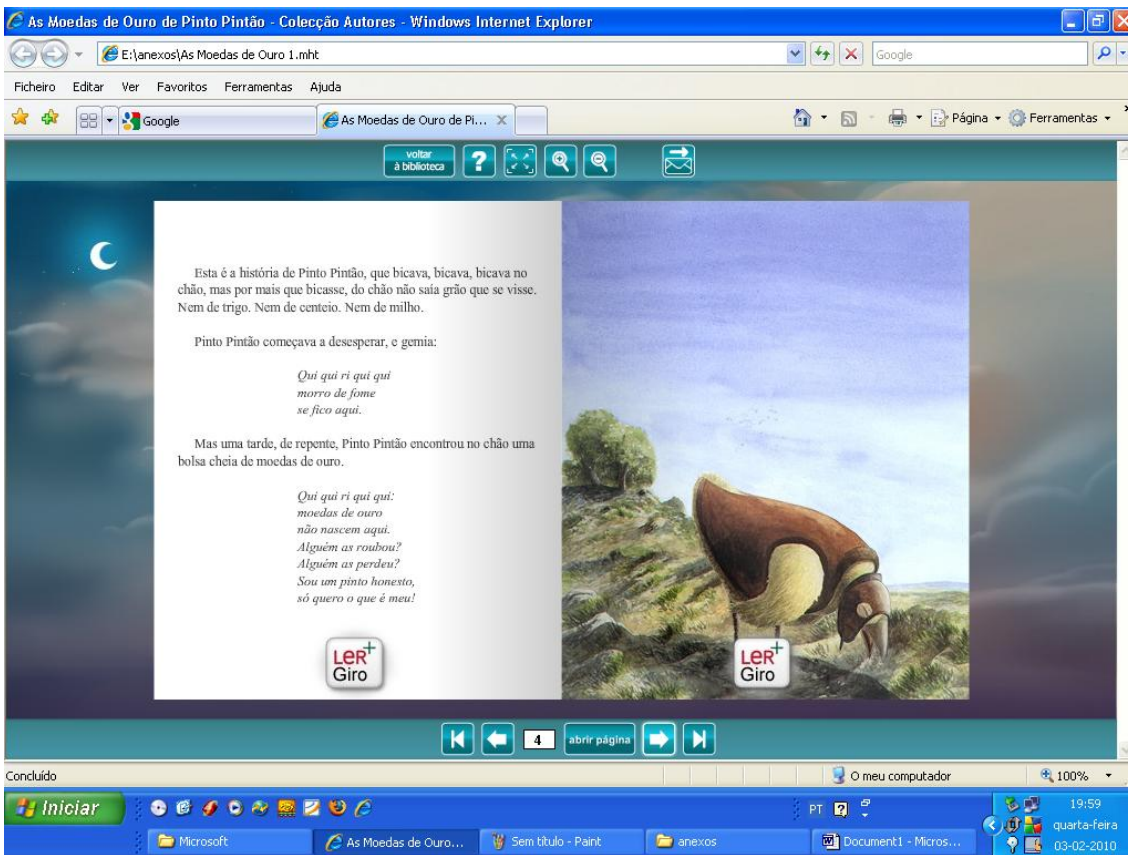
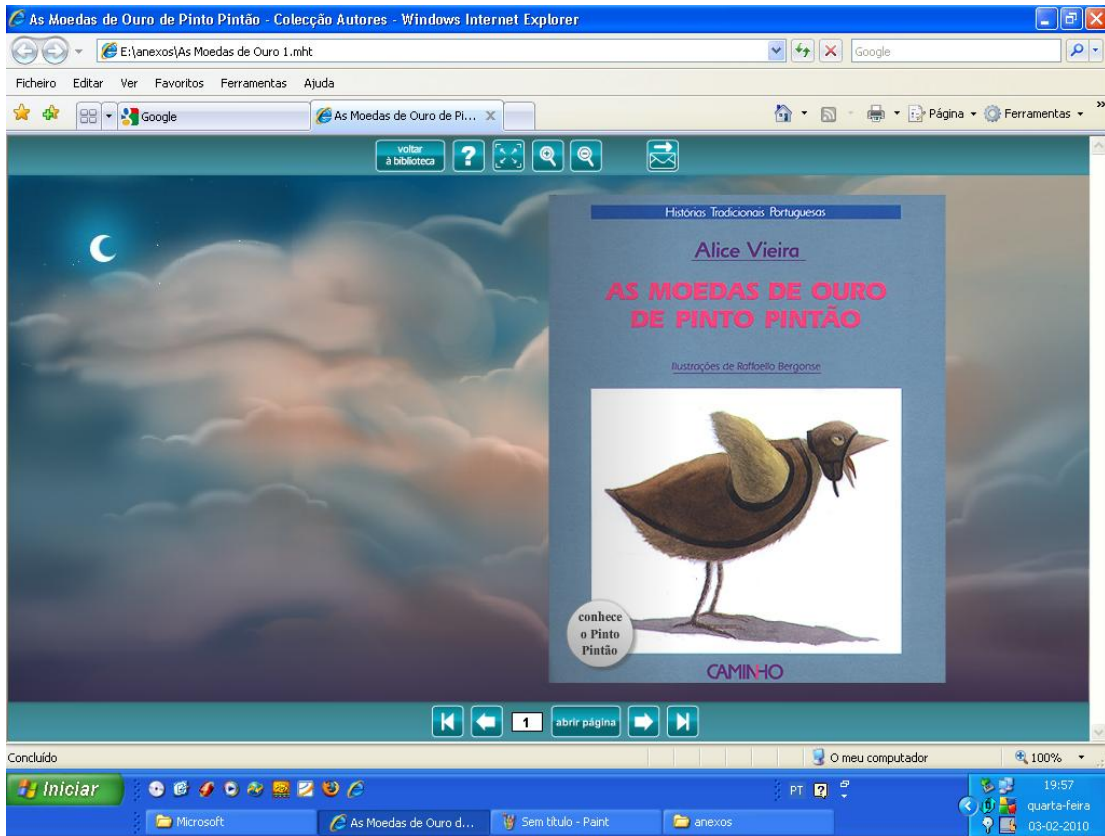
## ANEXO XXVI

Este anexo contempla um *e-livro* produzido no âmbito do PNL, a partir de um texto de Alice Vieira.

A autora reescreve um conto maravilhoso tradicional português, apresentando uma versão que, a nosso ver, não deve ser transmitida sem a mediação adulta, sob pena de veicular a ideia de que apenas através da violência conseguimos conquistar os nossos objectivos. No entanto, face à acessibilidade do texto no formato de e-livro, com versão escrita e oral, a criança pode aceder-lhe sem a presença do adulto.

A versão integral pode ser acedida a partir da ligação colocada no DVD.

.



## ANEXO XXVII

Este anexo contempla a reprodução do texto integral e das ilustrações de *O Capuchinho Cinzento* e deve ser acedido a partir do DVD.

## ANEXO XXVIII

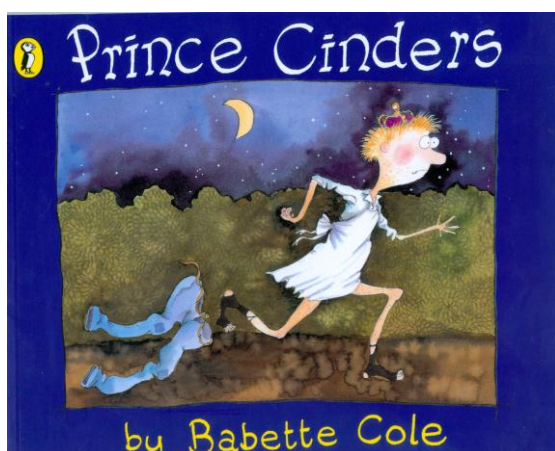
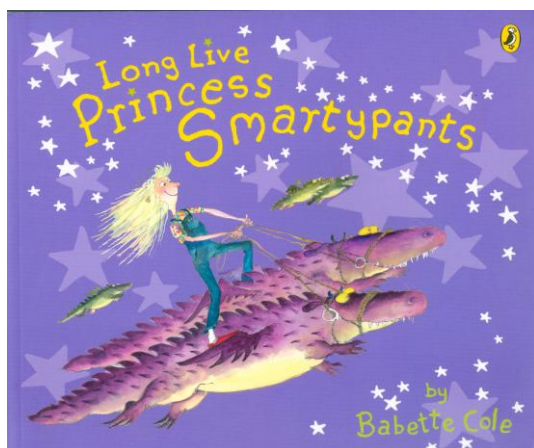
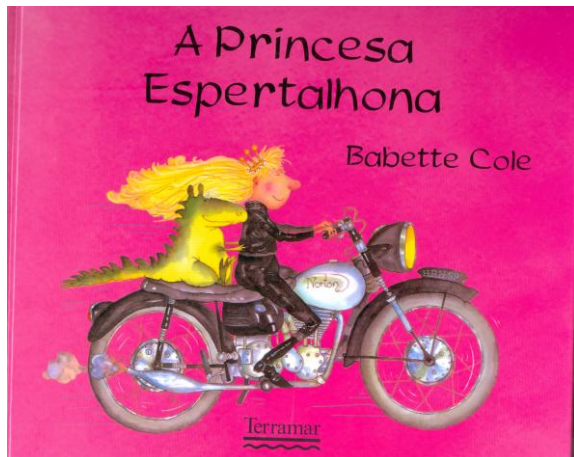
Este anexo contempla reproduções de passagens de obras cujo intertexto é o conto maravilhoso tradicional e que são apresentadas nas secções de literatura para crianças.

No caso dos livros de Babette Cole, consideramos que o aspecto de caricatura e a ironia não são compatíveis com as expectativas idílicas de um público mais jovem. Parece-nos tratar-se mais de uma crítica ao conceito de politicamente correcto ( e, eventualmente, até, uma crítica a alguns valores contemporâneos), do que a aparente actualização do conto maravilhoso.

O DVD contém um ficheiro complementar com imagens das várias obras.

## Literatura também para crianças?

A ambivalência do conceito de livro para crianças continua patente nas estantes de livrarias e de bibliotecas. São muitos os livros colocados na secção para a gente mais nova e que nos parecem que visam, sobretudo, um olhar adulto. As obras de Babette Cole estão, quanto a nós, nesse grupo, tanto mais que os traços mais evidentes são os da caricatura.



## Outras reescritas

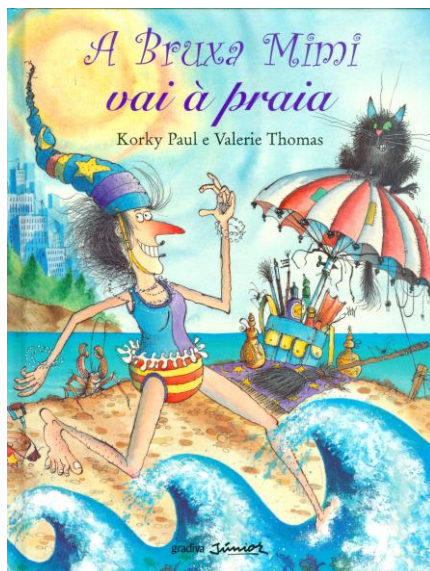


O conceito é interessante mas o texto não cumpre com a promessa da capa. Ainda que tenhamos duas narradoras femininas, correspondendo cada uma a uma personagem diferente, o ponto de vista é sempre o mesmo (coincidindo com o da Bela Adormecida)

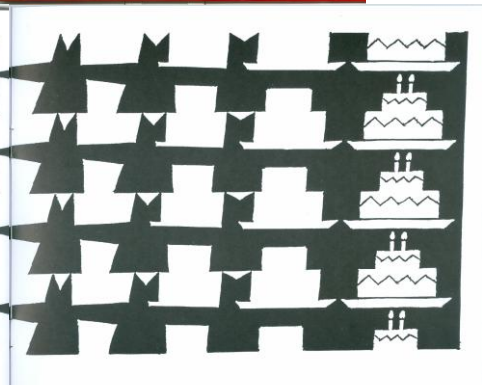
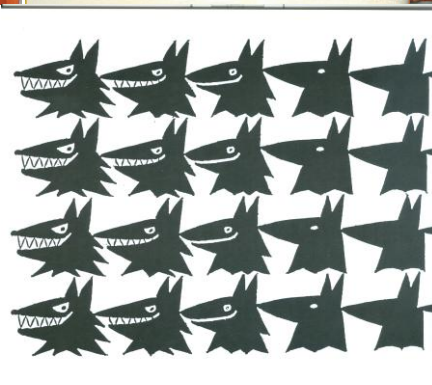
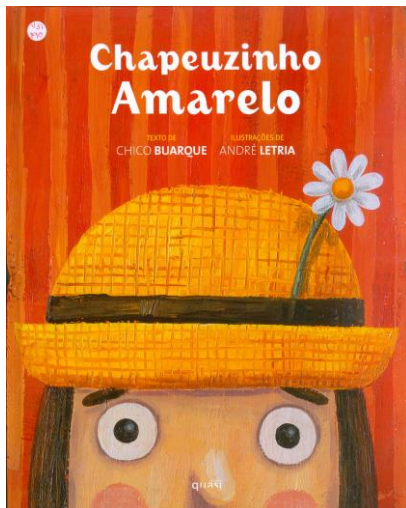


Em *A Raposa Azul*, encontramos uma colectânea de contos com origens variadas. Contudo, a ilustração (repare-se nos dois porquinhos «ingleses») e o texto de apresentação mantêm-se numa linha de estereótipo e/ou monocultura. A tónica colocada no preparar-se «a tempo» unindo «Os três porquinhos» e «Maneiras de ser» não só é redutora como esvazia, a nosso ver, a mensagem.

mundo. «Os três porquinhos» e «Maneiras de ser» utilizam a construção da casa para lembrar que ninguém deve agir à toa porque só quem presta atenção aos problemas que se aproximam sabe preparar-se a tempo para os enfrentar.



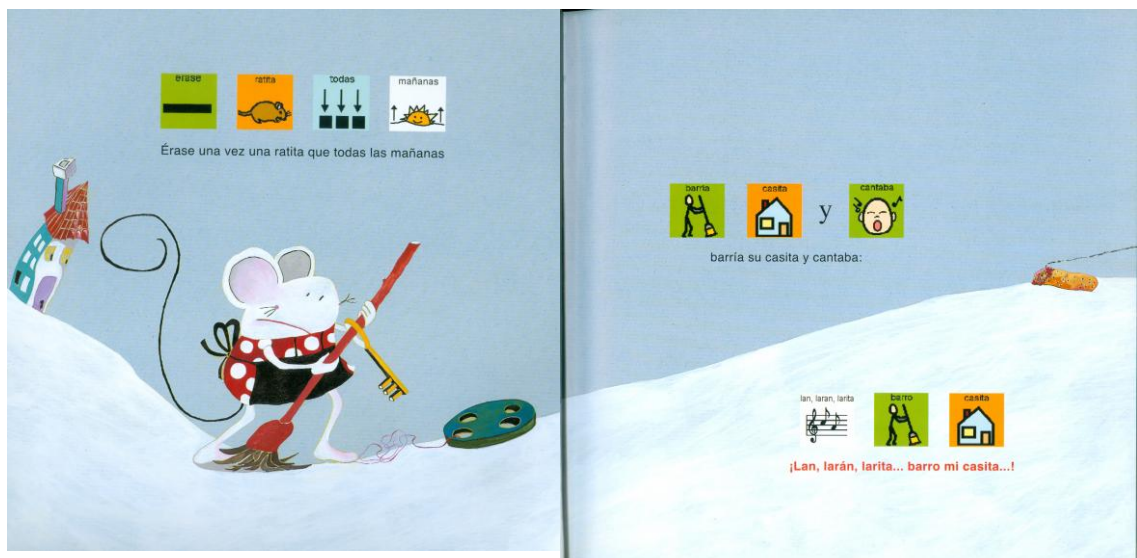
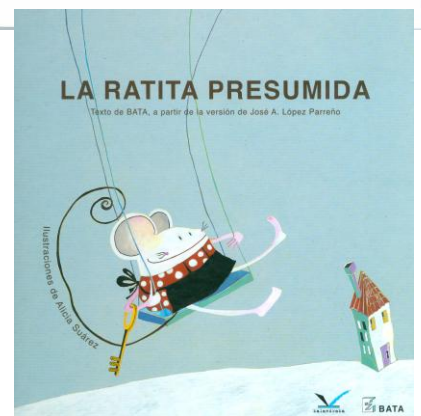
A colecção de *A Bruxa Mimi*, lida quer em jardins-de-infância quer em escolas do Ensino Básico, parece-nos partilhar do mesmo desejo de atrair também adultos. Uma vez mais, a ironia e a leitura de traços caricaturais são importantes para a recepção do livro.



LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

A menor rigidez da ilustração de livros de contos maravilhosos permite dinamizar actividades visando o desenvolvimento do sentido estético.

O livro da editora Kalandraka, *La Ratita Presumida*, inicialmente concebido para crianças com deficiências auditivas, revelou-se um bom auxiliar para o trabalho com crianças autistas.





Este é um livro que brinca com os estereótipos, contrariando-os. Encontramos, por exemplo, a história de uma princesa que salva o príncipe.



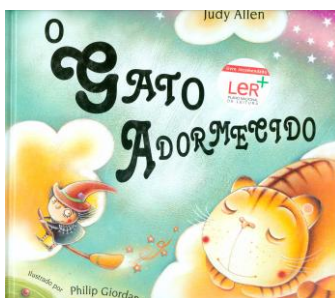
Este livro de Luísa Ducla Soares, a nosso ver, enquadra-se nos textos com algum sabor panfletário. Esta versão de *O Capuchinho Vermelho* do século XXI visa chamar a atenção para o lobo, enquanto espécie em vias de extinção.



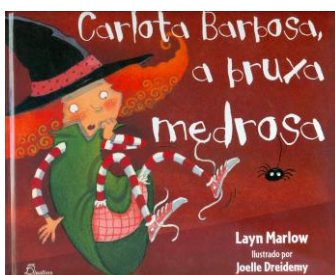
Este texto faz uma actualização de «O Capuchinho Vermelho» propondo uma figura masculina como protagonista. É o alcoolismo do Lobo que permite que o menino saia ileso da história, ainda que no final pareça haver uma apologia do vinho enquanto meio para atingir a felicidade.



Esta história «explica» como foi que o lobo se tornou mau e a capuchinho boa



A intertextualidade deste texto encontra-se apenas ao nível do título.



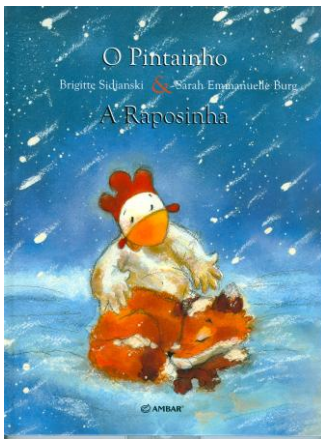
Este é mais um dos muitos livros em que as bruxas aparecem sem as características convencionais.



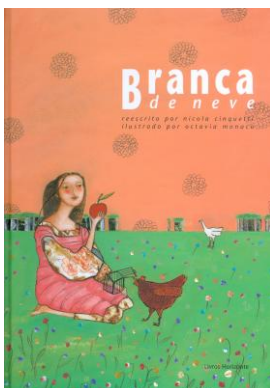
Esta é uma história que mostra a importância de cuidarmos dos outros e dos afectos, através de uma linguagem com pinceladas de humor. Precisando, como as outras, do intertexto para ganhar força, lança um novo olhar sobre as relações interpessoais.



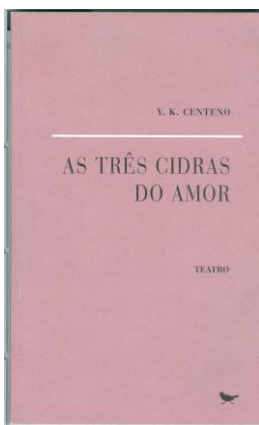
Esta história apresenta-nos um pequeno dragão que incomoda mas revela também o que o leva a causar o incómodo a terceiros; socorrido pela população, coloca depois as suas capacidades ígneas ao serviço de todos.



Esta é também uma história que mostra que o cuidar de outrem pode ajudar a superar situações de anterior incompatibilidade.



Um texto já muito recontado mas que ganha nova vida, servido por uma excelente ilustração, à semelhança dos que renascem pela voz de transmissores activos.



Nesta obra de Yvette K. Centeno, o conto da tradição oral volta a ganhar voz, através dos actores, servidos por um excelente texto.



Lynn Roberts e David Roberts juntam-se para reescrever contos da tradição oral em contextos

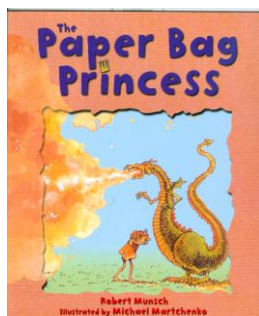


estéticos diferentes.

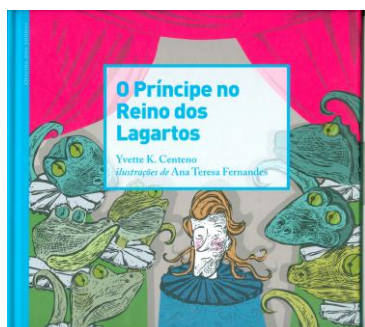
É interessante verificar que as grandes alterações ocorrem ao nível da ilustração, a mostrar que o conto tradicional é um corpo que pode vestir-se em função da moda da época – o que era e volta a ser feito pelos transmissores activos.



Não se tratando de um conto maravilhoso, este texto convida à reflexão em torno dos estereótipos recorrentes nos contos maravilhosos tradicionais (de heróis), servido por uma linguagem com marcas de literariedade.



Ainda que despojado de ornatos literários (ou até por isso), este livro permite fazer uma enriquecedora transposição para o reconto oral, convidando à colaboração do público.



Um excelente texto de Yvette K. Centeno, pleno de musicalidade e em permanente diálogo com o intertexto do conto maravilhoso. Neste livro, a actualização dos valores faz-se de forma natural, sem sobressalto.

## ANEXO XXIX

Este anexo contempla o questionário apresentado a alunas e alunos da EB+S do Monte da Caparica.

Uma vez que, depois de iniciada a investigação, resolvemos restringir o seu âmbito a um público mais jovem, não é apresentado qualquer tratamento de dados; no corpo do texto foi feita uma apreciação genérica.

Escola \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo : F M

O que é mais importante para si, o que coloca em primeiro lugar, o que mais respeita?  
(pessoas, objectos, sentimentos, qualidades...)

---

---

---

O que lhe parece ser mais valorizado, actualmente, na sociedade portuguesa?

---

---

---

O que gostava que as outras pessoas colocassem em primeiro lugar, considerassem mais importante, respeitassem mais?

---

---

---

Considera que a Escola deve promover uma educação para os valores morais?

Não ;

Sim, mas numa disciplina específica  ;

Sim, deve promover a sua discussão, sem impor valores específicos  ;

Sim, deve inculcar os valores da sociedade  ;

Sim, deve inculcar os valores da religião  (se marcou esta quadrícula, diga qual ou quais religiões \_\_\_\_\_)

Sim, cada professor(a) deve poder transmitir os seus valores  ;

---

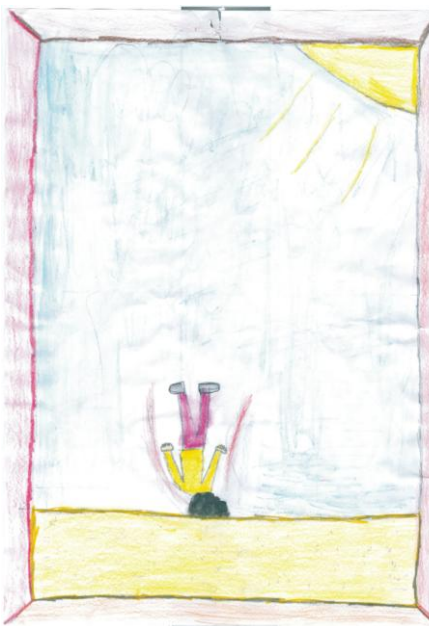
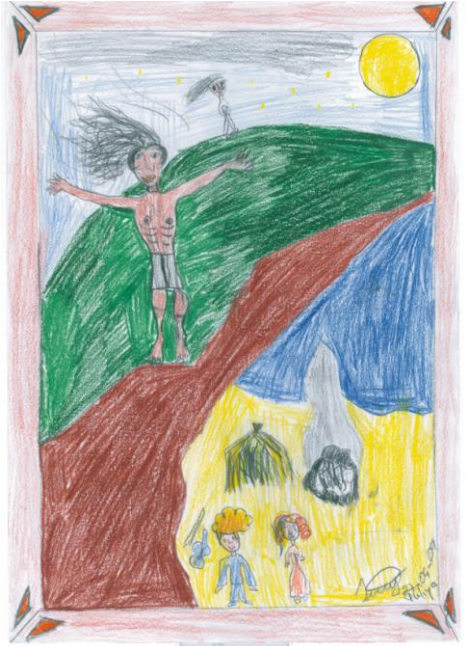
Muito obrigada pela sua colaboração

Junho de 2004

## ANEXO XXX

Este anexo contempla a fotografia do boneco que nos acompanhou no reconto de *Boi Blimundo* e a reprodução de algumas das ilustrações elaboradas por crianças do 4º ano de escolaridade da EB1 da Penha.

O resto das ilustrações desta turma, bem como as de uma das turmas da EB1 do Carmo encontram-se no DVD.

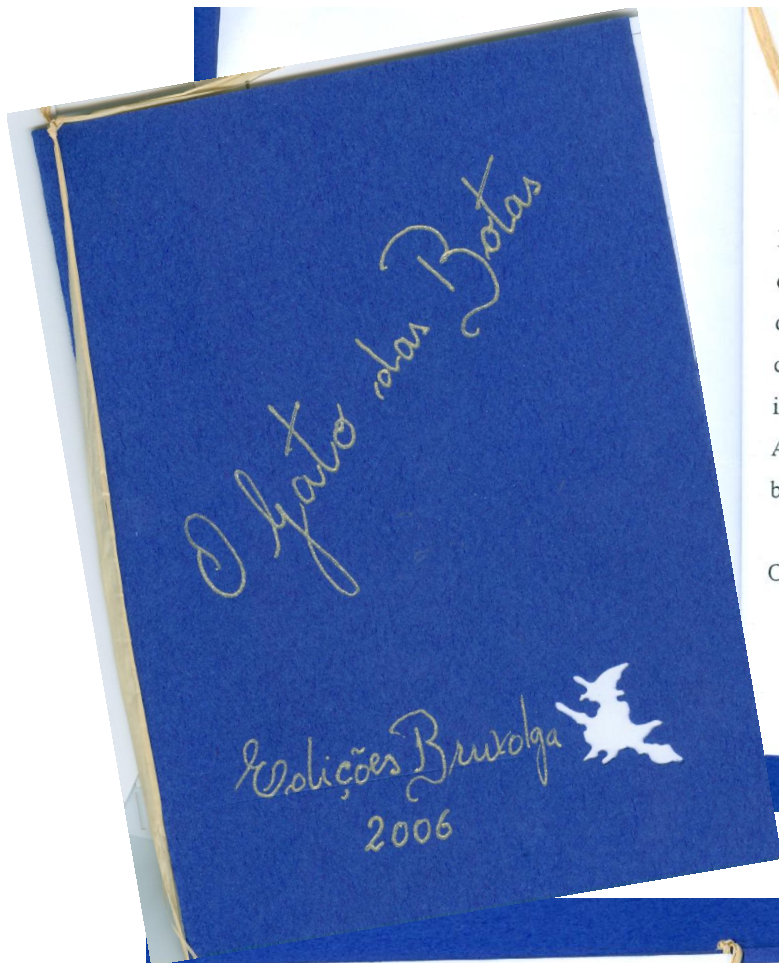


## ANEXO XXXI

Este anexo contempla os textos que foram redigidos por alunas e alunos de duas turmas de 4º ano da EB1 do Carmo.

Tínhamos, propositadamente, interrompido o reconto de «O Gato das Botas», no momento em que o Rei oferece a mão da Princesa ao dono do Gato; solicitámos às crianças que redigissem uma conclusão que fosse do seu agrado.

Os textos das crianças foram digitalizados e paginados de forma a construir um livrinho, de que demos um exemplar a cada criança. Este anexo inclui imagens digitalizadas do referido livro.



Este livro reúne textos redigidos por alunos e alunas da Professora Madalena, da Escola EBI do Carmo, em Faro.

Depois de ter sido feito o reconto oral de «O Gato das Botas», até ao momento em que o rei dá a mão da princesa ao rapaz, foi pedido a cada estudante que escrevesse o final da história, seguindo a sua imaginação.

Aqui ficam as propostas resultantes, com um beijinho de agradecimento da

  
Olga da Fonseca

Faro, 21 de Junho de 2006

#### O Gato das Botas

O rei decidiu, então, dar a mão da princesa em casamento. A princesa, assim que soube, começou logo a reclamar e disse:  
- Eu amo mas é o gato!  
Depois, uma nuvem de pó encheu o salão e em vez de aparecer o gato apareceu um príncipe.

Ana Filipa Correia

#### O Gato das Botas

O rei deu a mão da princesa em casamento ao Marquês de Aldrabás mas a princesa não aceitou porque descobria muito dele e o pai da princesa disse:  
- Vais casar com o Marquês de Aldrabás!  
- Não vou, não, eu desconfio muito dele.  
- O rapaz é muito bonito e obediente.  
Mas a princesa, para descobrir a verdade, lá casou com o rapaz e quando soube que ele não tinha o olival, o laranjal nem o palácio foi logo, logo contar ao seu pai, mas o seu pai não acreditou. O rapaz, que estava a ouvir tudo, ficou muito assustado e foi imediatamente contar ao gato que a princesa tinha descoberto tudo. O gato foi ter com o peixe mágico e formulou (pediu) um grande desejo que foi:  
- Quero que a princesa mude de opinião e que o rei dê muitas jóias ao Marquês de Aldrabás.  
A princesa mudou de opinião e o rei deu muitas jóias e tiveram dois filhos e organizaram uma grande festa de casamento e viveram felizes para sempre.

Inês Madeira

#### O Gato das Botas

Logo a seguir, o Marquês, muito surpreendido, disse:  
- Ham, ham, eu acho que é cedo demais para casar.  
E o rei respondeu-lhe.  
- Eu acho que é a altura certa.  
E assim se casaram e depois tiveram filhos.

César (Cesarini)

#### O Gato das Botas

Então o rei decidiu dar a mão da sua filha, a princesa, em casamento ao Marquês de Aldrabás.  
Estavam todos reunidos e o rei afirmou:  
- Senhor Marquês de Aldrabás, eu dou-te a mão da minha filha em casamento; porque tu és um homem generoso e bonito! - mas disse só para si :- Bonito, entre aspas!...- mas aquilo só era para o incentivar.  
- Obrigado por me dar a mão da sua filha em casamento.  
A princesa não ficou lá muito contente. Ela desatou a chorar e logo foi para o seu quarto porque ela gostava era do gato.  
Mas vocês não sabem de uma coisa - é que o gato também gostava dela.  
E no fim eles casaram-se, o gato e a princesa.

Isla

Este livro pertence a:

41

**Conclusão de «O Gato das Botas»  
(Pelos alunos e pelas alunas da Professora Madalena - EB1 nº 2 Carmo)**

O Gato das Botas

O rapaz, que se chamava Marquês de Aldrabás, quis casar com a filha do rei. E o rei disse:  
- Vou-te dar a mão da minha filha a ti.

E o Marquês de Aldrabás respondeu:

- Eu tratarei bem a tua filha e nunca a quero perder.

O rei disse que casavam daí a três semanas. O Marquês de Aldrabás ficou muito feliz. O gato ficou contente por ver que o seu amigo ia casar dali a 3 semanas.

Passadas três semanas chegou a hora do casamento. Casaram-se. Então, apareceram dois ladrões, mas o gato escondeu-se e fez zás-trás-pás e os ladrões morreram. E assim o Marquês de Aldrabás e a princesa ficaram felizes.

João Gabriel

\*\*\*\*\*

O Casamento do Marquês de Aldrabas

O rei disse ao Marquês de Aldrabás para casar com a sua filha. «Marquês de Aldrabás» era um nome inventado pelo Gato das Botas, o seu gato.

Nessa noite, o Marquês de Aldrabás foi ao palácio do rei jantar para conhecer a princesa.

Então a princesa aceitou casar com o Marquês de Aldrabás. No dia do casamento estava toda a gente do palácio. O casamento correu lindamente.

O Marquês de Aldrabás levou algum tempo a habituar-se aos reis.

Passados alguns meses, a princesa engravidou do Marquês. A filha era a Silva.

Foram muito felizes.

Inês Rodrigues

\*\*\*\*\*

O Gato das Botas

No dia seguinte a princesa e o Marquês de Aldrabás casaram-se no castelo em que o Gato das Botas comera o rato. Depois do casamento o Gato das Botas foi-se esconder para ver o que se passava no castelo. O Marquês de Aldrabás estava a fazer a vida negra à princesa.

Quando o Gato das Botas viu aquilo, passou logo ao ataque e começaram logo a guerrear. O Gato das Botas salvou a princesa e foram viver para a floresta, onde montaram uma tenda.

Dias depois, o rei chegou da viagem que tinha feito e começou a dizer:

- Onde é que a princesa estará?

O rei foi à procura da princesa e encontrou-a mas achou o Gato das Botas muito estranho. O rei foi ao castelo do Marquês de Aldrabás e o Marquês de Aldrabás tinha morrido. Então o rei sugeriu que o Gato das Botas casasse com a princesa e eles casaram-se mesmo.

Leonardo.

\*\*\*\*\*

O Marquês de Aldrabás aceitou a mão da Princesa em casamento.

Fernando

### O Gato das Botas

O rei foi comer ao palácio e depois foram para o seu castelo.  
Quando eles chegaram, aconteceu um desastre: atiraram uma bomba para dentro do castelo.

Hugo

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

Antes do jantar o rei disse que dava a mão da filha ao rapaz; depois começaram a comer o jantar para preparar a festa para o casamento. Três semanas depois casaram-se na igreja e tiveram filhas.

O gato ficou muito rico e partilhava o dinheiro com o rapaz.

Jéssica Dias

\*\*\*\*\*

O Marquês de Aldrabás aceitou a mão da princesa em casamento.

Na semana seguinte, o moleiro chamou todos para preparar o casamento. O Gato das Botas disse:

- Se não fizerem o que eu disser, zás-trás-pás. Mas antes do casamento ele descansou e teve um pesadelo horrível: sonhou com a princesa e que ela tinha morrido, mas isso era mentira. Então acordou; quando ele acordou já estava no casamento.

Então assim viveram felizes para sempre.

Mariana Pires

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

Então o Marquês de Aldrabás vai casar com a princesa porque o Gato das Botas fez tudo para que o rei o aceitasse.

Chegou o dia do casamento, estavam lá o rei, o irmão mais velho e o irmão do meio do Marquês de Aldrabás e as outras pessoas a quem o Gato das Botas disse «zás-trás-pás». A princesa aceitou casar com o Marquês de Aldrabás e ele também aceitou casar com a princesa.

O Marquês de Aldrabás ficou muito rico e assim já pode dar de comer ao gato das botas.

Beatriz

\*\*\*\*\*

Quando o rei deu a mão da princesa ao rapaz eles casaram e ficaram com o castelo.

O rei ficou com o olival e o gato com a ribeira. Os criados foram distribuídos pelo castelo e pelo olival. E o gato deixou a ribeira e foi ter com o rapaz.

João M.

Quando o rei deu a mão da princesa ao rapaz este ficou muito excitado.  
Estava ansioso pelo dia marcado para o casamento.  
Ficaram todos amigos e os criados foram distribuídos pelo castelo, pelo olival e pelo laranjal.

François

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

O rei deu a mão da princesa em casamento ao Marquês de Aldrabás mas a princesa não aceitou porque desconfiava muito dele e o pai da princesa disse:

- Vais casar com o Marquês de Aldrabás!
- Não vou, não, eu desconfio muito dele.
- O rapaz é muito bonito e obediente.

Mas a princesa, para descobrir a verdade, lá casou com o rapaz e quando soube que ele não tinha o olival, o laranjal nem o palácio foi logo, logo contar ao seu pai, mas o seu pai não acreditou. O rapaz, que estava a ouvir tudo, ficou muito assustado e foi imediatamente contar ao gato que a princesa tinha descoberto tudo. O gato foi ter com o peixe mágico e formulou (pediu) um grande desejo que foi:

- Quero que a princesa mude de opinião e que o rei dê muitas jóias ao Marquês de Aldrabás.

A princesa mudou de opinião e o rei deu muitas jóias e tiveram dois filhos e organizaram uma grande festa de casamento e viveram felizes para sempre.

Inês Madeira

\*\*\*\*\*

O Gato pediu a mão da princesa e ela aceitou. Mas houve magia, o gato comeu o rato mas o rei (Gigante?) conseguiu sair de lá da barriga. Como é que ele saiu? Com magia.

Voltando ao início, o gato depois deu à princesa um anel cheio de brilhantes azuis, depois foram marcar a data do casamento.

No dia a seguir foi o casamento. Quando acabaram foram para o palácio comer carne com arroz. Depois foram para o quarto namorar um bocado.

Sara

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

Quando o rei deu a mão da princesa em casamento ao gato. Mas como o gato não falava, escreveu uma carta ao rei para entregar a carta à princesa. Depois de ela ler a carta combinaram o dia do casamento, casaram e depois foram viver para o castelo do seu pai e viveram felizes para sempre.

Adriano

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

O rei decidiu, então, dar a mão da princesa em casamento.

A princesa, assim que soube, começou logo a reclamar e disse:

- Eu amo mas é o gato!

Depois, uma nuvem de pó encheu o salão e em vez de aparecer o gato apareceu um príncipe.

Ana Filipa Correia

## O Gato das Botas

O rei então decidiu dar a mão de sua filha ao Marquês de Aldrabás.

Então o rapaz foi atrás da princesa. Quando chegou lá, disse-lhe:

- Princesa! Princesa! O seu pai deu-me a sua mão; fico muito feliz por isso.

Ela respondeu:

- Eu, casar com um rapaz feio e gordo, só em sonhos ou pesadelos!

O rapaz foi-se embora a chorar e muito triste. Nunca ninguém o tinha insultado daquela maneira. Mas depois, quando o Marquês de Aldrabás saiu de perto da princesa ela arrependeu-se e foi atrás do rapaz e afirmou:

- Desculpa, eu aceito casar contigo.

Então viveram felizes para sempre.

Inês Martins

\*\*\*\*\*

## O Gato das Botas

No meio do jantar, quando estavam quase a acabar o banquete, diz o rei:

- Senhor Marquês de Aldrabás, decidi dar-lhe a mão da princesa em casamento.

O Gato das Botas, quando ouviu o rei, disse:

- Minhéu, olha o sortudo, minhéu.

No dia seguinte, o rei perguntou ao Marquês de Aldrabás se aceitava que a princesa casasse com ele.

- Claro que sim, rei D. Afonso Henriques.

- Então o casamento fica marcado para 15 de Maio de 2006.

Dois dias depois do casamento, o Marquês foi assaltado e o gato só dizia:

- Socorro, socorro, socorro, assaltaram-nos!

O rei, quando ouviu aquilo, mandou a tropa ir prender os assaltantes nas masmorras e, quanto ao Marquês de Aldrabas, o rei deu-lhe 9999000 pepitas de ouro e mais 99999999990 milhões de euros e viveram felizes para sempre.

Tiago Faustino

## «O Gato das Botas»

Depois de o rei dar a mão da princesa Margarida, o Marquês de Aldrabás ficou com a cara a corar e ficou tão nervoso que quase desmaiou.

A princesa Margarida perguntou:

- É com este rapaz que eu vou casar?

O rei respondeu:

- É sim, minha filha, é com este rapaz que vais casar.

O rapaz foi ter com o gato e perguntou:

- O que é que tu fizeste?

O Marquês, passados uns dias, aceitou e casou com a princesa.

O gato foi enganando mais e mais pessoas.

Carlos

## Gato das Botas

O marquês de Aldrabás aceitou e a princesa também. O gato ficou satisfeito.  
O rei deu uma fortuna ao Marquês de Aldrabás. E o Marquês de Aldrabás e a princesa ficaram felizes para sempre.

Pedro Santos

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

Logo a seguir, o Marquês, muito surpreendido, disse:

- Ham, ham, eu acho que é cedo demais para casar.

E o rei respondeu-lhe.

- Eu acho que é a altura certa.

E assim se casaram e depois tiveram filhos.

César (Cesarini)

\*\*\*\*\*

### Continuação da história «O Gato das Botas»

Depois de comerem a refeição, o Gato das Botas foi logo para o sofá; o rapaz pôs música clássica e convidou a princesa para dançar.

Dançaram a noite toda até que chegou a hora de o rei ir para o seu palácio. O rapaz estava envergonhado, mas já estava habituado à ideia e afirmou:

- Podem ficar aqui no meu palácio!

- Podemos? – perguntou a princesa.

- Claro que podem.

No dia seguinte iam casar e foram para a floresta. Estavam montes de pessoas do reino e até animais e assim acabou a história.

Jéssica G.

\*\*\*\*\*

### O Gato das Botas

Então o rei decidiu dar a mão da sua filha, a princesa, em casamento ao Marquês de Aldrabás.

Estavam todos reunidos e o rei afirmou:

- Senhor Marquês de Aldrabás, eu dou-te a mão da minha filha em casamento; porque tu és um homem generoso e bonito! - mas disse só para si :- Bonito, entre aspas!...- mas aquilo só era para o incentivar.

- Obrigado por me dar a mão da sua filha em casamento.

A princesa não ficou lá muito contente. Ela desatou a chorar e logo foi para o seu quarto porque ela gostava era do gato.

Mas vocês não sabem de uma coisa – é que o gato também gostava dela.

E no fim eles casaram-se, o gato e a princesa.

Isla

**Conclusão de «O Gato das Botas»**  
**(Pelos alunos e pelas alunas da Professora Ina - EB1 nº 2 Carmo)**  
**08/06/2006**

\*\*\*

E o Marquês de Aldrabás aceitou o casamento e tiveram quatro filhos. E o rei ficou contentíssimo por o rapaz ter aceitado a mão da princesa.

José

\*\*\*

(O Gato das botas)  
Fim da história

O casamento foi muito bonito, com flores, etc,...

Depois começou o momento mais importante, quando começou o casamento.

Então, veio o padre e disse:

- Minhas caras Senhoras, meus caros Senhores, vamos dar início ao casamento.

Veio a princesa Maria e o padre disse:

- Maria, aceita casar com João?

- Sim. Oooo quê! João!!! Mas ele não é João, é o Marquês de Aldrabaz – exclamou a princesa Maria.

-Opppsss!!! Inscrevi-me no casamento com o meu nome real. – Disse o João.

- Mas tu não és o Marquês de Aldrabaz? – Perguntou a Maria

- Não. Sou o João, é tudo mentira, o gato mentiu, o palácio é do ogre mágico e os campos também não são meus. – Disse o João.

- Então se é assim, João, o casamento está cancelado.

Depois o gato e o João foram para casa; mesmo assim viveram felizes para sempre!!!?

Ana Eloísa

\*\*\*

Depois disso, a princesa aceita casar, têm filhos e o rei é avô!

Nove anos depois, o rei morre e dá o trono ao Marquês de Aldrabaz e à filha Rosa. Depois, quando os filhos fizeram 18 anos celebra-se o acontecimento e ficam com a coroa de príncipe e de princesa, e viveram felizes para sempre!!!

André

### O gato das botas

A princesa ficou pasma, não sabia o que dizer...

O Marquês de Aldrabaz disse logo que sim, ele quando viu a princesa ficou logo apaixonado. É o que se disse: Amor à primeira vista.

A princesa também gostava dele e então disse que sim

Depois, passado algum tempo, os dois casaram e tiveram 6 filhos. O mais novo tinha 1 ano e o mais velho tinha 6 anos.

O gato também casou com a gatinha da princesa. Tiveram 10 gatinhos muito bonitos.

E viveram felizes para sempre.

Fim

Cristiana Ferreira

\*\*\*

O rapaz ao ouvir o rei dizer para ele casar com a sua filha ficou como uma estátua.

O rapaz levou a princesa à praia mas um bando de piratas raptou a princesa e deixou um bilhete que dizia:

«Levamos a princesa para o nosso barco e o meu nome é André.»

O rapaz leu o bilhete e o rei disse:

- Ó não! A minha filha foi raptada pelo terror dos sete mares, os piratas que encontraram o tesouro! Os piratas de «A Pérola Negra».

O noivado acabou e não houve nenhum casamento.

João

\*\*\*

### O Marquês de Aldrabaz

A princesa aceitou o Marquês de Aldrabaz e casaram. Tiveram muitos filhos. Depois os filhos cresceram, faziam asneiras e guerreavam mas na verdade eram amigos.

Um dia os filhos e os pais foram passear e os seus criados foram buscar a carruagem. No meio do caminho acharam um cão abandonado, coxo. Os príncipes pediram para o levar para o castelo. Deram-lhe banho, deram comida e o cão dormia no quarto dos príncipes. Um dia, o cão partiu uma patinha e os miúdos ficaram tristes mas depois de uns minutos o cão voltou com a pata enfaixada.

Fábio França

\*\*\*

### «O gato e a gata»

Depois de o Marquês de Aldrabaz se casar com a princesa viveram tempos felizes mas o gato viu uma gata que também falava; ela estava de salto alto e estava com um chapéu de cowboy. E os gatos casaram. A gata teve três filhos mas junto a um gato estava colado um outro ogre; e os problemas começaram. O gato não mastigara o ogre enquanto estava em forma de rato e o ogre tinha poderes mágicos. O ogre cresceu tão depressa que ficou com 7m de altura. O gato viu o ogre a ir para a cidade e pediu ao dono que lhe desse uma espada de metal ; o dono deu-lha e ele foi para a cidade e só com 35 golpes matou o ogre e viveram felizes para sempre.

Natan

\*\*\*

## Continuação da história do gato das botas

E o rapaz casou com a princesa. Fizeram muitas riquezas. E tiveram 3 filhos.

O filho mais velho chamava-se Henrique, o filho do meio chamava-se José e o filho mais novo chamava-se João.

E foram felizes para sempre.

Ruben Torres

\*\*\*

## O fim do gato das botas

Eu acho que a Princesa vai casar com o Marquês de Aldrabaz por amor e depois de casarem o empregado diz à Princesa que o Marquês é um senhor pobre cujo pai era um moleiro que já tinha falecido.

A Princesa foi falar com o Marquês e disse-lhe:

- Marquês de Aldrabaz, tu não és rico, pois não? Tu não és dono do trigal ou do olival, és só um senhor pobre e o teu pai era moleiro.

Respondeu-lhe o Marquês:

- Pois eu não sou um rei, só sou um senhor pobre , sem um trigal e um olival mas o castelo é meu.

Diz a Princesa:

- Eu não me quero separar de ti porque gosto de ti.

E passadas umas semanas tiveram uma menina e viveram felizes para sempre.

Joana

\*\*\*

## O Marquês de Aldrabaz

E quando o pai disse – Dou-te a mão da minha filha em casamento - , a princesa apareceu. Quando o Marquês de Aldrabaz viu a princesa ficou apaixonado à primeira vista; quando eles olhavam um para o outro parecia que o Marquês de Aldrabaz ficava no céu e quando pegou na mão da princesa e pediu para casar com ela a princesa aceitou.

Casaram e viveram felizes para sempre e com três filhos.

Tiago

\*\*\*

Um certo dia, estava a princesa a passear pelo jardim, quando o Marquês de Aldrabaz lhe disse pela janela da sala:

- Princesa, temos de pensar no dia do nosso casamento; os convidados, a comida e a roupa.

Marquês, eu não quero tanta comida, os nossos convidados são as nossas famílias. – disse-lhe a princesa – É melhor assim.

- Não, se nós vamos casar, não são só os convidados, é mais alguém e não pode ser só as famílias! – respondeu o Marquês.

- Porque é que não pode ser só as famílias? – perguntou a princesa.

- Porque eu não quero – disse o Marquês.

- Só por não querereres, não interessa, temos de resolver isto – respondeu-lhe a princesa, zangada.

Então escreveram num papel quem queriam que fosse convidado e a princesa ganhou. O Marquês, embora chateado, teve de aceitar.

Ana Maria Correia

\*\*\*

## O gato das botinhas e das espadinhas

E o Marquês de Aldrabaz ficou indeciso mas disse que sim.

Passados 10 dias o rei foi para casa e fez uma jantarada e eles viveram felizes para sempre.

Bruno Losinha

\*\*\*

## O gato das botas

Quando o rei perguntou «Queres casar com a minha filha?» o Marquês de Aldrabaz ficou espantado por o rei ter feito essa pergunta. Aceitou. A princesa disse a mesma coisa mas ela não queria casar pelo dinheiro, queria-o pelo seu amor.

Passado um ano o Marquês de Aldrabaz e a princesa já tinha 5 filhos e já estavam à espera de outro.

Bruno Forte

\*\*\*

Eu acho que o Pedro (Marquês de Aldrabaz) casou com a princesa Micaela mesmo que o Pedro tenha mentido. O rei Luís encontrou uma mulher e casou com ela.

O Pedro e a princesa deram um nome ao gato e o gato passou a chamar-se Gato das Botas.

Passado algum tempo, o gato encontrou uma gatinha jeitosa.

O Pedro depois teve 3 filhos e viveram felizes para sempre.

Inês

\*\*\*

A Princesa casa com o Marquês de Aldrabaz, que é adolescente, e os dois acabam por ir viver juntos para sempre e têm dois filhos e o pai da Princesa fica com as riquezas do Marquês de Aldrabaz.

Gonçalo Martins

\*\*\*

Vou já começar por falar das personagens. O gato das botas é bom e é mentiroso porque ele estava a fazer bem e por outro lado estava a ser mau.

Vou começar a história.

Eu acho que o rei descobriu tudo mas percebeu que o menino não era mau mas sim o gato. Depois o rei prendeu o gato nas masmorras; o menino tentou tirá-lo de lá e ficou preso também. Assim que a princesa retirou o menino de lá, fugiram e viveram felizes para sempre.

O menino era o rei de Aldrabaz e eu acho que a princesa casou por amor e não pelas riquezas, que era tudo mentira, e eu acho que a princesa era honesta.

Fábio

\*\*\*

### O gato das botas

O rapaz gostava da princesa por amor e o rei queria que o Marquês de Aldrabaz casasse com a filha porque, quando passou por aqueles campos, ficou tão admirado e quando chegou ao castelo ficou ainda mais contente.. Então depois o rei pediu a mão da princesa e o Marquês de Aldrabaz ficou com os olhos brilhantes e a rapariga também ficou com os olhos a brilhar.

A princesa virou-se para ele e disse:

- És tão belo! Eu gosto de ti.

Mal o rei acordou eles os dois disseram:

- Nós queremos casar.

- Eu quero a mão da sua filha em casamento e viveram felizes para sempre.

Carolina.

\*\*\*

### O final do gato das botas

O gato das botas ficou com o seu dono e com a princesa e viveram felizes para sempre. Mas a princesa estava tão apaixonada que nem lhe interessava se aquilo era tudo dele ou não e o rei queria arranjar um marido para a sua filha e conseguiu. E viveram todos felizes para sempre, e o gato continuava a perseguir os ratos, mas só por diversão.

O Marquês de Aldrabaz e a Princesa, depois de casarem, foram viver para o castelo do Ogre.

Sofia

\*\*\*

### O gato das botas

E no fim os amigos do Ogre fizeram todos o que o gato disse. E a mentira correu bem. E o Marquês de Aldrabaz casou-se com a Princesa e depois do casamento tiveram 2 filhos: uma menina e um menino. E viveram todos felizes para sempre.

FIM

Ana Barreiros

\*\*\*

No fim, o Marquês DE Aldrabaz aceitou casar com a filha do rei e a filha também aceitou. Mas um certo dia, os Ogres todos juntaram-se e foram ao palácio e disseram toda a verdade ao rei. E o rei queria mandar matar o Marquês de Aldrabaz mas a sua filha não deixou porque ela se apaixonara por ele e os dois fugiram e viveram felizes para sempre com o Gato das Botas.

Gabriel

\*\*\*

Eu queria que o final fosse o casamento da princesa com o príncipe.

Maria Laura

\*\*\*

Quando o Marquês de Aldrabaz viu a princesa e a princesa o viu a ele, eles apaixonaram-se. No dia seguinte eles casaram-se e tiveram 3 filhos: uma menina e dois meninos.

E todos viveram felizes para sempre.

Ylya

\*\*\*

### O Gato das Botas

Quando a princesa viu o Marquês de Aldrabaz ela mal o viu ela gostou dele por amor e eles começaram a dar-se bem e depois ele pediu-a em casamento e ela disse: Sim, que queria casar com ele.

FIM

Jéssica Barbosa

\*\*\*

O final o menino João e a princesa casaram-se e tiveram 2 filhos.

Mas passados alguns anos, o menino João foi descoberto, porque o palácio, o campo de trigo e o olival não eram dele e aí o gato e ele foram presos.

Tatiana

## ANEXO XXXII

Este anexo integra o questionário que serviu de base a um debate dinamizado após a leitura expressiva de uma versão de *O Pequeno Polegar*, selecionada pelas estagiárias.

Depois de debater em pequenos grupos, as crianças registaram as várias opiniões dos elementos do grupo, que apresentamos também neste anexo.

Seguiu-se um debate em grande grupo.

Toda a actividade foi programada em colaboração com as alunas e os alunos que se encontravam a realizar a prática pedagógica nas turmas envolvidas, mas não nos foi possível estar presente no momento da realização, que apenas decorreu numa das salas.

1. Se estivesses no lugar do lenhador ou da lenhadora, o que farias quando faltou o dinheiro?
2. O que achas da decisão do lenhador e da lenhadora?
3. Achas bem que o Pequeno Polegar tenha feito tudo para poder voltar para casa, de cada vez que os pais abandonaram os filhos?
4. O que farias no lugar dele?
5. Achas bem que a mulher do Ogre tenha dito às crianças para entrarem?
6. Achas que o Ogre era um bom marido? Porquê?
7. Achas que o Ogre era um bom pai? Porquê?
8. O que farias no lugar de o Pequeno Polegar, ao perceber que o Ogre tencionava comer-te e aos teus irmãos?
9. Achas bem que o Pequeno Polegar tenha trocado as coroas pelas boinas? Porquê?
10. Achas que o Pequeno Polegar fez bem em roubar as botas? Porquê?
11. No lugar do Pequeno Polegar, o que farias depois de sair da casa do Ogre? Porquê?
12. Achas que o Pequeno Polegar fez bem em ter ido buscar o tesouro do Ogre? Porquê?

Debate em torno de «O Pequeno Polegar»  
Professora INA

**GRUPO AMARELO**

1- Na tua opinião, quem foi o responsável pelo abandono das crianças?

1	O lenhador e a lenhadora são os culpados pelo abandono das crianças
2	Foram os dois culpados
3	O responsável pelo abandono das crianças foi o pai

2- O que achas do facto de a Lenhadora preferir o filho mais velho (Pedro)?

1	Porque o Pedro tinha o cabelo ruivo igual ao da mãe
2	Que não devia ter preferência entre os filhos
3	Eu acho que ela prefere quem quiser

3- Concordas que o Pequeno Polegar tenha trocado as coroas pelas boinas? Porquê?

1	Sim, porque ele e os irmãos não queriam ser comidos pelo Ogre
2	Sim, porque assim salvava a sua vida e a dos irmãos. Não porque para salvarem a sua vida tinham de morrer as filhas do Ogre.

4- O que farias no lugar do Pequeno Polegar, ao perceber que o Ogre te ia comer e aos teus irmãos?

1	Eu comia o Ogre assado
2	Eu, quando o Ogre estava a dormir, cortava a barriga ao meio e tirava os órgãos

5- Achas que o Polegar fez bem em roubar as botas? Porquê?

1	Sim, porque tinha de arranjar dinheiro
2	Sim. Para que a Ogressa acreditasse e para ajudar os pais a ficarem ricos

6- Achas que o Pequeno Polegar fez bem em ter ido buscar o tesouro do Ogre? Porquê?

1	Sim, porque tinha de arranjar dinheiro para salvar a sua família
2	Sim. Porque era para ajudar os pais a ficarem ricos

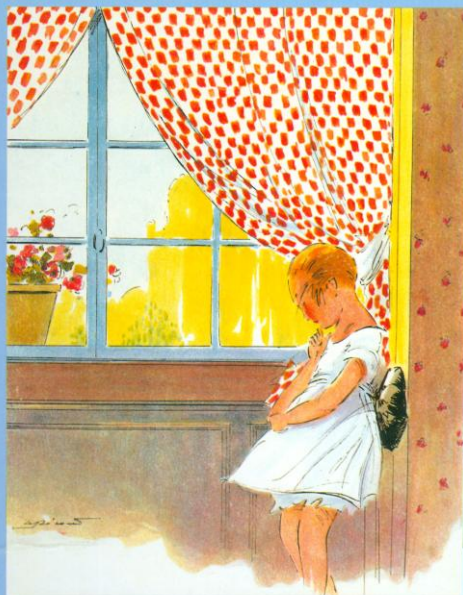
.....  
**NOTA:** No debate em grande grupo, houve uma maior diversidade de opiniões.

## ANEXO XXXIII

Este anexo integra a capa e algumas ilustrações de *Les Malheurs de Sophie*, da autoria de André Pécoud, e as correspondentes, feitas por Maria Helena Vieira da Silva.

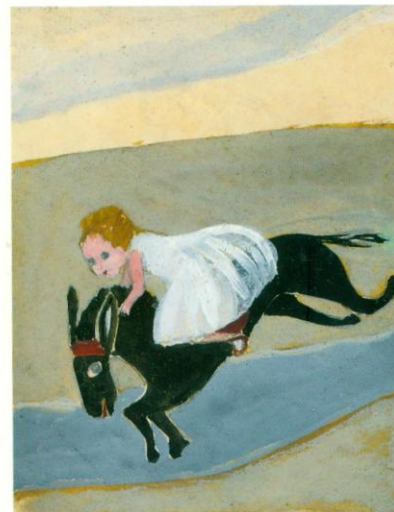
COMTESSE DE SÉGUR  
*Illustrations de André Découd*

# Les Malheurs de Sophie



**H** HACHETTE  
jeunesse

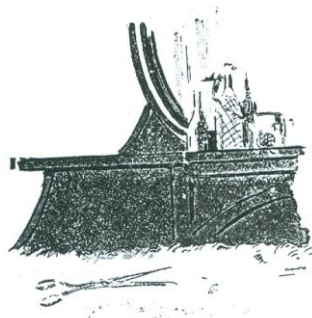
**LES MALHEURS  
DE SOPHIE**  
PAR LA COMTESSE DE SÉGUR



Illustré par Maria Helena VIEIRA DA SILVA

HACHETTE

# LES SOURCILS



U  
bea  
pu  
fal  
tre  
ph  
sont de petits cheveux, doivent faire



ne revinrent jamais aussi épais que le désirait Sophie ;  
aussi depuis ce temps Sophie ne chercha plus à se faire de  
beaux sourcils.



L'ANE RUA ET LANÇA SOPHIE EN L'AIR